



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA APLICADA  
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA

MARCOS ANINKVICIUS GAZZANA

**A CONTRIBUIÇÃO SEMÂNTICA DAS PARTÍCULAS  
NAS *VERB-PARTICLE CONSTRUCTIONS*:  
Um estudo sobre ‘*away*’, ‘*out*’ e ‘*over*’ através da  
Lingüística de Corpus**

**Dissertação de Mestrado**

**São Leopoldo**

**Abril 2008**

**Marcos Aninkvicius Gazzana**

**A CONTRIBUIÇÃO SEMÂNTICA DAS PARTÍCULAS NAS  
*VERB-PARTICLE CONSTRUCTIONS*:  
Um estudo sobre *'away'*, *'out'* e *'over'* através da  
Linguística de Corpus**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Rove Chishman

**São Leopoldo**

**2008**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

G291c

Gazzana, Marcos Aninkvicius.

A contribuição semântica das partículas nas verb-  
particle constructions: um estudo sobre 'away', 'out' e  
'over' através da lingüística de corpus / Marcos  
Aninkvicius Gazzana. – 2008.

166 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio  
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Lingüística  
Aplicada, 2008.

“Orientadora: Profa. Dra. Rove Chishman”.

1. Lingüística de corpus - American National Corpus.  
2. Lingüística de corpus - AntConc 3.2.1w. 3. Lingüística  
cognitiva - Construções verbo-partícula. 4. Língua inglesa -  
Partículas. 5. Língua inglesa – Semântica. 6. Gramática  
cognitiva. 7. Lingüística de corpus - Concordanciador.  
8. Lingüística – Metodologia. 9. Lingüística cognitiva –  
Esquemas imagéticos. 10. Lingüística – Processamento de  
dados. I. Título.

CDU-811.111'367.635

Catálogo na publicação:  
Bibliotecário Flávio Nunes – CRB 10/1298

**Marcos Aninkvicius Gazzana**

**A CONTRIBUIÇÃO SEMÂNTICA DAS PARTÍCULAS NAS  
*VERB-PARTICLE CONSTRUCTIONS*:**

**Um estudo sobre ‘away’, ‘out’ e ‘over’ através da  
Linguística de Corpus**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Rove Chishman

Aprovado em 23 de abril de 2008.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Rove Chishman  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

---

Profa. Dra. Maria da Graça Krieger  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

---

Prof. Dr. Oto Araújo Vale  
Universidade Federal de São Carlos

**Para Fabiana e Lucas,**  
*minha eterna família, meu porto seguro.*  
*Por compartilhar meus momentos de angústia e*  
*pelo apoio e compreensão.*

## AGRADECIMENTOS

À Fabiana, minha esposa, e Lucas, meu filho, que conviveram comigo durante os momentos bons e ruins desta longa empreitada, sempre me apoiando;

Aos meus pais, João e Sonia, pelo apoio, carinho e confiança, que nunca me faltaram nessa vida;

À dona Aygner, minha vó, pelos bons almoços e pela compreensão de minha ausência;

Às professoras do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, em especial à Ana Cristina Ostermann, Ana Maria Stahl Zilles e Maria da Graça Krieger, pelas ótimas aulas e pelos conhecimentos que comigo compartilharam;

Aos meus colegas de mestrado, em especial à Maria Cristina Pereira, Eliane Moura e Márcio Santiago, por sua amizade e companheirismo;

Às secretárias do PPGLA, em especial à Valéria, pela atenção dispensada a mim;

À Allen Allison do laboratório de línguas do Departamento de Linguística da Universidade da Califórnia (San Diego), por gentilmente fazer cópias e me enviar o trabalho de Susan Lindner (1981), que foi imprescindível para esta dissertação;

À Susi Wurmbbrand, por prontamente me enviar um de seus artigos sobre a estrutura das VPCs;

A Timothy Baldwin pelas suas dicas sobre as MWEs via e-mail;

Ao meu primo Fernando Bergamin pela ajuda na formatação da versão final;

Aos meus amigos, que por dois anos suportaram o meu afastamento e reclusão;

Ao café Caboclo, meu companheiro das longas horas despendidas na frente do computador - êta caboclinho bom!

Agradeço especialmente minha orientadora Rove Chishmann, pelos grandes ensinamentos na área da Semântica, pela paciência e pelos esforços para me manter sempre no rumo;

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma me ajudaram nessa conquista!

## RESUMO

As *Verb-Particle Constructions* (VPCs) são construções verbais características da língua inglesa constituídas por um verbo e uma ou duas partículas. Tais estruturas são sintática e semanticamente complexas, uma vez que não se enquadram em regras lógicas e homogêneas. Esta pesquisa visa fazer uma reflexão sobre a semântica das partículas nas VPCs apoiada em conceitos teóricos da Gramática Cognitiva e da Lingüística Cognitiva. A contribuição semântica das partículas ‘*away*’, ‘*out*’ e ‘*over*’ é discutida valendo-se de esquemas imagéticos que permitem fazer relações entre os diferentes significados das partículas encontrados nas VPCs selecionadas para a análise. Através das ferramentas da Lingüística de Corpus, mais especificamente um concordanciador gratuito chamado *AntConc 3.2.1w*, foram selecionadas para a análise as cinco VPCs mais freqüentes do *American National Corpus* com cada partícula. Como resultado, percebeu-se que as partículas contribuem em diferentes graus para o significado total das VPCs, podendo apresentar sentidos mais ou menos metafóricos.

**Palavras-chave:** *Verb-Particle Constructions*, VPCs, Contribuição semântica das partículas, Gramática Cognitiva, Esquemas imagéticos, Lingüística de Corpus, Concordanciador, *American National Corpus*, *AntConc 3.2.1w*.

## ABSTRACT

Verb-Particle Constructions (VPCs) are verbal constructions typical of the English language formed by a verb and one or two particles. Such structures are syntactically and semantically complex due to the fact that they do not fit into logical and homogeneous rules. This research aims at examining the semantics of particles in VPCs within the framework of Cognitive Grammar and Cognitive Linguistics. The discussion of the semantic contribution of the particles 'away', 'out' and 'over' is grounded in image schemas which allow establishing relations among the different meanings of particles found in the VPCs selected for the analysis. By using Corpus Linguistics tools, namely a concordancer called AntConc 3.2.1w, the five most frequent VPCs with each particle in the American National Corpus were selected for the analysis. The results showed that the particles contribute to the overall meaning of VPCs in different degrees, with more and less metaphorical senses.

**Key-words:** Verb-Particle Constructions, VPCs, Semantic contribution of particles, Cognitive Grammar, Image schemas, Corpus Linguistics, Concordancer, American National Corpus, AntConc 3.2.1w.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Os diferentes tipos de VPCs.....	27
<b>Figura 2:</b> Representação da composicionalidade semântica em expressões totalmente composicionais (LANGACKER, 1987, p. 450).....	52
<b>Figura 3:</b> Representação da composicionalidade semântica parcial (LANGACKER, 1987, p. 451).....	54
<b>Figura 4:</b> Transparência e opacidade semântica das expressões idiomáticas.....	56
<b>Figura 5:</b> Transparência e opacidade semântica das VPCs.....	59
<b>Figura 6:</b> Diagrama ilustrando as relações entre as estruturas simbólica, semântica e fonológica, segundo a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, p. 186).....	63
<b>Figura 7:</b> Representação da cena espacial de ‘on’ e ‘be on’ (LINDNER, 1981, p. 79).....	66
<b>Figura 8:</b> Proto-cena para cenas espaciais envolvendo a relação ‘in’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 52).....	68
<b>Figura 9:</b> Descrição da primeira versão do ANC (REPPEN, 2004, p. 110).....	75
<b>Figura 10:</b> Organização dos diretórios e subdiretórios do ANC.....	76
<b>Figura 11:</b> Porcentagem do número de tipos de palavra e de número de arquivos nos <i>subcorpora</i> do ANC.....	77
<b>Figura 12:</b> Porcentagem do número de número total de palavras nos <i>subcorpora</i> do ANC...	78
<b>Figura 13:</b> Futura distribuição do ANC (REPPEN, 2004, p. 107).....	80
<b>Figura 14:</b> Janela principal do <i>AntConc 3.2.1w</i> .....	83
<b>Figura 15:</b> Proto-cena da partícula ‘out’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 201).....	104
<b>Figura 16:</b> Significado prototípico da partícula ‘out’ (LINDNER, 1981, p. 82).....	105
<b>Figura 17:</b> Super esquema da partícula ‘out’ (LINDNER, 1981, p. 140).....	107
<b>Figura 18:</b> ‘Sentido de distinção’ (LINDNER, 1981, p. 93).....	110
<b>Figura 19:</b> ‘Sentido de visibilidade’.....	111
<b>Figura 20:</b> Mudança de acessibilidade para inacessibilidade (LINDNER, 1981, p. 117).....	117
<b>Figura 21:</b> Similaridade entre os sentidos de ‘out’ (LINDNER, 1981, p. 121).....	123
<b>Figura 22:</b> Proto-cena da partícula ‘over’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 66).....	125

<b>Figura 23:</b> ‘Trajetória A-B-C’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 71).....	126
<b>Figura 24:</b> ‘Sentido de transferência’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 87).....	127
<b>Figura 25:</b> ‘Sentido de controle’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 102).....	130
<b>Figura 26:</b> Cena espacial para a tomada de controle.....	132
<b>Figura 27:</b> ‘Sentido de mais’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 98).....	133
<b>Figura 28:</b> ‘Sentido de acima-e-além’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 84).....	136
<b>Figura 29:</b> Cena espacial representando o ato de ‘não superar’ .....	137
<b>Figura 30:</b> ‘Sentido de inspeção’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 94).....	138
<b>Figura 31:</b> ‘Sentido de deslocamento’ .....	140
<b>Figura 32:</b> Proto-cena da partícula ‘ <i>away</i> ’ .....	145
<b>Figura 33:</b> ‘Sentido de abandono’ .....	148
<b>Figura 34:</b> ‘Sentido de remoção’ .....	152

## LISTA DE LINHAS DE CONCORDÂNCIA

<b>Linhas de concordância 1:</b> As vinte primeiras concordâncias com <i>fight over</i> no diretório <i>written1</i> .....	98
<b>Linhas de concordância 2:</b> Diferentes formas de <i>be out</i> no diretório <i>written2</i> .....	101
<b>Linhas de concordância 3:</b> Exemplos da expressão idiomática <i>be all over</i> no diretório <i>written1</i> .....	101
<b>Linhas de concordância 4:</b> Exemplos de significado metafórico de <i>go out</i> no diretório <i>written1</i> .....	106
<b>Linhas de concordância 5:</b> Exemplos de diferentes formas de <i>point out</i> no diretório <i>written1</i> .....	109
<b>Linhas de concordância 6:</b> Exemplos de diferentes formas de <i>come out</i> no diretório <i>written1</i> .....	111
<b>Linhas de concordância 7:</b> Exemplos de <i>come out</i> significando ‘tornar-se público’ no diretório <i>written1</i> .....	112
<b>Linhas de concordância 8:</b> Exemplos de <i>come out</i> significando ‘tornar-se acessível ao público’ no diretório <i>written1</i> .....	113
<b>Linhas de concordância 9:</b> Exemplos de diferentes significados de <i>go out</i> retirados do diretório <i>written1</i> .....	113
<b>Linhas de concordância 10:</b> Exemplos de diferentes formas de <i>find out</i> retirados do diretório <i>written2</i> .....	114
<b>Linhas de concordância 11:</b> Exemplos de <i>figure out</i> retirados do diretório <i>written2</i> .....	116
<b>Linhas de concordância 12:</b> Exemplos de <i>go out</i> + substantivo com o ‘sentido de não mais’ retirados do diretório <i>written2</i> .....	117
<b>Linhas de concordância 13:</b> Exemplos de <i>go out</i> retirados do diretório <i>written1</i> e <i>written2</i> .....	118
<b>Linhas de concordância 14:</b> Exemplos de <i>turn off</i> retirados do diretório <i>written1</i> .....	119
<b>Linhas de concordância 15:</b> Exemplos de <i>go out</i> e <i>get out</i> retirados do diretório <i>written1</i> .....	119
<b>Linhas de concordância 16:</b> Exemplos de <i>get out</i> retirados do diretório <i>written1</i> .....	121

<b>Linhas de concordância 17:</b> Exemplos de ‘ <i>get out</i> ’ retirados do diretório <i>written1</i> .....	121
<b>Linhas de concordância 18:</b> Exemplos de ‘ <i>hand over</i> ’ retirados do diretório <i>written2</i> .....	128
<b>Linhas de concordância 19:</b> Exemplos do verbo ‘ <i>hand</i> ’ retirados do diretório <i>written2</i> .....	129
<b>Linhas de concordância 20:</b> Exemplos de diferentes formas de ‘ <i>take over</i> ’ retirados do diretório <i>spoken</i> .....	131
<b>Linhas de concordância 21:</b> Exemplos de ‘ <i>go over</i> ’ retirados do diretório <i>written2</i> .....	133
<b>Linhas de concordância 22:</b> Exemplos de ‘ <i>get over</i> ’ retirados dos diretórios <i>written1</i> e <i>written2</i> .....	134
<b>Linhas de concordância 23:</b> Exemplos de ‘ <i>get over</i> ’ retirados dos diretórios <i>written1</i> .....	135
<b>Linhas de concordância 24:</b> Exemplos de ‘ <i>get over</i> ’ (‘superar’) retirados do diretório <i>spoken</i> .....	136
<b>Linhas de concordância 25:</b> Exemplos de ‘ <i>go over</i> ’ retirados dos diretórios <i>written1</i> e <i>written2</i> .....	139
<b>Linhas de concordância 26:</b> Exemplos de ‘ <i>go over</i> ’ retirados do diretório <i>written1</i> .....	141
<b>Linhas de concordância 27:</b> Exemplos de ‘ <i>come over</i> ’ retirados do diretório <i>written1</i> .....	142
<b>Linhas de concordância 28:</b> Exemplos de ‘ <i>take over</i> ’ e ‘ <i>get over</i> ’ retirados do diretório <i>written1</i> .....	143
<b>Linhas de concordância 29:</b> Exemplos de ‘ <i>get away</i> ’ e ‘ <i>go away</i> ’ retirados do diretório <i>written1</i> .....	146
<b>Linhas de concordância 30:</b> Exemplos de ‘ <i>give away</i> ’ retirados do diretório <i>written1</i> .....	148
<b>Linhas de concordância 31:</b> Exemplos de ‘ <i>walk away</i> ’ e ‘ <i>get away</i> ’ retirados do diretório <i>written1</i> .....	149
<b>Linhas de concordância 32:</b> Exemplos de ‘ <i>take away</i> ’ e ‘ <i>get away</i> ’ retirados do diretório <i>written1</i> .....	151
<b>Linhas de concordância 33:</b> Exemplos de diferentes sentidos de ‘ <i>go out</i> ’ .....	156

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Composicionalidade semântica e contribuição dos componentes de uma VPC (KIM e BALDWIN, 2007, p.2).....	49
<b>Tabela 2:</b> Contribuição semântica dos componentes de uma VPC (PATRICK e FLETCHER, 2006, p.2).....	49
<b>Tabela 3:</b> Classificação de tamanho de um <i>corpus</i> (BERBER SARDINHA, 2004, p. 26).....	73
<b>Tabela 4:</b> Número de arquivos e número de palavras dos <i>subcorpora</i> do ANC.....	79
<b>Tabela 5:</b> As freqüências das seis partículas mais comuns nas VPCs nos diretórios principais do ANC.....	86
<b>Tabela 6:</b> As freqüências de outras oito partículas nos diretórios principais do ANC.....	86
<b>Tabela 7:</b> As freqüências de outras seis partículas nos diretórios principais do ANC.....	87
<b>Tabela 8</b> Lista e freqüência dos agrupamentos lexicais (com verbo) mais comuns com a partícula ‘ <i>away</i> ’ .....	94
<b>Tabela 9</b> Lista e freqüência dos agrupamentos lexicais (com verbo) mais comuns com a partícula ‘ <i>over</i> ’ .....	96
<b>Tabela 10:</b> Lista e freqüência dos agrupamentos lexicais (com verbo) mais comuns com a partícula ‘ <i>out</i> ’ .....	97
<b>Tabela 11:</b> <i>T-score</i> dos dez agrupamentos lexicais mais freqüentes nos três diretórios principais.....	100
<b>Tabela 12:</b> Valores de T para a VPC ‘ <i>go away</i> ’ .....	102
<b>Tabela 13:</b> <i>T-score</i> final dos dez agrupamentos lexicais mais freqüentes.....	102
<b>Tabela 14:</b> Seleção final das quinze VPCs a serem analisadas.....	103

## LISTA DE SIGLAS

ANC	– <i>American National Corpus</i>
GC	– Gramática Cognitiva
ICLA	– <i>International Cognitive Linguistics Association</i>
LC	– Lingüística de Corpus
LM	– <i>Landmark</i>
MWE(s)	– <i>MultiWord Expression(s)</i>
MWU(s)	– <i>Multiword Unit(s)</i>
VPC(s)	– <i>Verb-Particle Construction(s)</i>
VPP(s)	– <i>Verb-Prepositional Phrase(s)</i>
TR	– <i>Trajector</i>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1. ORIENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>22</b>
1.1 CARACTERÍSTICAS DAS VPCS .....	23
1.1.1 <i>Características Sintáticas.....</i>	27
1.1.2 <i>Características Morfológicas.....</i>	31
1.2 A NATUREZA E A PROBLEMÁTICA DAS VPCS .....	32
1.2.1 <i>Previsibilidade.....</i>	34
1.2.2 <i>Multiword Expressions.....</i>	38
1.2.3 <i>Composicionalidade Semântica .....</i>	46
1.2.4 <i>Transparência e Opacidade Semântica.....</i>	55
1.3 GRAMÁTICA COGNITIVA.....	60
1.3.1 <i>A Natureza da Estrutura Gramatical .....</i>	62
1.3.2 <i>Esquemas Imagéticos .....</i>	65
<b>2. ASPECTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>69</b>
2.1 LINGÜÍSTICA DE CORPUS .....	70
2.1.1 <i>American National Corpus.....</i>	74
2.1.2 <i>AntConc 3.2.1w.....</i>	82
2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	85
2.2.1 <i>Etapas do processo de coleta de dados .....</i>	88
2.2.2 <i>Problemas encontrados no processo de coleta de dados.....</i>	90
<b>3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>92</b>
3.1 OBSERVAÇÕES PRELIMINARES .....	93
3.1.1 <i>Pré-seleção .....</i>	93
3.1.2 <i>Limpeza de dados .....</i>	98
3.1.3 <i>Seleção final .....</i>	102
3.2 A SEMÂNTICA DAS VPCS COM A PARTÍCULA <b>OUT</b> .....	<b>103</b>
3.2.1 <i>Significado Prototípico de OUT.....</i>	104
3.2.2 <i>Outros Significados de OUT .....</i>	108

3.3 A SEMÂNTICA DAS VPCS COM A PARTÍCULA <b>OVER</b> .....	124
3.3.1 <i>Significado Prototípico de OVER</i> .....	124
3.3.2 <i>Outros Significados de OVER</i> .....	126
3.4 A SEMÂNTICA DAS VPCS COM A PARTÍCULA <b>AWAY</b> .....	144
3.4.1 <i>Significado Prototípico de AWAY</i> .....	145
3.4.2 <i>Outros Significados de AWAY</i> .....	146
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>153</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>161</b>
<b>REFERÊNCIAS NA WEB</b> .....	<b>167</b>

## INTRODUÇÃO

Tomando como base o aprendizado de inglês como língua estrangeira, percebe-se que os aprendizes brasileiros se deparam tanto com estruturas que se assemelham ao português, quanto com estruturas totalmente distintas, o que às vezes torna o processo de aprendizagem complicado e tortuoso. Em geral, são estas construções diferentes que originam problemas e dificultam a compreensão dos aprendizes. Embora este trabalho não esteja diretamente ligado à Aquisição de Língua Estrangeira, a motivação principal provém da constatação da dificuldade encontrada por aprendizes ao lidar com construções típicas do inglês – as *Verb-Particle Constructions*<sup>1</sup>.

As *Verb-Particle Constructions* (doravante VPCs) são construções verbais complexas, características das línguas germânicas, como, por exemplo, o holandês, o alemão, o dinamarquês e o próprio inglês. Estas estruturas são sintática e semanticamente complexas, pois são formadas por mais de uma palavra que, juntas, produzem um só significado, o que as torna um desafio enquanto objeto de estudo.

As VPCs, também conhecidas como *phrasal verbs*, são essencialmente verbos compostos por duas ou três palavras, sendo a primeira um verbo e a segunda e a terceira (quando há uma terceira), uma preposição ou um advérbio, como, por exemplo, ‘*take up*’, ‘*come across*’, ‘*turn off*’, ‘*get by*’, ‘*break out*’ e ‘*put up with*’. A preposição e/ou o advérbio que fazem parte das VPCs também são chamados de **partícula**<sup>2</sup>, pois cumprem um papel diferente das preposições e advérbios, já que contribuem para o significado juntamente com o verbo<sup>3</sup> – por isso o nome *Verb-Particle Constructions*, ou simplesmente VPCs.

---

<sup>1</sup> Este também será o nome adotado nesta dissertação, embora o termo ‘Construções Verbo-Partícula’ também seja utilizado.

<sup>2</sup> Negrito será usado para destacar termos técnicos, quando relevante.

<sup>3</sup> Esta é uma das questões centrais do trabalho e será discutida em mais detalhe ao longo da dissertação.

Este trabalho se propõe, em um primeiro momento, a refletir sobre a semântica das VPCs tendo como fundamentação teórica principal a Gramática Cognitiva<sup>4</sup> de Ronald Langacker (1987) e também o trabalho de Susan Lindner (1981) sobre as *'Verb-Particle Constructions'* com *'out'* e *'up'*. Outro estudo que traz uma contribuição importante para o presente trabalho é Tyler e Evans (2003), que fazem uma análise semântica das preposições na língua inglesa também sob a perspectiva da Linguística Cognitiva. Será feita uma análise semântica das VPCs com as partículas *'away'*, *'over'* e *'out'*, utilizando ferramentas da Linguística de Corpus para fazer a coleta de dados, a fim de verificar a adequação descritiva e explanatória das concepções teóricas em dados empíricos.

Uma das características semânticas mais marcantes das VPCs é que tais construções colocam em xeque a idéia de que cada palavra tem um significado independente, pois seus elementos constituem uma unidade lingüística com um único significado. Além disso, as VPCs<sup>5</sup> são muito freqüentes na língua inglesa e se diferenciam dos outros verbos por terem um significado diferente do verbo quando este aparece sozinho. Por exemplo:

(1) Susan broke her finger yesterday.

(2) Susan and her boyfriend broke up yesterday.

O verbo *'broke'*, no exemplo (1), significa 'quebrou', enquanto a VPC *'broke up'*, no exemplo (2), significa 'terminaram' (ou seja, 'terminaram o namoro'). Nota-se que o significado do verbo *'break'* é diferente da VPC *'break up'*. Além disso, dependendo da partícula, o significado do todo pode ser completamente diferente e independente do significado do verbo quando este não está na VPC. Por exemplo, o significado de *'break up'* aparentemente não tem nenhuma ligação com o significado de *'break out'* ('disseminar-se', 'alastar-se') ou *'break into'* ('invadir', 'entrar sem permissão'), ou ainda *'break away'* ('escapar', 'fugir repentinamente'). Sob um primeiro olhar, não há uma ligação óbvia entre o significado dos componentes de uma VPC quando se interpreta o todo. Entretanto, ao analisar o valor semântico das partículas, pode-se chegar a um nível mais abstrato de entendimento da estrutura semântica das VPCs e discutir as relações existentes entre seus componentes, assim como a contribuição de cada um para o significado do todo.

---

<sup>4</sup> Langacker usou o termo Gramática Cognitiva (*Cognitive Grammar*) para referir-se ao seu próprio trabalho (Langacker, 1987), que havia chamado inicialmente de *Space Grammar*. Porém, outros autores, como por exemplo, Lakoff (1988), utilizam o termo Semântica Cognitiva.

<sup>5</sup> Para uma descrição mais detalhada sobre as VPCs, ver Capítulo I, seção '1.1 Características das VPCs'.

A questão central desta dissertação é justamente discutir a contribuição semântica que as partículas exercem na composição do significado das VPCs, assumindo que não somente os verbos determinam o seu significado total, mas também as partículas. Essa idéia está ligada ao **Princípio da Composicionalidade Semântica**<sup>6</sup> proposto por Frege<sup>7</sup> (1978) – muito discutido e revisitado nas teorias lingüísticas – que afirma que a interpretação de construções complexas é determinada pela interpretação das partes individuais e pela maneira em que estas partes são colocadas em conjunto.

Outra questão importante para esta dissertação é o fato de haver diferentes níveis de contribuição entre os componentes de uma VPC, ou seja, ao assumir que o significado das VPCs é composicional, assume-se também que nem sempre o significado total das VPCs está igualmente dividido com o verbo contribuindo em cinquenta por cento do significado e a partícula (ou partículas) com os outros cinquenta. Obviamente existem níveis de contribuição, o que traz à tona outro importante estudo para o presente trabalho – a discussão sobre as diferentes dimensões da **idiomaticidade** proposta por Nunberg, Sag e Wasow (1994), que trata da composicionalidade semântica de estruturas complexas compostas por mais de uma palavra discutindo sua **transparência** e/ou a **opacidade**<sup>8</sup> semântica.

Segundo Nunberg, Sag e Wasow (ibid., p.491), “a **idiomaticidade** está fortemente ligada à **não-composicionalidade** na literatura da gramática gerativa”. Porém, eles afirmam que esta definição não leva em conta várias dimensões da idiomaticidade e que uma análise mais minuciosa das propriedades semânticas de estruturas complexas pode ajudar a explicar suas ligações com a maneira como os humanos concebem o mundo e como elas são representadas através da língua.

A relevância desta investigação sobre as VPCs através de uma visão cognitiva deve-se, principalmente, a tal complexidade da estrutura semântica destas construções. A

---

<sup>6</sup> Além de Langacker (1987), há também outros autores que discutem o Princípio da Composicionalidade Semântica, como, por exemplo, Frawley (1992), Cruse (2000), Nunberg, Sag e Wasow (1994) e Saeed (1997).

<sup>7</sup> Gottlob Frege (1848-1925), um matemático alemão que também ficou conhecido por trabalhos na área de filosofia e lógica, formulou tal princípio com base em estudos matemáticos, semânticos e filosóficos. Frege influenciou não só a lógica, mas uma variedade grande de campos filosóficos, desde a ontologia até a filosofia da linguagem.

<sup>8</sup> Transparência e opacidade semântica estão relacionadas com a possibilidade de deduzir o significado de uma estrutura formada por mais de uma palavra a partir da soma dos significados dos seus componentes. Ver Capítulo I – ‘1.2.3 Composicionalidade Semântica’; e ‘1.2.4 Transparência e Opacidade Semântica’.

Gramática Cognitiva (doravante GC) privilegia a análise semântica e se opõe à Gramática Gerativa no que tange à autonomia da sintaxe – defendida pelo gerativismo. Para a GC, o léxico e a gramática são simbólicos por natureza e são motivados por aspectos e funções conceituais e semânticas característicos da cognição humana.

O trabalho de Lindner (1981) é uma análise léxico-semântica das VPCs que defende a contribuição semântica das partículas no significado total das VPCs<sup>9</sup>. O estudo da autora se fundamenta na GC de Langacker, na época conhecida como *Space Grammar*, mostrando que o significado das partículas está relacionado a **processos imagéticos** motivados pela experiência humana no mundo. Tais processos são **representações espaciais** de estruturas semânticas que expressam o conhecimento humano e são determinados pela experiência corporal.

Essas idéias também estão em sintonia com o trabalho de Tyler e Evans (2003) sobre a semântica das preposições do inglês. Os autores observam que as preposições, que na sua origem eram usadas para descrever relações espaciais entre duas entidades físicas, desenvolveram também uma gama de **significados não-espaciais**. Tyler e Evans (ibid., p.2) afirmam ainda que “os significados de preposições e/ou partículas estão claramente calcados na natureza da experiência físico-espacial humana<sup>10</sup>” e são sistematizados e motivados, o que evidencia a importância de considerar a contribuição semântica das partículas nas VPCs.

Sendo assim, pode-se dizer que a GC de Langacker (1987) e a teoria semântica de Tyler e Evans (2003) dão suporte teórico para estudos de linguagem figurativa e fenômenos lingüísticos – como as VPCs – que habitam as fronteiras entre o léxico e a gramática. Além disso, abordagens identificadas com a autonomia da sintaxe não dão conta de uma descrição mais detalhada sobre as VPCs, já que, por serem estruturas semanticamente complexas, não se enquadram em regras lógicas e homogêneas. Fraser (1976), por exemplo, afirmou que as partículas geralmente não têm significado e que a maioria das VPCs devem ser incluídas no léxico como “expressões semanticamente inalisáveis<sup>11</sup>” e arbitrárias.

---

<sup>9</sup> “The central claim of this dissertation is that particles almost invariably contribute to the meaning of VPCs”. (LINDNER, 1981, p. xii)

<sup>10</sup> “The meanings of this set of words are clearly grounded at some level in our spatio-physical interaction with the world”. (TYLER e EVANS, 2003, p. 2)

<sup>11</sup> “Semantically unanalyzable expressions”.

Em suma, o presente trabalho tem como orientação teórica a GC de Langacker (1987) e parte do pressuposto de que as VPCs são estruturas verbais complexas que podem ser analisadas semanticamente se a contribuição das partículas para o significado total das VPCs for considerada. Além disso, assume-se que a contribuição das partículas está relacionada a **processos imagéticos** que são representações da experiência humana no mundo – o que também pode ser verificado no trabalho de Lindner (1981) e Tyler e Evans (2003).

Esta pesquisa tem dois pilares principais: um lingüístico e outro tecnológico. A parte lingüística da pesquisa está ligada à análise semântica das VPCs introduzida acima, já o pilar tecnológico da pesquisa está relacionado à parte metodológica, que envolve a utilização de ferramentas da Lingüística de Corpus (doravante LC) para fazer a extração e coleta de dados da pesquisa e de um *corpus*<sup>12</sup>.

A utilização de uma ferramenta da LC, mais especificamente um **concordanciador** chamado *AntConc 3.2.1w*<sup>13</sup>, para fazer a extração e coleta de dados, deve-se a dois motivos principais: facilitar a coleta de dados e fundamentar a análise e discussão dos dados.

É importante frisar que na LC tem-se como central a noção de linguagem enquanto sistema probabilístico. Segundo essa noção, a descrição lingüística deve ser baseada em evidências empíricas e não intuições. Além disso, a utilização de tal ferramenta visa enriquecer o trabalho, já que permite que os dados sejam genuínos e representativos.

Partindo da idéia de que as VPCs são construções semanticamente complexas, compostas por dois ou três constituintes e assumindo que cada um deles pode exercer diferentes graus de contribuição no conteúdo do seu significado total, propõem-se as seguintes questões norteadoras:

1) Em que medida cada um dos constituintes que compõem as VPCs contribuem para a composição do seu significado total?

---

<sup>12</sup> O *corpus* a ser utilizado é o *American National Corpus*. Ver Capítulo II para uma descrição mais detalhada do *corpus*.

<sup>13</sup> Esta é uma ferramenta gratuita disponível na Internet, desenvolvida por Laurence Anthony da Universidade de Waseda (Japão). Ver Capítulo II para uma descrição mais detalhada da ferramenta.

2) Se existe composicionalidade semântica nas VPCs, como se pode caracterizar a contribuição semântica das partículas nas VPCs?

3) Que tipo de relação se pode estabelecer entre o significado das partículas nas VPCs e o seu significado quando empregadas de forma isolada?

4) É possível estabelecer relações entre os sentidos mais concretos e os mais metafóricos (ou abstratos) das partículas nas VPCs?

5) Em que medida as evidências empíricas vêm ratificar as propostas teóricas de Tyler e Evans (2003) e Lindner (1981) no que tange à semântica das VPCs?

É necessário ressaltar que, como se pode notar nas questões acima, o foco principal de investigação está relacionado à semântica das VPCs, entretanto, os procedimentos metodológicos ligados à LC também são imprescindíveis para a realização da pesquisa.

Para responder essas questões, este trabalho está dividido em três partes: a teórica, a metodológica e a análise e discussão dos dados. Cada uma destas partes compreende um capítulo, que tem, por sua vez, objetivos específicos. Deste modo, cabe aqui delinear uma breve descrição dos capítulos e seus objetivos.

O ‘Capítulo I’ discute as bases teóricas e os conceitos que fundamentam o trabalho através da literatura estudada. O objetivo deste capítulo é dar suporte às escolhas teóricas feitas e apresentar um panorama geral de estudos sobre construções complexas, contextualizando a problemática que envolve as VPCs. Além disso, esse capítulo introduz conceitos relacionados ao uso de esquemas imagéticos no estudo de partículas espaciais que servem de base para a análise e discussão dos dados propostos pelo trabalho.

O ‘Capítulo II’ propõe uma discussão dos procedimentos metodológicos adotados para fazer a coleta de dados e, além disso, apresenta uma descrição do *corpus* e sua organização e também uma descrição das características e recursos da ferramenta utilizada. Este capítulo tem por objetivo justificar a utilização de um *corpus* e um concordanciador para fazer a coleta de dados e descrever os procedimentos metodológicos e critérios seguidos.

O 'Capítulo III' apresenta a análise dos dados, que estão divididos de acordo com as partículas *'away'*, *'out'* e *'over'* e também as considerações finais sobre os resultados do trabalho. O objetivo deste capítulo é apresentar uma discussão dos dados analisados à luz da teoria estudada e responder as questões aqui propostas.

## 1. ORIENTAÇÃO TEÓRICA

*What one finds in language depends in large measure on what one expects to find.*

*Ronald Langacker*

O estudo de estruturas gramaticais formadas por mais de uma palavra, como as *Verb-Particle Constructions* (VPCs), envolve várias questões teóricas, que vão desde a distinção entre linguagem literal e linguagem figurada, até conceitos lingüísticos como idiomaticidade, composicionalidade semântica, transparência e opacidade semântica – para enumerar alguns. Antes de adentrar na análise aqui proposta, é necessário contextualizar a natureza e a problemática dessas estruturas e entender as questões centrais relacionadas a este estudo semântico das VPCs.

Este capítulo tem três objetivos principais: 1) delimitar o objeto de estudo deste trabalho; 2) estabelecer uma reflexão sobre as bases teóricas e conceitos chave que dão suporte a este estudo; e 3) antecipar as questões relevantes à análise de dados. Para tanto, o capítulo está dividido em três seções.

A primeira seção (1.1) trata da delimitação do objeto de estudo e apresenta características sintáticas e morfológicas das VPCs. O objetivo dessa primeira seção é delimitar o objeto de estudo e estabelecer os critérios de identificação que são empregados na parte aplicada.

Na segunda seção (1.2), as VPCs são apresentadas em meio a outras estruturas complexas que compartilham algumas características sintáticas e semânticas fazendo referência a diferentes estudos e diferentes escolas de pensamento. Estas estruturas complexas são formadas por mais de uma palavra, mas constituem uma unidade lexical única, como as

VPCs. O objetivo dessa exposição é mostrar um panorama mais amplo dos estudos sobre essas estruturas e mostrar diferentes nomenclaturas e classificações discutindo algumas características compartilhadas por diferentes tipos de construções complexas do inglês. A segunda seção também apresenta uma discussão envolvendo os conceitos semânticos chave, como, por exemplo, a composicionalidade e a transparência/opacidade semântica, que sustentam esta análise semântica das VPCs. Essa discussão focalizada nos conceitos semânticos tem por objetivo antecipar algumas questões centrais que são aprofundadas no Capítulo III.

A terceira seção (1.3) apresenta uma visão geral sobre a GC enfocando as vantagens de se fazer essa análise semântica através de tal perspectiva e discutindo questões teóricas que fundamentam a análise de dados. Essa seção também apresenta uma introdução sobre como os esquemas imagéticos são usados na descrição lingüística, assim como conceitos necessários para compreender a relação entre as entidades<sup>14</sup> representadas em uma cena espacial.

## 1.1 CARACTERÍSTICAS DAS VPCS

As VPCs (também chamadas<sup>15</sup> ‘*Phrasal Verbs*’, ‘*Multiword Verbs*’ ou ainda ‘*Two-part Verbs*’) são verbos compostos por duas ou três palavras, sendo a primeira um verbo e a segunda e a terceira (quando há uma terceira), uma preposição ou um advérbio. A preposição e/ou o advérbio que fazem parte das VPCs também são chamados de ‘partícula’, pois têm uma função diferente das preposições e advérbios (conforme já mencionado na introdução) – por isso o nome *Verb-Particle Constructions*.

O número de partículas que se combinam com os verbos para formar VPCs é finito. Porém, há muitos verbos que se combinam com as partículas. De acordo com um estudo sobre o número de VPCs nos dicionários, apresentado por Villavicêncio (2003b), de 15 a 20%

---

<sup>14</sup> Conforme já mencionado na introdução, a GC e a Lingüística Cognitiva fazem uso de esquemas imagéticos para descrever relações espaciais baseadas na experiência humana. Tais relações envolvem entidades físicas, como, por exemplo, objetos ou pessoas e/ou entidades não-físicas, como, por exemplo, pensamentos ou idéias. Para uma discussão mais aprofundada ver seções ‘1.3.1 A Natureza da Estrutura Gramatical’ e ‘1.3.2 Esquemas Imagéticos’.

<sup>15</sup> Estes são apenas alguns exemplos. Ver Lindner (1981, p. 3-4) para mais exemplos.

dos verbos da língua inglesa são usados em VPCs. Isto indica que o número estimado de VPCs no inglês pode chegar a dezenas de milhares, já que há verbos que podem ser usados isoladamente em mais de 20 VPCs – como é, por exemplo, o caso dos verbos ‘*get*’, ‘*take*’ e ‘*put*’, entre outros.

As partículas mais freqüentes nas VPCs, segundo Villavicêncio (2003a), são: ‘*away*’, ‘*down*’, ‘*in*’, ‘*on*’, ‘*out*’ e ‘*up*’. Há alguns verbos que raramente se combinam com partículas, como, por exemplo, os verbos estativos<sup>16</sup> (‘*be*’, ‘*know*’, ‘*have*’, ‘*cost*’, etc.) e verbos de origem latina e grega – como no exemplo abaixo.

<i>call up</i>	<i>phone up</i>	<i>figure out</i>	<i>be over</i>
<i>ring up</i>	* <i>telephone up</i>	* <i>discover out</i>	* <i>know over</i>

No entanto, na VPC ‘*phone up*’<sup>17</sup> (‘telefonar’), o verbo ‘*phone*’ aceita a partícula, embora tal verbo venha do verbo ‘*telephone*’ (também ‘telefonar’), que vem do grego. O verbo ‘*figure*’, que vem do latim, também aceita a partícula para formar a VPC ‘*figure out*’ (‘desvendar’, ‘descobrir’), já ‘*discover*’ (‘descobrir’), também do latim, não forma nenhuma VPC. O verbo estativo ‘*be*’ (‘ser’, ‘estar’) aceita algumas partículas, como, por exemplo, ‘*over*’ em ‘*be over*’ (‘estar terminado’), já outros verbos estativos, como ‘*know*’, não formam VPCs.

Por causa de sua estrutura, pode-se confundir uma VPC com um verbo seguido de preposição ou advérbio que não apresenta idiomatismo no significado. Considerando os exemplos abaixo, vê-se que no exemplo (1) o verbo ‘*run up*’ significa ‘adquirir’, ‘ficar sujeito a’, enquanto, no exemplo (2), o significado do verbo é simplesmente ‘correr’ e a preposição encabeça o sintagma preposicional que segue o verbo.

(1) *John ran up a bill.* (‘John adquiriu uma conta’<sup>18</sup>)

(2) *John ran up a hill.* (‘John correu morro acima’)

No caso do exemplo (1), que é uma VPC, verifica-se um grau de idiomatismo<sup>19</sup>, ou seja, o significado do todo é diferente da soma dos significados das partes. Já a construção do

<sup>16</sup> Verbos estativos são verbos indicadores de estado.

<sup>17</sup> Seria interessante investigar esse fenômeno e ver se há mais verbos que têm origem no grego ou latim e, que após serem abreviados, aceitam a partícula formando uma VPC.

<sup>18</sup> ‘Conta’ aqui dá uma idéia de ‘dívida’.

exemplo (2) não apresenta idiomaticidade e é denominada ‘*Verb-Prepositional Phrase*’ (doravante VPP) na literatura.

Então, como se pode observar no exemplo (2), as VPPs podem expressar direção e não possuem idiomaticidade. Entretanto, segundo Lindner (1981), algumas VPPs, como ‘*rely on*’ (‘contar com’) e ‘*laugh at*’ (‘rir de’) apresentam certa idiomaticidade. Considere os exemplos (3) e (4).

(3) *You may rely on me.* (‘Você pode contar comigo’)

(4) *Fred laughed at Harold.* (‘Fred riu de Harold’)

Nesse caso, há um teste que pode ser feito para diferenciar uma VPP de uma VPC. O teste consiste em fazer a inversão da partícula e/ou preposição e do objeto do verbo. Lindner (1981) destaca que a partícula pode ser movida para o final da frase, como no exemplo (5), porém, a preposição não aceita tal movimento, como nos exemplos (6), (7) e (8).

(5) *John ran a bill up.* (‘John adquiriu uma conta’)

(6) \**John ran a hill up.*

(7) \**You may rely me on.*

(8) \**Fred laughed Harold at.*

Contudo, esse teste não dá conta de todas as VPCs, pois as VPCs podem ser transitivas ou intransitivas e, além disso, existem VPCs com mais de uma partícula. No caso de VPCs intransitivas não seria possível aplicar tal teste, já que elas não requerem um objeto. Lindner (1981), concordando com Bolinger (1971), conclui então que não há uma diferença sintática marcante entre as combinações idiomáticas e as literais e que todos os critérios de categorização existentes têm exceções<sup>20</sup>.

Assume-se então, concordando com Lindner (1981), que há diferenças entre as VPPs e as VPCs, embora não seja possível diferenciar as categorias apenas através da sintaxe. Segundo a autora (ibid., p. 32), “não há uma linha baseada no comportamento sintático que

---

<sup>19</sup> As características semânticas das VPCs serão discutidas em maior profundidade ao longo desse capítulo.

<sup>20</sup> Ver Capítulo I do trabalho de Lindner (1981) para uma discussão mais detalhada.

corresponda a uma linha clara separando duas classes distintas<sup>21</sup>”. Além disso, existem muitos nomes e critérios de classificação diferentes na literatura<sup>22</sup>.

Para este estudo serão consideradas VPCs as construções onde as partículas adicionam ou alteram o significado do todo em algum nível, seja ele abstrato ou concreto (idiomático ou literal), ou seja, como no exemplo (1). Construções como os exemplos (3) e (4) serão consideradas VPPs, já que elas apresentam um grau forte de **lexicalização**, ou seja, ao procurar outros exemplos de *'rely'* em qualquer dicionário, pode-se verificar que ele só aparece acompanhado de *'on'*, enquanto, em contrapartida, nas VPCs os verbos também aparecem isolados ou com outras partículas. O mesmo ocorre com o verbo *'laugh at'* ('rir de'), que, embora apresente certa idiomaticidade e esteja acompanhado da preposição *'at'*, também apresenta um forte grau de **lexicalização**, e, portanto, não será reconhecido como VPC no presente estudo.

É importante frisar também que, na visão proposta pelo presente estudo, as partículas das VPCs são diferentes das preposições ou advérbios no que tange à sua função. Além disso, concordando com Lindner (1981), Bolinger (1971) e Langacker (1987), parte-se do pressuposto de que as partículas contribuem para o significado das VPCs. Langacker (1987, p.243) faz uma crítica aos estudos anteriores sobre as VPCs que as consideram construções taxonomicamente problemáticas por causa de suas partículas. O autor afirma que, embora na maioria dos casos as partículas sejam idênticas em forma às preposições, elas “geralmente são tratadas como advérbios ou ainda relegadas a uma classe especial por causa de seu comportamento distinto, especialmente pela sua posição variável em relação ao objeto direto e pela falta de objeto próprio<sup>23</sup>”. Para ele, não há mal nenhum em colocar as partículas em uma classe separada por causa do seu comportamento gramatical.

---

<sup>21</sup> “There is no line based on syntactic behavior which corresponds to an assumed line separating two discrete classes”.

<sup>22</sup> Cf. Lindner, 1981, p.3-4.

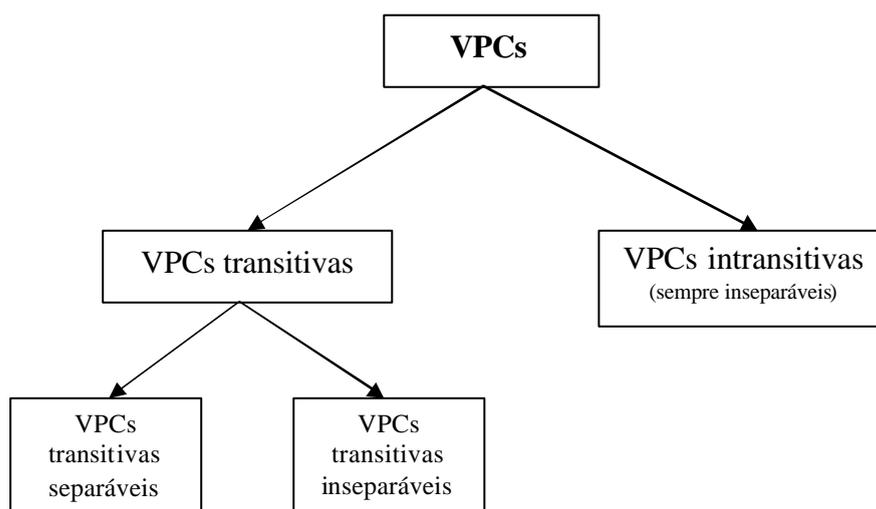
<sup>23</sup> “[...] are generally either treated as adverbs or else assigned to a special class because of their distinct behavior, in particular their variable position with respect to a direct object and the lack of an object of their own”.

### 1.1.1 Características sintáticas

A estrutura sintática das VPCs pode variar consideravelmente, existem VPCs transitivas, intransitivas, VPCs em que a partícula vem somente logo após o verbo, ou seja, inseparáveis e também VPCs onde o objeto pode vir, ou não, entre a partícula e o verbo, ou seja, separáveis. Sem contar que o número de partículas pode variar complicando ainda mais a identificação de um padrão sintático único para as VPCs.

Na seção acima, foram apresentados exemplos mostrando as dificuldades encontradas ao diferenciar uma VPC de uma VPP. Nessa seção serão apresentadas as características sintáticas das VPCs, que serão ilustradas através de exemplos.

Segundo Lindner (1981) e Bolinger (1971), as VPCs podem ser transitivas ou intransitivas, sendo que, em algumas VPCs transitivas, o sintagma nominal ou objeto pode vir entre o verbo e a partícula, enquanto em outras não. Com base na literatura estudada, os diferentes tipos de VPCs podem ser ilustrados, em relação à sua estrutura sintática, através da seguinte figura.



**Figura 1: Os diferentes tipos de VPCs.**

As VPCs transitivas, como mostra o exemplo (7), necessitam de um objeto direto, enquanto as intransitivas, como ilustra o exemplo (8), não requerem objeto.

(7) *They came across an old manuscript.* ('Eles encontraram um manuscrito antigo por acaso')

(8) *The old truck broke down.* ('O velho caminhão parou de funcionar')

### Posição da partícula

Em algumas VPCs transitivas, segundo Baldwin e Villavicêncio (2002) e Lindner (1981), a partícula tem uma posição fixa em relação ao verbo, como nos exemplos (9) e (11), não podendo inverter sua posição com o objeto, como ilustram os exemplos (10) e (12). Já em outras VPCs, a partícula pode inverter sua posição em relação ao objeto, como mostram os exemplos (13) e (14), sem alterar o significado.

(9) *She came up with a good idea.* ('Ela teve uma boa idéia')

(10) \**She came with a good idea up.*

(11) *They came across an old manuscript.* ('Eles encontraram um manuscrito antigo por acaso')

(12) \**They came an old manuscript across.*

(13) *He turned up the volume.* ('Ele aumentou o volume')

(14) *He turned the volume up.* ('Ele aumentou o volume')

Porém, ao usar um pronome substituindo o sintagma nominal '*the volume*', não se pode manter a partícula junto ao verbo, como ilustram os exemplos (15) e (16).

(15) \**He turned up it.*

(16) *He turned it up.* ('Ele o aumentou<sup>24</sup>')

Entretanto, Gries (1999, p. 109) afirma que a ênfase na partícula pode ser utilizada para contrastar informação e, nesse caso, a partícula pode ficar junto ao verbo mesmo quando o objeto for um pronome oblíquo, como mostram os exemplos (17), (18) e (19).

---

<sup>24</sup> Referindo-se ao volume.

(17) \**They brought back him.*

(18) *They brought him back.* ('Eles o trouxeram de volta')

(19) *They brought back **him** – not her.* ('Eles trouxeram **ele** de volta – não ela')

Outra constatação importante é que mesmo nas VPCs transitivas separáveis, ou seja, aquelas que permitem o objeto antes ou depois da partícula, como demonstrado nos exemplos (13) e (14) ou nos exemplos (20) e (21) abaixo, também existe certa irregularidade sintática. Lindner (1981) e Bolinger (1971) observam que em algumas VPCs transitivas separáveis o objeto tende a ocupar a posição final e não vir entre o verbo e a partícula. Considere os seguintes exemplos:

(20) *He picked up a wallet.* ('Ele pegou uma carteira')

(21) *He picked a wallet up.* ('Ele pegou uma carteira')

(22) *He picked up a wallet with six pounds in it.* ('Ele pegou uma carteira com seis libras dentro')

(23) \**He picked a wallet with six pounds in it up.*

(24) *I called up the man who left.* ('Eu liguei para o homem que partiu')

(25) \**I called the man who left up.*

Segundo os autores (ibid.), o objeto tem a tendência de ocupar a posição final quando o objeto é longo, como ilustram os exemplos (22) e (23), quando o objeto contém um uma oração, como nos exemplos (24) e (25), ou ainda, quando a partícula está sendo enfatizada para contrastar informação, como mostraram os exemplos (17), (18) e (19).

Obviamente, a inversão de posição entre a partícula e o objeto não ocorre com VPCs intransitivas, já que, nesse caso, não há necessidade de um objeto, como no exemplo (8). Ou seja, as VPCs intransitivas são sempre inseparáveis. Porém, conforme Villavicêncio (2003b), existem algumas VPCs que podem ser transitivas e intransitivas, como, por exemplo, 'add up' ('somar' ou 'somar-se') nos seguintes exemplos:

(26) *It's a few calories here and there, and it all quickly adds up.* ('Algumas calorias aqui e ali e de repente vira um montão<sup>25</sup>')

(27) *We need to add these marks up.* ('Precisamos somar essas notas')

No exemplo (26) a VPC 'add up' é intransitiva e pode ser traduzida por 'somar-se', já no exemplo (27), a VPC é transitiva e a melhor tradução seria 'somar'.

### **Inserção de advérbios de modo**

Baldwin e Villavicêncio (2002) afirmam que a inserção de advérbios de modo é também uma maneira de identificar as VPCs. Segundo os autores, advérbios de modo não são aceitos entre o verbo e a partícula nas VPCs. Considere os seguintes exemplos:

(26) \*Harry handed the paper quickly in.

(27) \*Harry handed quickly the paper in.

(28) Harry handed in the paper quickly. ('Harry entregou o artigo rapidamente')

(29) Harry handed the paper in quickly. ('Harry entregou o artigo rapidamente')

(30) Harry quickly handed in the paper. ('Harry rapidamente entregou o artigo')

(31) Harry quickly handed the paper in. ('Harry rapidamente entregou o artigo')

Como se pode observar nos exemplos (26) e (27), o advérbio de modo 'quickly' não é aceito entre o verbo e a partícula, nem se estiver antes do objeto (27), nem depois do objeto (26). Já nos exemplos (28), (29), (30) e (31), o advérbio está em posição aceitável.

Contudo, Villavicêncio e Copestake (2003) e Villavicêncio (2003b) afirmam que alguns advérbios são aceitos entre o verbo e a partícula, como, por exemplo, 'right' ('imediatamente') em 'he came right back' ('ele voltou imediatamente'), o que não está de acordo com Baldwin e Villavicêncio (2002). Ironicamente, na frase 'he came right back' ('ele voltou imediatamente'), não há outra possibilidade de posicionamento para o advérbio 'right', somente entre o verbo e a partícula.

---

<sup>25</sup> Embora 'somar' ou 'somar-se' não estejam presentes na tradução, a idéia é que as calorias vão se somando até tornarem-se algo mais substancial.

Em resumo, percebe-se que as VPCs são estruturas sintaticamente complexas e que não se pode estabelecer um padrão sintático único (cf. Lindner, 1981) para descrevê-las. Além disso, nota-se que não existe um consenso na literatura, concordando com Gries (1999), não somente em relação à nomenclatura, mas também à caracterização sintática das VPCs.

### 1.1.2 Características morfológicas

Algumas VPCs podem ser transformadas em substantivos, invertendo-se a posição do verbo e da partícula, ou apenas unindo-os. Por exemplo, pode-se inverter a posição dos componentes da VPC *'break out'*, que significa 'disseminar-se' (ou ainda 'eclodir', 'espalhar-se', 'difundir-se'), transformado-a em *'outbreak'*, que significa 'disseminação' (ou 'eclosão'). Ao unir os componentes de *'run away'*, que significa 'fugir', chega-se ao substantivo *'runaway'* ('fugitivo').

Nota-se, nesses exemplos, que o significado dos substantivos tem uma forte semelhança com o significado das VPCs, mostrando que há uma **nominalização** das VPCs. Contudo, em muitos casos a relação entre o significado da VPC e o do substantivo nominalizado pode ser mais tênue, como no seguinte exemplo: *'take over'* significa 'assumir' (com sentido de 'assumir um cargo'), já *'overtake'* significa 'ultrapassar'. Pode-se fazer uma relação entre os significados, embora esta relação não fique tão clara quanto em *'break out'* e *'outbreak'* ou *'run away'* e *'runaway'*.

Há também VPCs que podem ser transformadas em adjetivo, como, por exemplo, *'go out'*, que significa 'sair' ('sair' com sentido de lazer, ou seja, sair à noite para ir ao cinema ou a um bar ou boate), enquanto o adjetivo *'outgoing'* significa 'sociável', 'amigo', 'extrovertido'.

Lindner (1981) afirma que a **nominalização de ações** pode servir para distinguir as VPCs de algumas VPPs, mas não todas. A autora argumenta que a preposição *'of'* pode aparecer entre uma partícula e um substantivo, mas não entre uma preposição e um substantivo, como ilustram os seguintes exemplos:

(32) *The teacher was pleased because he was looking up the information.* ('A professora estava feliz porque ele estava buscando a informação')

(33) *His looking up of the information pleased the teacher.* ('Sua busca pela informação agradou a professora')

(34) *The storekeeper was surprised because she was looking at the table.* ('O vendedor ficou surpreso porque ela estava olhando para a mesa')

(35) *\*Her looking at of the table surprised the storekeeper.*

Como se vê, nos exemplos (32) e (33), é possível nominalizar uma VPC e assim diferenciá-la de uma VPP. Porém, Bolinger (1971) argumenta que a **nominalização de ações** das VPCs ou VPPs não é determinada por fatores sintáticos, mas pela natureza da atividade. Segundo o autor, se a atividade pode ser topicalizada, então a nominalização também é possível.

Na próxima seção serão apresentados conceitos relacionados à semântica e também outras características que as VPCs compartilham com diferentes tipos de construções complexas. Esse panorama tem por objetivo discutir questões centrais para o presente trabalho e delinear as bases teóricas que dão suporte para sua realização.

## 1.2 A NATUREZA E A PROBLEMÁTICA DAS VPCS

As VPCs, como já mencionado, são construções verbais complexas formadas por um verbo e uma partícula (ou duas). Estas construções são consideradas estruturas semanticamente complexas, pois seus componentes formam uma unidade lexical única. Para entender por que as VPCs são consideradas estruturas complexas e como se dá a relação semântica entre seus componentes, considerem-se os seguintes exemplos:

(36) *He made up the whole story.*

(37) *He invented the whole story.*

Em muitos casos uma VPC pode ter como sinônimo um verbo formado por uma palavra só – o que sugere que elas agem como unidade lexical única. Em qualquer dicionário

bilíngüe, os verbos *'make up'* e *'invent'* são considerados sinônimos. Então, sob um primeiro olhar, os significados das frases acima se equivalem, ou seja, o significado de *'invent'* ('inventar') no exemplo (37) se encaixa também para a VPC *'make up'* no exemplo (36). No entanto, não é uma tarefa simples explicar essa relação entre *'make'* e *'up'* para chegar ao significado 'inventar'. Pode-se afirmar, neste caso, que o verbo *'make'*, que significa 'fazer', 'construir' ou 'produzir', contribui para o significado, já que, para 'inventar' um aparato, há de se 'construí-lo' primeiro; ou para 'inventar' uma solução para um dado problema, há de se 'produzir' uma fórmula. Porém, essa explicação já não serviria para explicar o seguinte exemplo:

(38) *She gave up smoking last week.*

No exemplo (38), a VPC *'give up'* significa 'parar' ('largar'), como em 'ela parou de fumar semana passada'. Neste caso, ficaria difícil estender o significado do verbo *'give'*, que significa 'dar', para chegar ao significado 'parar'. Além disso, neste exemplo a partícula também não facilita a tarefa de explicar o significado da VPC. Ou seja, nem *'give'*, nem *'up'* levam ao significado da VPC. Contudo, por vezes a partícula pode contribuir para o significado. Considere o seguinte exemplo:

(39) *She got back a few hours later.*

Pode-se perceber que, no exemplo (39), a partícula *'back'* está relacionada ao significado de *'get back'*, que significa 'retornar'. Já o verbo *'get'*, talvez por ter inúmeros significados, não está claramente ajudando a construir o significado da VPC. Ainda assim, mesmo que se diga intuitivamente que, no exemplo (39), a partícula contribui para o significado, é difícil explicar como isso ocorre sem levar em conta os sentidos espaciais referentes à experiência humana<sup>26</sup> no mundo (cf. Tyler e Evans, 2003) que as partículas apresentam.

Nos exemplos acima, pode-se notar que a estrutura semântica das VPCs é imprevisível, já que, aparentemente, não há possibilidade de prever quais verbos e partículas se combinam, nem prever *a priori* qual dos constituintes contribui ou não para o significado.

---

<sup>26</sup> Ver seção '1.3.2 Esquemas Imagéticos' para uma discussão mais detalhada.

Pode-se afirmar também que o significado total das VPCs às vezes parece não ter relação alguma com o significado dos seus constituintes, mas, em outros casos, tal relação parece óbvia. Por isso, as VPCs são consideradas construções complexas cuja estrutura semântica interna nem sempre é previsível e por muito tempo ficaram esquecidas ou simplesmente relegadas ao léxico como expressões arbitrárias e inalisáveis do ponto de vista semântico.

Para entender mais claramente a relação entre os constituintes (verbo e partícula) de uma VPC e por que parece consensual considerá-las semanticamente inalisáveis (Fraser, 1976), é necessário recorrer a conceitos chave para a análise lingüística. Estes conceitos também são imprescindíveis para se compreender por que diferentes estudos e teorias lingüísticas enfocam fenômenos lingüísticos de maneiras distintas e classificam as estruturas complexas da língua sob diferentes perspectivas. Além disso, é importante frisar que há diferentes tipos de estruturas complexas como, por exemplo, as expressões idiomáticas e as colocações, que compartilham os mesmos problemas encontrados ao se fazer uma análise lingüística das VPCs.

### *1.2.1 Previsibilidade*

Em lingüística, o conceito de previsibilidade está associado à criação de uma regra, princípio ou teoria que dê conta de categorizações lingüísticas. Ou seja, ao analisar um determinado fenômeno lingüístico e propor uma regra, espera-se que esta seja restritiva e se aplique a todos os membros (ou entidades lingüísticas) pertencentes a uma determinada classe. Langacker (1987, p. 49) descreve esta noção da seguinte maneira: “a validade de uma generalização gramatical é seguidamente rejeitada a menos que se possa prever exatamente a que formas ela se aplica<sup>27</sup>”.

Langacker (1987) critica esta noção ao afirmar que a expectativa de previsibilidade absoluta<sup>28</sup>, adotada por muitas teorias lingüísticas, pode levar a conclusões precipitadas não levando em conta que o pertencimento de certos membros de uma classe é uma questão de

---

<sup>27</sup> “The validity of a grammatical generalization is often denied unless one can predict exactly which forms it does and does not apply to”.

<sup>28</sup> “Absolute predictability”.

grau. O autor acrescenta ainda que o **modelo de atributos criteriais de categorização**<sup>29</sup> se mostra inconsistente no trabalho de Fraser (1976), que, ao tentar explicar a relação dos componentes de certas VPCs com a partícula ‘out’ através de regras transformacionais, acaba por abandonar a análise por não encontrar um padrão totalmente produtivo, ou seja, aplicável a todos os membros da classe.

Outra crítica de Langacker (1987, p.15) às questões metodológicas de estudos lingüísticos é que eles trazem julgamentos categoriais simplificados, ou seja, com um ‘sim’ ou ‘não’ (às vezes sinais de ‘+’ e ‘-’) se julga se uma dada estrutura possui certa propriedade ou participa de uma relação<sup>30</sup>. O autor (ibid.) acrescenta ainda que no caso de estruturas complexas devem-se considerar vários graus de participação e desenvolver maneiras de acomodar os diferentes graus e possibilidades em uma ‘escala de valores contínua’<sup>31</sup>.

Lindner (1981) também critica o trabalho de Fraser (1976) afirmando que, apesar de o autor ter percebido haver traços semânticos comuns entre VPCs como ‘*hand out*’, ‘*lend out*’ e ‘*give out*’, ele esperava que esses traços pudessem estabelecer uma regra sobre quais verbos formariam combinações aceitáveis com a partícula ‘out’. No entanto, abandonou a regra ao perceber a não ocorrência de VPCs como, por exemplo, \*‘*grant out*’ e \*‘*offer out*’, que teoricamente teriam os mesmos traços que ‘*hand out*’, ‘*lend out*’ e ‘*give out*’, porém não ocorrem. Fraser (ibid.), como última alternativa, simplesmente listou-as no léxico como expressões semanticamente inalisáveis<sup>32</sup>, já que não conseguiu derivá-las através de regras e, segundo Lindner (1981, p. 64), “ele rejeita a possibilidade de criar regras combinatórias baseadas em critérios semânticos, precisamente porque tais regras, segundo sua visão, parecem ser apenas parcialmente produtivas<sup>33</sup>”.

Este fato traz à tona outra questão muito criticada por Lindner (ibid.) e Langacker (1987) que envolve a **dicotomia lista/regra**, ou seja, ou se consegue criar regras totalmente produtivas, ou as entidades lingüísticas analisadas ficam relegadas ao léxico. Langacker (ibid.) afirma que tal dicotomia está mais relacionada à Gramática Gerativa e critica esta

<sup>29</sup> “*Criterial-attribute model of categorization*”.

<sup>30</sup> A ‘Tabela 2’ (p. 49) é um exemplo deste tipo de classificação binária.

<sup>31</sup> “*Continuous scale of values*”.

<sup>32</sup> “*Semantically unanalyzable expressions*”.

<sup>33</sup> “*He rejects the possibility of combinatory rules based on semantic criteria precisely because such rules as he can think of appear to be only partially productive*”.

visão, pois através dela a tendência é de ignorar e considerar problemático qualquer fenômeno lingüístico irregular e idiosincrático.

Generative grammarians have always operated with an archetypal conception of language as a system of general rules, and have therefore not accommodated irregular and idiosyncratic phenomena in a natural and convincing manner; there has been a tendency to ignore these phenomena in the quest for generalizations.  
<sup>34</sup>(LANGACKER, 1987, p. 46)

De acordo com Langacker (1987), não há distinção significativa entre a gramática e o léxico, o autor defende uma teoria lingüística que acomode não somente universais lingüísticos baseados em princípios e teorias totalmente produtivos, mas também a linguagem figurada como um fenômeno natural da língua. Langacker (ibid.) afirma ainda que a GC é uma abordagem baseada no uso<sup>35</sup>, onde uma “importância substancial é dada ao uso do sistema lingüístico e do conhecimento que o falante tem de seu uso; a gramática é responsável pelo conhecimento do falante sobre a gama total de convenções lingüísticas<sup>36</sup>”, mesmo que essas convenções não sejam consideradas parte de uma regra geral ou princípio.

Conforme Lindner (1981), uma abordagem gerativa dá preferência a regras regulares e totalmente produtivas, enquanto uma gramática baseada no uso não possui tal pretensão. Uma gramática baseada no uso permite constatações sobre tendências e probabilidades, o que, de acordo com a autora, é mais apropriado ao se fazer análise lingüística.

Este dilema não acontece somente com as VPCs, outras estruturas complexas que também se revelam problemáticas, em termos de previsibilidade absoluta e produtividade total, são as ‘expressões convencionais<sup>37</sup>’. Langacker (1987) usou esse termo para se referir a ‘*stock phrases*’, ‘*familiar collocations*’, ‘*formulaic expressions*’ e ‘*standard usages*’<sup>38</sup>, referindo-se a frases prontas ou fragmentos de frase comuns na linguagem coloquial. Segundo

---

<sup>34</sup> Optou-se por manter as citações longas na sua língua de origem, a fim de evitar possíveis distorções em relação ao texto original. Entretanto, em alguns casos, onde se julgou que a tradução não seria problemática, traduziu-se o texto para o português. Já nas citações curtas, usou-se a tradução em todos os casos, porém, sempre trazendo o texto original nas notas de rodapé.

<sup>35</sup> “*Usage-based approach*”.

<sup>36</sup> “*Substantial importance is given to the actual use of the linguistic system and a speaker’s knowledge of this use; the grammar is held responsible for a speaker’s knowledge of the full range of linguistic conventions [...]*”.

<sup>37</sup> “*Conventional expressions*”.

<sup>38</sup> Cf. Langacker, 1987, p. 35.

o autor, este grande volume de construções foi ignorado por muito tempo por elas não se encaixarem nem ao perfil do léxico, nem ao da sintaxe. Como o próprio Langacker (ibid., p.36) coloca: “elas são excluídas do léxico porque são maiores do que itens lexicais prototípicos<sup>39</sup> [...]”, ou seja, elas contêm mais de uma palavra, “[...] e também porque muitas são obviamente composicionais<sup>40</sup>”, além disso, “elas são exiladas da sintaxe porque os sintaticistas estão preocupados com regras gerais e não com combinações específicas de itens lexicais<sup>41</sup>”. Langacker acrescenta ainda que as teorias lingüísticas estabelecem uma distinção muito marcada entre a sintaxe e o léxico:

In the classical conception [...], syntax was thought to deal with novel, **multiword expressions** (phrases, clauses, and sentences) assembled in accordance with general rules. Lexicon was the province of fixed expressions, most no larger than single words; not predictable by rules of any generality, they had to be listed individually. (LANGACKER, 1987, p. 35)

Este comentário de Langacker justifica suas fortes críticas à **dicotomia léxico/sintaxe**. O autor (ibid.) explica que, na concepção da GC, o léxico, a morfologia e a sintaxe formam um *continuum* de unidades simbólicas que ajudam a estruturar o conteúdo conceitual para fins expressivos e que não é coerente falar de gramática sem falar de significado.

Dito isso, o próximo passo é apresentar as características dessas de expressões formadas por mais de um item lexical que possuem características semânticas e sintáticas em comum com as VPCs – as **Multiword Expressions**. Uma exposição de um panorama geral de tais características é imprescindível para se entender as questões teóricas centrais que serão discutidas em maior profundidade ao longo deste trabalho.

---

<sup>39</sup> “They are excluded from the lexicon because they are larger than prototypical lexical items [...]”.

<sup>40</sup> “[...] and also because many are obviously compositional”.

<sup>41</sup> “They are exiled from the syntax because syntacticians are concerned with general rules rather than specific combinations of lexical items”.

### 1.2.2 *Multiword Expressions*

Há um grupo de pesquisadores<sup>42</sup> da Universidade de Stanford na Califórnia que estuda a problemática das *Multiword Expressions* (doravante MWEs) sob outra perspectiva – fazendo interface com a Lingüística Computacional e com o Processamento de Linguagem Natural. Estes pesquisadores fazem parte do *Multiword Expression Project*<sup>43</sup> e conduzem estudos que visam melhorar a identificação e extração automática de expressões complexas através de computador.

É importante frisar que, embora este trabalho não esteja diretamente ligado à Lingüística Computacional no âmbito metodológico, os estudos de Sag *et al* (2001, 2002), Calzolari *et al* (2002), Bannard, Baldwin e Lascarides (2003), Baldwin e Villavicêncio (2002), Villavicêncio e Copestake (2003), Bannard e Baldwin (2003), Bannard (2002) e Baldwin *et al* (2003) trazem classificações e discutem conceitos que também servem de base para caracterizar as VPCs.

Concordando com as idéias de Langacker (1987) de que essas estruturas causam problemas em termos de previsibilidade e são de difícil categorização, Sag *et al* (2001) destacam a escassez de estudos que contemplem descrições da estrutura semântica das MWEs e a relação de seus componentes. Sag *et al* (2002, p.2) postulam que as MWEs são “interpretações idiossincráticas que cruzam as fronteiras das palavras<sup>44</sup>” e, por essa razão, impõem problemas para a criação de sistemas computacionais que dêem conta de sua identificação e extração automática. Sag *et al* (2002) afirmam ainda que uma estimativa sobre a proporção de MWEs no WordNet<sup>45</sup> 1.7 é de 41% das entradas. O que significa que quase metade das entradas faz parte de uma MWE, comprovando que ‘o grande volume de construções ignoradas’, referidas por Langacker<sup>46</sup>, representam uma fatia considerável da língua.

---

<sup>42</sup> Bannard, Baldwin, Sag e Flickinger, entre outros.

<sup>43</sup> Ver <http://mwe.stanford.edu/> para uma relação completa das publicações e estudos referentes ao *Multiword Expression Project*. Acesso em novembro de 2007.

<sup>44</sup> “*Idiosyncratic interpretations that cross word boundaries*”.

<sup>45</sup> WordNet é um grande banco de dados lexicais, do inglês e de outras línguas, que contém palavras agrupadas em ‘*Synsets*’ (grupos de substantivos, verbos, adjetivos e advérbios separados de acordo com o seu significado). É uma ferramenta disponível gratuitamente que é útil para pesquisadores, principalmente das áreas de Lingüística Computacional e PLN.

<sup>46</sup> Conforme já mencionado na seção ‘1.2.1 *Previsibilidade*’.

Segundo Calzolari *et al* (2002), o termo MWE é usado para descrever uma variedade de fenômenos que, por um lado são diferentes, mas que, por outro, estão relacionados. Segundo eles, uma definição geral para abarcar todos esses fenômenos seria: “uma seqüência de palavras que age como uma unidade única em algum nível de análise lingüística<sup>47</sup>”. Os autores acrescentam ainda que as MWEs são expressões que se encontram tanto no léxico geral quanto no terminológico e trazem problemas no âmbito teórico e no computacional por estarem em um plano imaginário que forma a interface entre a gramática e o léxico.

MWEs can be regarded as lying at the interface between grammar and lexicon. In fact, they are usually instances of well productive syntactic patterns which nevertheless exhibit a peculiar lexical behavior. As a result, MWEs defy naïve attempts to establish a border between grammar and lexicon in terms of the opposition between rule productivity and lexical idiosyncrasy. (CALZOLARI *et al*, 2002, p.1934)

Conforme Calzolari *et al* (2002, p.1934), as MWEs apresentam algumas ou todas as seguintes características: a) transparência semântica e sintática reduzida; b) ausência ou grau reduzido de composicionalidade; c) grau de fixidez ou cristalização; d) possível violação de padrões ou regras sintáticas; e) alto grau de lexicalização; e f) alto grau de convencionalidade.

(a) **Transparência semântica e sintática reduzida**: está ligada ao fato de que nem sempre os traços semânticos de cada componente de uma MWE são perceptíveis. Esta característica é recorrente nas expressões idiomáticas, como, por exemplo, em ‘*kick the bucket*’ (‘morrer’) e ‘*spill the beans*’ (‘revelar um segredo’, ‘divulgar uma informação’). Aparentemente não há relações semânticas ou sintáticas entre as expressões e seus significados; entretanto, Nunberg, Sag e Wasow (1994) aprofundam essa questão mostrando haver diferentes perspectivas de análise<sup>48</sup>. Esta característica também pode ser observada em VPCs conforme discussão dos exemplos (38) e (39).

(b) **Ausência ou grau reduzido de composicionalidade**: está associada ao fato de que nem sempre se pode chegar ao significado total da MWE através da soma dos significados de seus componentes. Esta característica está relacionada com o item anterior (a), ou seja, quanto

<sup>47</sup> “A sequence of words that acts as a single unit at some level of linguistic analysis”.

<sup>48</sup> Ver seção ‘1.2.4 Transparência e Opacidade Semântica’ para uma discussão mais aprofundada.

maior o grau de transparência semântica, maior a composicionalidade<sup>49</sup>. Segundo Sag *et al* (2002), a VPC *'brush up on'* ('reviver', 'retomar') é semanticamente idiossincrática e configura ausência de composicionalidade.

(c) **Grau de fixidez ou cristalização**: descreve a existência de um grau variável de interdependência entre os componentes de uma MWE. Segundo a classificação de Sag *et al* (2002), existem (i) **expressões fixas**, (ii) **expressões semi-fixas**, (iii) **expressões sintaticamente flexíveis** e (iv) **sintagmas institucionalizados**. Os autores caracterizam essas classificações da seguinte maneira:

(i) **expressões fixas**: expressões que contêm palavras que não podem ser substituídas e nem flexionadas, como, por exemplo, *'by and large'* ('de maneira geral') e *'in short'* ('em resumo'). Conforme Sag *et al* (2002), as expressões fixas são totalmente lexicalizadas e não aceitam variações morfossintáticas (cf. \**'in shorter'*) ou modificação interna (cf. \**'in very short'*).

(ii) **expressões semi-fixas**: expressões onde as palavras possuem interdependência, mas que podem sofrer certa variação lexical por meio de flexão, variação na forma reflexiva, ou ainda, na seleção do determinador. Então, conforme os autores, são exemplos de expressões semi-fixas: as 'expressões idiomáticas não-decomponíveis<sup>50</sup>' que podem ser flexionadas, como, por exemplo, *'kick the bucket'* ('morrer'), que pode ser flexionada no passado, como em *'he kicked the bucket last night'* ('ele morreu ontem à noite'), ou as que sofrem variação na forma reflexiva, como, por exemplo, *'wet oneself'* ('urinar nas próprias calças de tanto rir' ou 'se mijar de rir'), que pode vir com diferentes pronomes reflexivos: *'wet myself'*, *'wet yourself'*, *'wet himself'*, etc.; ainda há os 'nominais compostos<sup>51</sup>', como, por exemplo, *'car park'* ('estacionamento') e *'vending machine'* ('máquina de venda'), que pluralizam, como em *'car parks'* e *'vending machines'*; e também 'nomes

<sup>49</sup> Ver seção '1.2.3 Composicionalidade Semântica' para uma discussão mais aprofundada.

<sup>50</sup> "Non-decomposable idioms".

<sup>51</sup> "Nominal compounds".

próprios<sup>52</sup>, que podem sofrer variações no determinador, os quais Sag *et al* (2002, p.5) exemplificam através de nomes de equipes esportivas norte-americanas, como *'the San Francisco 49ers'* ou *'the Los Angeles Lakers'*, que podem ser referidas como *'the 49ers'* e *'the Lakers'*.

(iii) **expressões sintaticamente flexíveis**: expressões que apresentam uma maior variabilidade sintática. Segundo os autores, são exemplos de expressões sintaticamente flexíveis: VPCs transitivas que permitem que a partícula venha antes ou depois do objeto sem alterar o significado, como, por exemplo, *'put off'* ('adiar'), em *'the supervisor put off the meeting'* ('o supervisor adiou a reunião') ou *'the supervisor put the meeting off'* (idem); VPCs intransitivas em que advérbios podem ser inseridos entre o verbo e a partícula, como, por exemplo, *'fight bravely on'* ('seguir lutando bravamente'); 'expressões idiomáticas decomponíveis<sup>53</sup>, que permitem passivização, como, por exemplo, *'spill the beans'* ('revelar um segredo', 'divulgar uma informação') que na voz passiva ficaria: *'the beans were spilled by Jack'* ('o segredo foi revelado por Jack'); e verbos leves, que também permitem a passivização ou a inserção de adjetivos antes do substantivo, como, por exemplo, *'make a mistake'* ('cometer um engano'), que na voz passiva ficaria: *'a terrible mistake has been made'* ('um engano terrível foi cometido'), e com o adjetivo: *'he made a terrible mistake'* ('ele cometeu um engano terrível').

(iv) **sintagmas institucionalizados**: são expressões semântica e sintaticamente composicionais, cristalizadas pelo recorrente uso, isto é, não se pode flexionar seus elementos, nem mudar sua ordem, sem que se quebre o seu significado, como, por exemplo, *'telephone booth'* ('cabine telefônica') ou *'traffic light'* ('semáforo'). Conforme Sag *et al* (2002), a idiosincrasia de um sintagma como *'traffic light'* é estatística e não lingüística, já que sua frequência é muito mais alta do que qualquer outra lexicalização alternativa do mesmo conceito.

(d) **Possível violação de padrões ou regras sintáticas**: as MWEs nem sempre seguem padrões sintáticos. Algumas VPCs transitivas, como já referido acima (cf. '(iii) expressões

---

<sup>52</sup> "Proper nouns".

<sup>53</sup> "Decomposable idioms".

sintaticamente flexíveis’), permitem que o objeto do verbo venha antes da partícula<sup>54</sup>, outras não, o que dificulta na sua identificação e extração automática. Além disso, existem vários tipos de MWEs e nem todas seguem os mesmos padrões sintáticos.

(e) **Alto grau de lexicalização**: está associado ao fato de que alguns tipos de MWEs entram no dicionário como unidade lexical única em função da sua frequência de uso, sofrendo, por vezes, uma ampliação semântica de caráter figurado que as torna cristalizadas<sup>55</sup>. Esta característica é observada em expressões idiomáticas, como, por exemplo, *kick the bucket* (‘morrer’) e nominais compostos, como, por exemplo, *lampshade* (‘abajur’) e *keyboard* (‘teclado’).

(f) **Alto grau de convencionalidade**: refere-se ao fato de que o uso freqüente de certas MWEs lhes confere um alto grau de convencionalidade, como, por exemplo, *traffic light* (‘semáforo’) – conforme discutido acima. Segundo Nunberg, Sag e Wasow (1994, p. 492), esta característica também está presente nas expressões idiomáticas e faz com que os “seus significados ou uso não sejam previsíveis, ou pelo menos inteiramente previsíveis, com base no conhecimento das convenções independentes que determinam o uso de seus constituintes quando eles aparecem isolados uns dos outros<sup>56</sup>”.

Pode-se perceber através da classificação e dos exemplos acima por que as MWEs consistem em estruturas problemáticas para a análise lingüística. Tais estruturas apresentam irregularidade sintática, diferentes graus de composicionalidade e transparência semântica, variam quanto ao número de constituintes e quanto ao grau de fixidez. As VPCs fazem parte desse universo de construções problemáticas, como visto acima, e compartilham de algumas características que impedem análises mais sistemáticas através de perspectivas voltadas à sintaxe.

É importante destacar também que existem diferentes nomenclaturas na literatura. Nas escolas lingüísticas européias, por exemplo, utiliza-se o termo fraseologia<sup>57</sup> para referir-se à disciplina científica que estuda combinações de palavras ou unidades fraseológicas das

<sup>54</sup> Ver exemplo acima.

<sup>55</sup> ‘Congeladas’ é outro termo usado (cf. Cruse, 1986, p. 41) “frozen metaphors”.

<sup>56</sup> “Their meaning or use can’t be predicted, or at least entirely predicted, on the basis of a knowledge of the independent conventions that determine the use of their constituents when they appear in isolation from one another”.

<sup>57</sup> *Phraseology*.

línguas. Segundo Corpas Pastor (1998, p. 170), “por unidade fraseológica se entende uma combinação estável de pelo menos duas palavras, que [...] apresenta como traços inerentes a fixação ou a idiomaticidade, ou uma combinação de ambos os critérios<sup>58</sup>”. Outros autores, como, por exemplo, Cowie (1992), Granger (2005) e Cermák (2000), utilizam o termo *Multiword Units* (MWUs), e não MWE. Há ainda outras designações utilizadas, como, por exemplo, *Multiword sequences* (Gilquin, 2005 e Stubbs, 2005) e *Multi-word Items* (Lewis, 1993).

Nos últimos 20 anos o número de pesquisas nesta área cresceu bastante na Europa, impulsionadas pela criação da EURALEX<sup>59</sup> e da EUROPHRAS<sup>60</sup>. Gabrielle Knappe, Rosemarie Gläser e Bengt Altenberg também são (somados aos citados acima) pesquisadores europeus que possuem várias pesquisas sobre as fraseologias. Dentre os estudos europeus, vale destacar que muitos deles estão voltados para a área de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e também para as áreas de terminologia e lexicografia.

Conforme Lewis<sup>61</sup> (1993), concordando com Langacker (1987) e Lindner (1981), a dicotomia gramática/vocabulário é inválida. Segundo o autor, uma grande parte da língua é formada por ‘*multi-word chunks*’, ou seja, agrupamentos de palavra como as MWEs. Ao distinguir os tipos de itens lexicais que formam o léxico, Lewis (1993, p.91-94) os classifica em: a) palavras (‘*words*’) e b) itens multi-vocabulares (‘*multi-word items*’). Lewis ressalta que os itens multi-vocabulares podem ser subdivididos em várias categorias, mas que qualquer tipo de categorização não escapará de ter casos marginais e categorias que se sobrepõem. Os subgrupos dos itens lexicais multi-vocabulares apresentados por Lewis são: a) ‘*polywords*’; b) ‘*collocations*’; e c) ‘*institutionalised expressions*’.

Segundo Lewis (1993, p.92), ‘*Polywords*’ são grupos de palavras relativamente curtos (duas ou três palavras), podem pertencer a qualquer classe de palavras e o significado do grupo pode ser totalmente diferente ou imediatamente previsível em relação ao significado de

---

<sup>58</sup> “Por unidad fraseológica se entiende una combinación estable de al menos dos palabras, que [...] presentará como rasgos inherentes la fijación o la idiomaticidad por si solas, o bien una combinación de ambos criterios”.

<sup>59</sup> *European Association for Lexicography*. Disponível em: <http://www.euralex.org/index.html>. Acesso em julho de 2007.

<sup>60</sup> *European Society of Phraseology*. Disponível em: <http://www.euophras.unizh.ch/>. Acesso em julho de 2007.

<sup>61</sup> Autor do livro *The Lexical Approach*, que trata de uma abordagem metodológica que redirecionou as concepções de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, criando uma maior interface com a Lingüística de Corpus e a Análise do Discurso.

seus componentes. Lewis acrescenta ainda que esta categoria é a mais comumente encontrada em dicionários e que as VPCs, que ele chama de *'phrasal verbs'*, fazem parte desta categoria.

Colocações, conforme Lewis (1993, p.93), descrevem o modo como palavras isoladas co-ocorrem com outras, podendo variar de combinações totalmente livres – *'free collocations'* – até as mais cristalizadas ou fixas – *'fixed collocations'*. Um exemplo de *'free collocation'* seria *'open the door'*, já que estas palavras co-ocorrem freqüentemente, porém seus componentes (*'open'* e *'door'*) não têm um grau alto de interdependência – pode-se dizer *'close the door'*, *'paint the door'*, *'burn the door'*, etc., ou ainda *'open the window'*, *'open the book'*, *'open the case'*, etc. Já as colocações fixas, nas quais o grau de interdependência é bem mais elevado, são consideradas *'polywords'*.

Outra característica das colocações é que o grau de fixidez entre os seus componentes nem sempre é recíproco, ou seja, enquanto um dos componentes pode sugerir fortemente o outro, isto pode não acontecer na mesma medida na relação inversa. Lewis (1993, p.93) utiliza a seguinte colocação para ilustrar o fenômeno: *'rancid butter'*, enquanto o adjetivo *'rancid'* sugere fortemente o substantivo *'butter'*, o mesmo não ocorre com *'butter'*, que não sugere o adjetivo com o mesmo grau de reciprocidade.

As *'institutionalised expressions'* (expressões institucionalizadas), na classificação de Lewis (1993, p.94), são expressões de caráter pragmático que permitem aos usuários da língua lidar com certos aspectos da interação. Segundo o autor, as expressões institucionalizadas são expressões cristalizadas utilizadas pelos falantes para demonstrar a sua posição dentro de uma interação. Alguns exemplos são: *'just a moment, please'*, *'sorry to interrupt'*, ou ainda *'I see what you mean, but...'*.

Por fim, vale ressaltar que também há estudos sobre as MWEs na área de Processamento de Linguagem Natural. No Brasil, um dos grupos de pesquisa sobre as MWEs voltados para a Linguística Computacional está na PUC do Rio de Janeiro. O foco principal do trabalho deste grupo é o processamento automático de linguagem realizado por sistemas computacionais através de uma abordagem estatística. A identificação e extração de MWEs é um dos desafios enfrentados pelo grupo, que, na verdade, utiliza o termo *'Expressões Multi-Vocabulares'*. Segundo Oliveira *et al* (2004), os estudos lingüísticos sobre as MWEs são

controversos. Os autores criticam os seguintes critérios comumente utilizados na literatura para definir as MWEs:

(a) **não-composicionalidade**: o significado do todo não corresponde à soma das partes. Oliveira *et al* (2004, p.174) admitem “a possibilidade de seus componentes contribuírem para a semântica do composto”.

(b) **não-substituição ou arbitrariedade**: não é possível substituir palavras que compõem a colocação, ainda que a palavra substituída seja sinônima da original. Oliveira *et al* (2004, p.175) afirmam que este critério é inaplicável se considerarmos “a inexistência de sinônimos perfeitos”.

(c) **não-modificação ou inflexibilidade**: muitas MWEs não podem ser livremente modificadas pela adição de informação lexical ou de transformações gramaticais. Contudo Oliveira *et al* (2004, p.175) contrariam esse argumento, citando Smadja (1993), e afirmam que as MWEs “variam quanto ao número de palavras envolvidas, quanto às relações sintáticas entre as palavras e quanto ao grau de rigidez com que os itens são combinados”.

Fica claro, então, que, devido à complexidade das VPCs, não se pode adotar um modelo de categorização que acomode os traços semânticos de todos os verbos e partículas, de modo que estes se tornem totalmente previsíveis sem levar em conta que há diferentes graus de contribuição. Assume-se então que o **modelo de atributos criteriosais de categorização** e a **dicotomia lista/regra** não são compatíveis com este estudo semântico das VPCs e que a previsibilidade absoluta não é esperada.

Contudo, embora não se possa estabelecer uma regra totalmente produtiva que explique a relação entre os componentes das VPCs e de outras estruturas complexas através da sintaxe, é possível identificar, através de uma abordagem semântica, padrões de significação das partículas e assim estabelecer tendências de uso.

Um modelo de categorização que dá conta dessas complexidades é o **modelo de protótipos** formulado por Rosch (1973, 1975). Este modelo demonstra que a categorização é um processo cognitivo e que as categorias são organizadas em torno de protótipos centrais. Ou seja, um item é considerado como membro de uma categoria não por se saber que ele

possui um determinado atributo ou não, mas por se considerar o quanto as dimensões desse membro se aproximam das dimensões ideais para ele. Em outras palavras, um exemplo representativo de uma classe seria aquele que compartilhasse com os outros membros da categoria do maior número de características e que, por outro lado, compartilhasse de poucas características (ou nenhuma) com elementos provenientes de fora da classe.

Vale ressaltar que o **modelo de protótipos** é imprescindível para o presente estudo pelo fato de ser aplicável ao significado das partículas, uma vez que elas possuem **significados prototípicos** que servem de base a outros significados presentes no significado total das VPCs. Lindner (1981, p. 49) defende tal modelo para a análise de VPCs e afirma que alguns significados são ‘cognitivamente mais proeminentes<sup>62</sup>’ que outros; “eles possuem uma saliência natural maior que outros significados não possuem<sup>63</sup>”. A autora afirma ainda que esses significados mais salientes são os que vêm à mente primeiro.

Segundo Langacker (1987), a categorização de estruturas complexas através do **modelo de protótipos** evita problemas inerentes ao **modelo de atributos criteriais**, já que nem todos os membros de uma categoria precisam possuir uma dada característica, mesmo que tal característica esteja presente nos membros mais centrais da categoria. O autor acrescenta ainda que a utilização de tal modelo não significa que não se possam fazer descrições precisas ou constatações empíricas sobre fenômenos complexos e que o pertencimento a uma categoria é uma questão de grau.

### 1.2.3 Composicionalidade Semântica

De acordo com o **Princípio da Composicionalidade Semântica** de Frege, a interpretação de construções complexas é determinada pela interpretação das partes individuais e pela maneira como estas partes são colocadas em conjunto. Este princípio é muito discutido na literatura no que diz respeito ao tratamento dado a expressões complexas da língua.

---

<sup>62</sup> “*More cognitively prominent*”.

<sup>63</sup> “*They will have a natural salience other meanings do not have*”.

De acordo com Cruse (2000, p. 67), a versão mais robusta deste princípio<sup>64</sup> é a seguinte: “o significado de uma forma gramaticalmente complexa é uma função composicional dos significados de seus constituintes gramaticais<sup>65</sup>”. Ele afirma ainda que este conceito incorpora outros três sub-conceitos:

- (i) O significado de uma expressão complexa é completamente *determinado* pelo significado de seus constituintes.
- (ii) O significado de uma expressão complexa é completamente *previsível* através de regras gerais oriundas do significado de seus constituintes.
- (iii) Todo constituinte gramatical possui um significado que contribui para o significado do todo. (CRUSE, 2000, p. 67)<sup>66</sup>

Este princípio foi inicialmente questionado pelos gerativistas por não contemplar expressões idiomáticas como a famosa ‘*kick the bucket*’. Esta expressão, que significa ‘morrer’, é muito utilizada na literatura para discutir o conceito de composicionalidade semântica. Afinal, ao analisar os constituintes (‘*kick*’ significa ‘chutar’ e ‘*bucket*’ significa ‘balde’), não se pode chegar ao significado do todo. Ironicamente, ‘chutar o balde’ também é uma expressão idiomática do português, porém com um significado totalmente diferente da expressão em inglês.

A expressão ‘chutar o balde’ do português, que significa ‘extravasar’ (‘sair do sério’), parece, de algum modo, ser mais composicional do que ‘*kick the bucket*’ do inglês, já que a idéia de ‘chutar’ um ‘balde’, de certa forma, remete à idéia de ‘extravasar’, o que não acontece tão claramente no caso da expressão do inglês. Isto confirma as descobertas de Nunberg, Sag e Wasow (1994), que, em seu estudo sobre expressões idiomáticas, afirmam que além de perceberem que há composicionalidade nos seus significados, discordando de estudos anteriores que as classificavam como não-composicionais baseados apenas em argumentos sintáticos, existem graus de composicionalidade semântica.

Segundo Nunberg, Sag e Wasow (ibid., p.495), “o significado de uma expressão idiomática não é previsível somente com base em um conhecimento das regras que

---

<sup>64</sup> “*The strongest version of this principle*”.

<sup>65</sup> “*The meaning of a grammatically complex form is a compositional function of the meanings of its grammatical constituents*”.

<sup>66</sup> Tradução minha.

determinam o significado ou uso de suas partes quando elas ocorrem isoladas umas das outras<sup>67</sup>”. Os autores afirmam ainda que tais expressões também possuem propriedades semânticas, sintáticas, poéticas, discursivas e retóricas relevantes para entender o seu funcionamento. Além disso, segundo os autores (1994, p. 531), o significado metafórico das expressões idiomáticas possui partes identificáveis que estão associadas aos seus constituintes e mostram certas tendências ‘que provavelmente são uma função da maneira que os humanos concebem o mundo<sup>68</sup>’.

Esta discussão também é contemplada em Wertheimer (1998). Ao analisar as expressões idiomáticas, a autora compara-as às VPCs – que a autora chama de **verbos frasais** – afirmando que ambos os tipos de expressões compartilham características semânticas podendo ser divididos em idiomáticos e não-idiomáticos. Wertheimer (ibid., p. 18) utiliza os seguintes exemplos para demonstrar como as VPCs podem ser divididas:

(40) *The boys fought until one gave in.*

(41) *We must cut down on expenses.*

Wertheimer (ibid., p.18) conclui que, no exemplo (40), não há composicionalidade e a VPC ‘give in’ (‘desistir’) é idiomática, enquanto, no exemplo (41), a VPC ‘cut down’ (‘reduzir’) é composicional e, conseqüentemente, não-idiomática. A autora complementa com a seguinte explicação “‘cut’ + ‘down’ = ‘cortar’ + ‘para baixo’ ou ‘reduzir’”. Ao traduzir a partícula ‘down’ por ‘para baixo’, talvez Wertheimer não tenha percebido que ‘down’ jamais poderia ser traduzida como ‘para baixo’ se não estivesse formando a VPC. Isto mostra que a contribuição do significado das partículas nas VPC é complexa e não pode ser apenas explicada intuitivamente através da tradução.

A composicionalidade semântica não pode ser simplificada como a mera soma dos significados dos constituintes. Há casos em que um constituinte contribui e o outro não, como mostra o estudo de Bannard, Baldwin e Lascarides (2003) sobre a semântica das partículas. Os autores observam que o significado das VPCs não é previsível apenas através do significado individual de seus componentes e que composicionalidade semântica nas VPCs é

---

<sup>67</sup> “The meaning of an idiom cannot be predicted based on a knowledge of the rules that determine the meaning and use of its parts when they occur in isolation from one another”.

<sup>68</sup> “[...] which are likely a function of how humans conceive the world”.

variável. Eles afirmam ainda que cada componente é responsável por uma contribuição independente para o significado total.

Kim e Baldwin (2007, p. 1), que propõem um método de detecção automática da composicionalidade semântica das VPCs, definem a composicionalidade como sendo “uma medida do grau de correspondência entre a semântica da MWE e das suas partes<sup>69</sup>”. Os autores concordam com Bannard, Baldwin e Lascarides (2003) em relação à variabilidade composicional das VPCs e apresentam o seguinte quadro para demonstrar as diferenças na contribuição semântica dos constituintes de uma VPC.

VPC	Composicionalidade	Contribuição
<i>Lie down</i>	Sim	Ambos
<i>Close off</i>	Sim	Verbo
<i>Get down</i>	Sim	Partícula
<i>Make out</i>	Não	Nenhum

**Tabela 1: Composicionalidade semântica e contribuição dos componentes de uma VPC (KIM e BALDWIN, 2007, p.2).**

Outro estudo que corrobora com tal visão é o de Patrick e Fletcher (2006). Os autores discutem os diferentes tipos de VPCs quanto à sua idiomaticidade e composicionalidade. O quadro abaixo contém exemplos usados por Patrick e Fletcher (ibid.) para ilustrar o fato de que as contribuições semânticas do verbo e da partícula podem ser diferentes no significado total de uma VPC.

VPC	Verbo contribui para o significado	Partícula contribui para o significado
(42) <i>Peter <u>put</u> the picture <u>up</u>.</i>	Sim	Sim
(43) <i>Susan <u>finished up</u> her paper.</i>	Sim	Não
(44) <i>The thief <u>made away with</u> the cash.</i>	Não	Sim
(45) <i>Barbara and Simon <u>made out</u>.</i>	Não	Não

**Tabela 2: Contribuição semântica dos componentes de uma VPC (PATRICK e FLETCHER, 2006, p.2).**

<sup>69</sup> “[...] a measure of the degree of correspondence between the semantics of the overall MWE and that of its parts”.

Os autores relatam que, no exemplo (42), tanto o verbo quanto a partícula participam no significado total da VPC, mas que no exemplo (43) só o verbo participa. Em (44) e (45) a situação se inverte, ou seja, em (45), nenhum dos componentes tem participação no significado total da VPC, enquanto em (44), só a partícula participa. Mesmo assim, o quadro acima não mostra os diferentes graus de participação e simplifica a questão através de uma classificação binária (Sim/Não), o que esconde a complexidade da composicionalidade semântica das VPCs.

Embora no exemplo (43), segundo Patrick e Fletcher (2006), a partícula não contribua para o significado da VPC, há outras perspectivas de análise diferentes na literatura. Conforme Lindner (1981), por exemplo, a partícula ‘*up*’ dá um significado extra ao verbo ‘*finish*’, ou seja, dá ênfase à finalização da tarefa, ao ato de completar a tarefa. Lindner (ibid., p. 204) explica essa diferença, argumentando que ‘*finish a paper*’ significa ‘escrever a última parte de um artigo’, enquanto ‘*finish up a paper*’ implica ‘voltar após todas as seções terem sido essencialmente escritas, revisar, reescrever partes, retocar aqui e ali para que o artigo alcance sua forma canônica<sup>70</sup>’. Pode-se afirmar então que, embora a partícula não tenha um sentido literal, existe uma contribuição que pode ser atribuída a uma **extensão semântica** de ‘*up*’.

Lindner (1981), no seu estudo sobre VPCs, sistematiza extensões de significado para as partículas ‘*out*’ e ‘*up*’ através de **esquemas imagéticos** que representam os processos que ocorrem no cérebro para construir e expressar significado. Para Lindner (ibid.), o significado de uma partícula pode ser representado através de mais de um esquema, o que significa que as partículas são polissêmicas e que uma classificação binária, *i.e.* (Sim/Não), não leva em conta as diferentes possibilidades de construção de significado que uma partícula pode instanciar na VPC.

De acordo com o **modelo de protótipos**, conceitos são representados por um grupo de características, e não por suas definições. Um novo membro é categorizado como um tipo de conceito se é suficientemente similar ao seu protótipo. O agrupamento de conceitos em uma

---

<sup>70</sup> “[...] *go back after all sections are essentially written, revise it, rewrite parts, touch it up here and there so that the whole paper reaches canonical form*”.

dada categoria se daria, segundo Rosch (1973), não pela alternância dos traços binários, mas pela semelhança com o protótipo, em que o membro condensasse os traços mais característicos da categoria.

Tyler e Evans (2003) defendem a visão de que as partículas são polissêmicas e afirmam que os significados associados a uma partícula espacial estão relacionados entre si, de algum modo, no plano conceitual e não no plano lingüístico. Ou seja, segundo seu conceito de polissemia, a interpretação de uma expressão envolve informações que não são explicitamente geradas pelos itens lexicais. Os autores sugerem que, ao invés de as palavras conterem significado, e no caso das VPCs os seus constituintes, elas dão acesso a conceitualizações altamente complexas.

A GC traz uma visão mais detalhada dessa questão. Langacker (1987, p. 450) acredita que há fenômenos lingüísticos que se enquadram melhor em uma descrição parcial de composicionalidade, o que ele postula como algo natural, pois, segundo o autor, “a língua é aprendida e usada em contexto por falantes que trazem sistemas de conhecimento compartilhado para o empreendimento comunicativo<sup>71</sup>”. O autor afirma que as expressões lingüísticas *per se* não têm significado, mas que elas provêem acesso a um repertório de conhecimentos que permitem com que elas façam sentido. Por isso, para Langacker (1987), a ‘metáfora do contêiner<sup>72</sup>, e a ‘metáfora dos tijolos<sup>73</sup>, que influenciam o conceito de composicionalidade, são somente válidas e úteis “até certo ponto<sup>74</sup>”.

Segundo a metáfora do contêiner, expressões lingüísticas são contêineres para uma substância chamada significado e a metáfora dos tijolos defende que o significado de expressões compostas é construído através dos significados de suas partes, empilhando-os como se fossem tijolos. Langacker (ibid.) explica que, ao invés de ver uma expressão como um contêiner para o significado, pode-se entender que ela dá acesso a sistemas de conhecimento, e, que, ao invés de ver uma estrutura composta como uma edificação formada por componentes menores, *i.e.* tijolos, pode-se entender que as estruturas componentes não são os tijolos que formam a edificação, mas funcionam motivando-a.

---

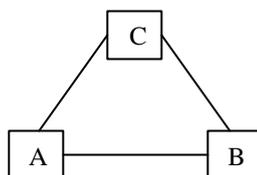
<sup>71</sup> “[...] *language is learned and used in context by speakers who bring many shared knowledge systems to the communicative endeavor*”.

<sup>72</sup> “*Container metaphor*”.

<sup>73</sup> “*Building-block metaphor*”.

<sup>74</sup> “[...] *up to a point*”.

Langacker (1987) clarifica essa noção através de uma representação abstrata dos elementos que figuram em uma construção. Considere a seguinte figura:



**Figura 2: Representação da composicionalidade semântica em expressões totalmente composicionais (LANGACKER, 1987, p. 450).**

Conforme a explicação de Langacker (1987, p. 449), em uma construção há três estruturas primárias e três relações entre elas. [A] e [B] representam o que o autor chama de ‘estruturas componentes’<sup>75</sup> e [C] representa a ‘estrutura composta’<sup>76</sup>. As linhas que ligam as estruturas representam as relações entre elas, sendo divididas em ‘correspondência horizontal’<sup>77</sup>, [A]-[B] (de integração) e ‘correspondências verticais’<sup>78</sup>, [A]-[C] e [B]-[C] (de composição). O autor considera mais uma estrutura ([AB]), que ele refere como sendo o resultado esperado da relação entre [A] e [B]. Langacker (ibid., p. 450) afirma que a estrutura [AB] é resultante da relação [A]-[B] no seguinte sentido:

- (i) [AB] has no content that is not contributed directly by [A] and/or [B];
- (ii) it is a unified conceptualization that respects the correspondences constituting relationship [A]-[B] (*i.e.* it is the structure that results from superimposing the corresponding substructures of [A] and [B]);
- (iii) it inherits its profile from one of the component structures.

Seguindo estes parâmetros pode-se dizer que  $[C] = [AB]$ . Esta noção de composicionalidade semântica dá conta de sintagmas como *black bird* (‘pássaro preto’), pois o significado da estrutura composta herda o perfil de *bird* (‘pássaro’) e seu conteúdo é essencialmente preenchido pelo significado dos seus componentes. No entanto, ao aplicar a

<sup>75</sup> “Component structures”.

<sup>76</sup> “Composite structure”.

<sup>77</sup> “Horizontal correspondence”.

<sup>78</sup> “Vertical correspondences”.

fórmula  $[C] = [AB]$  no composto *blackbird* ('melro-preto'), percebe-se que, embora um 'melro-preto' seja uma espécie de pássaro, o conteúdo da estrutura composta não é totalmente previsível através dos componentes *black* ('preto') e *bird* ('pássaro').

A seguir, Langacker (1987) conclui que a fórmula  $[C] = [AB]$  é somente válida para expressões totalmente composicionais e que tal modelo não se aplica a *blackbird* ('melro-preto') porque a estrutura possui uma 'identidade separada'<sup>79</sup>. O autor afirma então que nada impede que uma estrutura composta  $[C]$  possua conteúdo que não tenha ligação direta com  $[A]$  ou  $[B]$  e propõe a seguinte fórmula  $[C] = [ABX]$  para a expressão *blackbird* ('melro-preto').

Langacker (1987) acrescenta que também há expressões em que ambos os constituintes entram em conflito com o significado de  $[A]$  e  $[B]$ , como, por exemplo, *blackboard* ('quadro-negro'), que não é nem um 'quadro' (pelo menos no sentido prototípico de 'quadro') e não é necessariamente 'preto' (ou 'negro'). Para esta expressão, o autor atribui a seguinte fórmula:  $[C] = [A'B']$ . A apóstrofe ilustra que  $[AB]$ , ou seja, a estrutura composta, possui um conteúdo maior do que aquele herdado dos seus constituintes  $[A]$  e  $[B]$ .

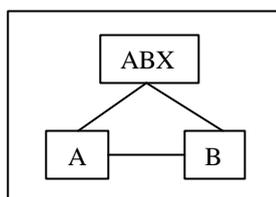
Langacker resume os diferentes graus de contribuição e os problemas encontrados para explicar a composicionalidade semântica, já exemplificados acima através de *blackbird*, *blackbird* e *blackboard*, da seguinte maneira:

With full compositionality, the systemic motivation of  $[C]$  is maximal, since  $[A]$  and  $[B]$  are easily recognizable within  $[C]$  and exhaust its contents. However, as  $[C]$  diverges from  $[AB]$ , its systemic motivation by  $[A]$  and  $[B]$  progressively decreases. The impact is small when  $[C]$  merely elaborates  $[AB]$  (as in *blackbird*), for the substructures  $[A']$  and  $[B']$  are easily recognized as instances of  $[A]$  and  $[B]$  even though characterized with greater specificity (i.e. as stated earlier,  $[C] = [ABX]$ ). The impact is even greater when  $[C]$  diverges from  $[AB]$  by extension rather than specialization (e.g. *blackboard*). Extension implies some conflict in specifications, and to the extent that  $[A']$  and  $[B']$  are inconsistent with  $[A]$  and  $[B]$ , the latter's recognition within  $[C]$  is rendered problematic. (LANGACKER, 1987, p. 464)

---

<sup>79</sup> "Separate identity".

Por fim, Langacker (ibid.) afirma que, mesmo que [C] e [AB] diverjam por consequência da extensão do significado dos constituintes [A] e [B], é possível representar as relações entre os componentes de uma construção excluindo [C]. Ou seja, [ABX] = [AB]. O autor utiliza a figura abaixo para ilustrar tal relação.



**Figura 3: Representação da composicionalidade semântica parcial (LANGACKER, 1987, p. 451).**

Com base na exposição feita acima, pode-se notar que a **extensão nos significados** de um ou mais constituintes de uma estrutura pode complicar sua interpretação. Esse fenômeno ocorre nas VPCs tanto com os verbos quanto com as partículas, o que faz com que os significados de algumas VPCs sejam mais facilmente capturados do que outros, conforme já ilustrado através dos exemplos (36), (38) e (39).

Conforme Bannard (2002), em VPCs totalmente composicionais o verbo e a partícula têm significados independentes que podem ser relacionados com o significado dos constituintes quando estes estão isolados, já em VPCs não-composicionais os seus significados são interdependentes. Lindner (1981, p. 56) coloca isso de outra maneira: “quanto mais prototípico o significado da partícula, mais se percebe que ela tem significado próprio<sup>80</sup>”. Segundo a autora, significado prototípico ou literal, no caso das partículas, é quando elas têm um significado direcional, como, por exemplo, ‘go out’ (‘sair’) ou ‘fall down’ (‘cair’), em oposição a significados menos literais, como, por exemplo, ‘carry out’ (‘realizar’) ou ‘tear up’ (‘rasgar’).

Essa questão está relacionada a outro conceito chave para este trabalho, que está presente nas discussões sobre composicionalidade semântica – a transparência e a opacidade semântica das expressões.

<sup>80</sup> “The more prototypical the particle’s meaning is, the more it is felt to have meaning of its own”.

### 1.2.4 *Transparência e Opacidade Semântica*

Nunberg, Sag e Wasow (1994) desenvolveram uma tipologia para classificar as expressões idiomáticas, dividindo-as em ‘transparentes’ e ‘opacas’. Sendo que expressões como, por exemplo, ‘*spill the beans*’, que significa ‘revelar um segredo’ ou ‘divulgar uma informação’, seria uma expressão transparente, enquanto a famosa ‘*kick the bucket*’ seria opaca, já que o significado total é ‘bater as botas’ (‘morrer’), o que, aparentemente, não tem nenhuma relação com o significado de seus constituintes ao analisá-los individualmente.

Segundo Nunberg, Sag e Wasow (1994, p. 497), a expressão idiomática ‘*spill the beans*’ (‘revelar um segredo’ ou ‘divulgar uma informação’) é transparente, pois é possível estabelecer uma correspondência entre o significado literal e o figurado dos seus constituintes. Ou seja, ‘*spill*’ (‘derramar’) corresponde a ‘revelar’ (ou ‘divulgar’) e ‘*beans*’ (‘feijões’) a ‘segredo’<sup>81</sup>.

Outro autor que explora o conceito de transparência semântica é Vale (2001). O autor estuda as expressões cristalizadas do português e propõe uma tipologia de classificação das mesmas. Conforme Vale (ibid., p.72), a transparência semântica é caracterizada pela “maior proximidade do cálculo do significado total da expressão por seus componentes, enquanto que a opacidade seria a total impossibilidade desse cálculo”.

Estes conceitos já haviam sido discutidos anteriormente por outros autores, como, por exemplo, Bolinger (1975, p. 411), que descreve transparência semântica como a “qualidade de expressões que falantes conseguem facilmente ‘decifrar’<sup>82</sup>”. O autor argumenta que expressões idiomáticas como ‘*to be tied up*’ (‘estar amarrado’) e ‘*to keep one’s shirt on*’ (‘ficar de camiseta’), que hoje em dia são usadas com o seu significado idiomático inconscientemente no cotidiano, um dia não passavam de construções literais.

A expressão ‘*to be tied up*’ (‘estar amarrado’), por exemplo, é usada quando não é possível cumprir um compromisso, aí se diz: ‘*I’m sorry, but I’m tied up, I won’t be able to*

---

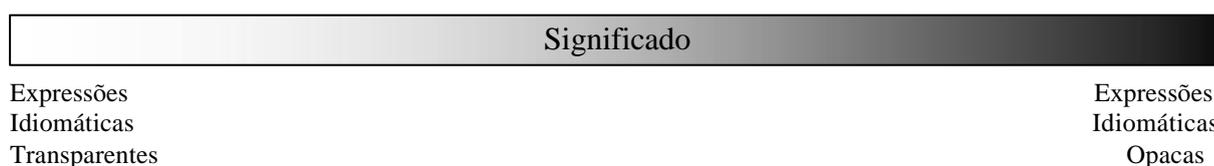
<sup>81</sup> Embora os autores não consigam explicar por que ‘*beans*’ (‘feijões’) e não ‘*succotash*’ (prato feito a base de feijões verdes e alguns legumes), como eles mesmo ilustram.

<sup>82</sup> “*The quality of expressions that speakers can easily ‘see through’*”.

*make it on time* ('Me desculpe, mas estou amarrado, não vou conseguir chegar a tempo'), e *'to keep one's shirt on'* ('ficar de camiseta') é usada quando há causa de irritação, mas é preciso manter a calma, como na seguinte frase: *'I didn't say we were going today; I said we'd go tomorrow. Keep your shirt on!'* ('Eu não disse que iríamos hoje; eu disse que iríamos amanhã. Fique calmo!'). Nota-se que o significado de *'to be tied up'* é mais facilmente associado a estar impossibilitado de fazer algo do que *'to keep one's shirt on'* a ficar calmo, sendo assim uma expressão idiomática menos opaca (ou mais transparente).

Conforme Bolinger (1975, p. 410), “sempre que uma combinação de palavras vem a ser usada repetidamente, em referência a uma coisa ou situação específica, ela desenvolve um tipo de tecido conectivo<sup>83</sup>”, fenômeno que o autor chama de **'fusão'**<sup>84</sup>. Segundo ele, palavras 'se fundem' semanticamente ou funcionalmente formando colocações e expressões idiomáticas. Além disso, Bolinger (ibid.) complementa afirmando que são as combinações de palavras como essas que dão um poder enorme à língua e que, em geral, os falantes não distinguem as associações entre os constituintes de expressões mais opacas.

Para ilustrar os conceitos de transparência e opacidade semântica, considere-se a figura abaixo:



**Figura 4: Transparência e opacidade semântica das expressões idiomáticas.**

O quadro acima ilustra simbolicamente a tipologia desenvolvida por Nunberg, Sag e Wasow (1994); onde em um dos extremos estão as expressões idiomáticas transparentes, ou seja, aquelas que se pode chegar ao seu significado do todo através do significado de seus constituintes, e no outro extremo estão as expressões idiomáticas opacas, ou seja, as que não é possível chegar ao seu significado total através do significado de seus constituintes.

<sup>83</sup> “Whenever a combination of words comes to be used again and again in reference to a particular thing or situation, it develops a kind of connective tissue”.

<sup>84</sup> “Fusion”.

Para Cruse (1986), além de ser possível classificar expressões em semanticamente transparentes e opacas, há níveis de opacidade. O autor enfatiza que a transparência é apenas o extremo de um *continuum* de graus de opacidade. Cruse (ibid.) compara a transparência à ‘limpeza’<sup>85</sup> e os graus de opacidade a ‘graus de sujeira’<sup>86</sup>, introduzindo a idéia de ‘semi-opacidade’<sup>87</sup>.

Cruse (ibid.) afirma ainda que a idéia de semi-opacidade está relacionada à noção de **indicadores semânticos** e que em uma combinação de palavras os seus constituintes retêm o significado que eles possuem quando fora de tal combinação em diferentes graus. Ou seja, um composto nominal formado por duas palavras que mantêm, quando juntas, o significado que possuem isoladamente (quando não fazem parte do composto nominal) é considerado menos opaco do que outro composto onde somente uma das palavras mantêm o significado, que, por sua vez, é menos opaco do que um composto onde nenhuma palavra retém o significado.

O autor chama as palavras que retêm seu significado por completo de ‘*full indicators*’, e as que retêm parcialmente de ‘*partial indicators*’. Cruse (1986, p.33) explica a diferença entre os indicadores através do seguinte exemplo: no composto nominal ‘*blackbird*’ (‘melro-preto’), embora as fêmeas sejam marrons e não pretas, o significado de ‘*black*’ ainda está atrelado a ‘preto’, que é uma característica saliente da espécie, enquanto em ‘*greenhouse*’ (‘estufa’), o significado do constituinte ‘*house*’ (‘casa’) é um indicador parcial (‘*partial indicator*’), já que ‘*greenhouse*’ não é uma casa, mas ainda assim é uma construção.

Esta noção de que a composicionalidade semântica é mais bem caracterizada através de um *continuum*, e não simplesmente dois extremos, *i.e.* expressões transparentes e opacas, é também discutida por Lindner (1981). A autora, concordando com Bolinger (1971), reconhece que existem extensões de significado nos componentes das VPCs e que isso ocorre em diferentes graus. Ao se referir ao significado das partículas das VPCs, Bolinger (ibid., p. 110) afirma que existe “uma **gradiente semântica** (grifo nosso) que vai de significados altamente concretos de direção e posição até significados abstratos<sup>88</sup>”.

---

<sup>85</sup> “*Cleanness*”.

<sup>86</sup> “*Degrees of dirtiness*”.

<sup>87</sup> “*Semi-opaqueness*”.

<sup>88</sup> “[...] *a semantic gradient from highly concrete meanings of direction and position to abstract meanings*”.

Corroborando com essas asserções, Tyler e Evans (2003), no seu estudo sobre a semântica das preposições, constataram haver quinze diferentes significados associados à preposição ‘*over*’, o que comprova o seu caráter polissêmico. Muitos desses significados estão presentes nas VPCs com a partícula ‘*over*’, como se pode verificar nos exemplos abaixo:

(46) *I'm going to hand this over to Tom.* (‘Vou entregar isso para o Tom’)

(47) *Mary looked over the manuscript carefully.* (‘Mary examinou o manuscrito cuidadosamente’)

(48) *The new prime-minister took over last week.* (‘O novo primeiro ministro assumiu semana passada’)

Sob um primeiro olhar, é difícil explicar a contribuição da partícula nas VPCs, o que indica certo grau de opacidade. No entanto, Tyler e Evans (2003) verificaram padrões de uso nas preposições que, em muitos casos, podem ser transferidos para as partículas nas VPCs – conforme a explicação abaixo.

No exemplo (46), observa-se o ‘sentido de transferência<sup>89</sup>’ (cf. Tyler e Evans, 2003) na contribuição da partícula, embora nesse exemplo o significado de ‘*hand*’, que enquanto verbo significa ‘passar com a mão’, também contribua fortemente para o significado total da VPC. Já no exemplo (47), a partícula apresenta o ‘sentido de inspeção<sup>90</sup>’ (cf. Tyler e Evans, 2003), enquanto o verbo ‘*look*’ (‘olhar’) também contribui para o significado, já que, ao examinar algum documento, há de se olhar para ele. Por fim, no exemplo (48), a partícula contribui com o ‘sentido de controle<sup>91</sup>’, mas o verbo ‘*take*’, que possui vários significados (talvez o mais prototípico sendo ‘pegar’), contribui de forma um pouco mais indireta.

Um dos fatores que determina o grau de opacidade de uma VPC é o grau de extensão do significado de seus constituintes, principalmente quando isso ocorre com a partícula, haja vista os inúmeros significados (cf. Tyler e Evans, 2003) que as partículas podem ter. Ou seja, as partículas podem ter diversos significados que combinados com o verbo podem tornar o significado total de uma VPC mais ou menos opaco.

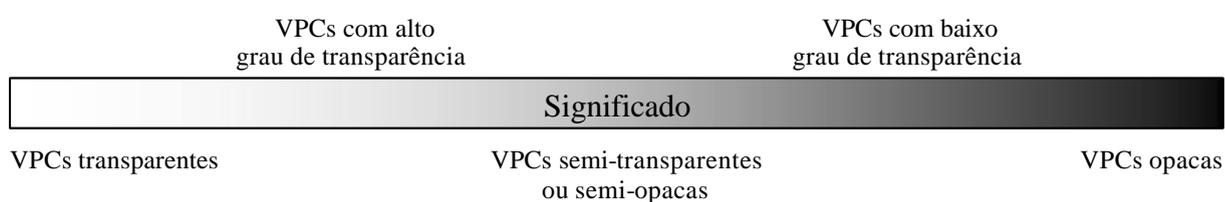
---

<sup>89</sup> “*Transfer Sense*”.

<sup>90</sup> “*Examining Sense*”.

<sup>91</sup> “*Control Sense*”.

Por fim, com base nas afirmações de Bolinger (1971) e Lindner (1981) sobre a gradiência no grau de transparência das VPCs e também nos exemplos acima, que ilustram a extensão de significado das partículas (cf. Tyler e Evans, 2003), pode-se concluir que há mais níveis de transparência e opacidade semântica do que os propostos por Nunberg, Sag e Wasow (1994) para as expressões idiomáticas<sup>92</sup>. No caso das VPCs, como as extensões de significados nas partículas podem variar bastante, havendo desde significados altamente concretos até significados totalmente abstratos (cf. Bolinger, 1971 e Lindner, 1981), a transparência e opacidade semântica de tais construções pode ser representada da seguinte maneira:



**Figura 5: Transparência e opacidade semântica das VPCs.**

Ao longo desta seção foram apresentados e discutidos conceitos que estão intrinsecamente relacionados às características semânticas das VPCs a fim de contextualizar a problemática que envolve tais construções. Já se pode perceber que os trabalhos de Tyler e Evans (2003), Langacker (1987), Bolinger (1971 e 1975) e Lindner (1981) dão suporte teórico ao presente trabalho, no entanto, ainda se faz necessário apresentar algumas considerações sobre a GC e as idéias que formam sua base teórica e, deste modo, justificar a escolha de tal perspectiva.

<sup>92</sup> Ilustrados pela figura 4, página 56.

### 1.3 GRAMÁTICA COGNITIVA

Ao delinear as bases teóricas da GC, Langacker (1987) afirmou que a teoria lingüística da época baseava-se em noções de língua equivocadas e se preocupava com questões inadequadas. Para o autor, os princípios de organização da teoria lingüística haviam sido construídos sobre ‘areia movediça’<sup>93</sup> e a única solução seria recomeçar a construir as bases teóricas em solo firme.

Segundo Langacker (ibid.), a linguagem figurada trazia problemas para as teorias da época e era ignorada por apresentar idiomaticidade e extensão semântica. Langacker (1987, p. 1) propõe então, através da GC, “uma maneira de conceber e descrever a estrutura gramatical acomodando a linguagem figurada como um fenômeno natural e esperado e não um fenômeno especial e problemático<sup>94</sup>”. Nota-se que as idéias centrais da GC estão em sintonia com a Lingüística Cognitiva, já que Langacker é também considerado um de seus principais representantes (cf. Silva, 1997, Evans, Bergen e Zinken, 2006 e Janda, 2000).

Conforme Silva (1997) e Evans, Bergen e Zinken (2006), a Lingüística Cognitiva surgiu para se opor às idéias da gramática gerativa. Embora os lingüistas cognitivistas não neguem que parte da habilidade lingüística seja inata, eles rechaçam a idéia de que exista um módulo da mente autônomo em relação ao resto da cognição.

A Lingüística Cognitiva é uma abordagem do estudo da linguagem que integra a língua no sistema cognitivo geral do ser humano. Nem a língua é vista como um sistema autônomo, como no estruturalismo, nem a faculdade da linguagem é vista como uma faculdade autônoma, como no gerativismo.

Conforme Evans, Bergen e Zinken (2006, p. 1), “a Lingüística Cognitiva é uma escola moderna de pensamento e prática lingüística. Ela se ocupa da investigação da relação entre a

---

<sup>93</sup> ‘*Quicksand*’. Termo usado pelo autor no prefácio para descrever os fundamentos e noções sobre os quais se apoiava a teoria lingüística da época – em clara referência ao gerativismo.

<sup>94</sup> “[...] *a way of conceiving and describing grammatical structure that accommodates figurative language as a natural, expected phenomenon rather than a special, problematic one*”.

linguagem humana, a mente e a experiência sócio-física<sup>95</sup>”. Os autores afirmam que a Lingüística Cognitiva foi fortemente influenciada por teorias e descobertas de outras ciências cognitivas que surgiram nas décadas de 60 e 70, especialmente a Psicologia Cognitiva.

Ainda segundo Evans, Bergen e Zinken (2006), a Lingüística Cognitiva não é uma teoria única e sim um movimento que conta com contribuições de vários pesquisadores, como, por exemplo, Lakoff, Langacker e Talmy.

Cognitive linguistics is best described as a 'movement' or an 'enterprise', precisely because it does not constitute a single closely-articulated theory. Instead, it is an approach that has adopted a common set of core commitments and guiding principles, which have led to a diverse range of complementary, overlapping (and sometimes competing) theories. (EVANS, BERGEN e ZINKEN, 2006, p. 2)

Corroborando com tal afirmação, Janda (2000) acrescenta que, embora a Lingüística Cognitiva não seja uma teoria que possa ser representada por um único texto ou um único autor, isso não significa que ela seja um amontoado de conceitos que não conversam entre si. A autora afirma que existem conceitos e objetivos centrais compartilhados pelos cognitivistas que provêm da observação empírica da linguagem humana.

The fact that cognitive linguistics can point to no definitive text or single authority does not mean that it is a trackless wilderness of shifting sands. There is a set of core concepts and goals, most of which are shared by most cognitive linguists, as well as by the philosophers, psychologists, and other scholars who have collaborated on the development of this framework. These concepts are not the product of an imposed theory, but have instead emerged from **empirical observation** corroborated across languages and disciplines. (JANDA, 2000, p. 3)

A Lingüística Cognitiva ganhou maior visibilidade a partir de 1989 quando René Dirven fundou a organização chamada ICLA<sup>96</sup> em um congresso organizado em Duisburg, Alemanha. A partir do início dos anos 90 a Lingüística Cognitiva tornou-se um campo de especialização reconhecido dentro do campo de estudos lingüísticos. Alguns dos tópicos de interesse para a Lingüística Cognitiva são: as características estruturais da categorização da

---

<sup>95</sup> “Cognitive linguistics is a modern school of linguistic thought and practice. It is concerned with investigating the relationship between human language, the mind and socio-physical experience”.

<sup>96</sup> *International Cognitive Linguistics Association*.

linguagem natural (como prototipicidade, polissemia sistemática, modelos cognitivos, imagem mental e metáfora); os princípios funcionais da organização lingüística (iconicidade e natureza); a interface conceitual entre sintaxe e semântica (explorada pela Gramática Cognitiva e Gramática da Construção<sup>97</sup>) e a relação entre linguagem e pensamento, incluindo questões sobre o relativismo e universais conceituais.

A GC (e conseqüentemente a Lingüística Cognitiva) está em sintonia com o presente estudo sobre as VPCs por apresentar bases teóricas que permitem o tratamento das partículas das VPCs como unidades semânticas que contribuem para o significado do todo. Além disso, a GC reserva uma posição de destaque para a semântica permitindo a análise de construções consideradas problemáticas na visão de outras teorias através de evidências empíricas, o que vai ao encontro da proposta metodológica do presente estudo.

A seguir, será apresentada uma breve exposição sobre o conceito de estrutura gramatical, segundo a GC, a fim de antecipar conceitos e também questões metodológicas que aparecerão na análise dos dados.

### 1.3.1 *A Natureza da Estrutura Gramatical*

Langacker (1987, p. 76) explica que na organização cognitiva humana há dois ‘espaços<sup>98</sup>’: o espaço semântico e o espaço fonológico (conforme o diagrama acima). O **espaço semântico** seria um “campo multifacetado de potencial conceitual dentro do qual pensamento e conceitualização se desdobram<sup>99</sup>”. O autor complementa afirmando que o mapeamento dos vários espaços semânticos e suas inter-relações, mesmo que de maneira rudimentar, é um pré-requisito para qualquer análise semântica.

Conforme Langacker (1987, p. 76), a natureza da gramática, dentro da visão cognitiva, se baseia em três tipos de estruturas básicas: a semântica, a fonológica e a simbólica. O autor destaca que essas estruturas estão interligadas, sendo que, a estrutura simbólica é bipolar e

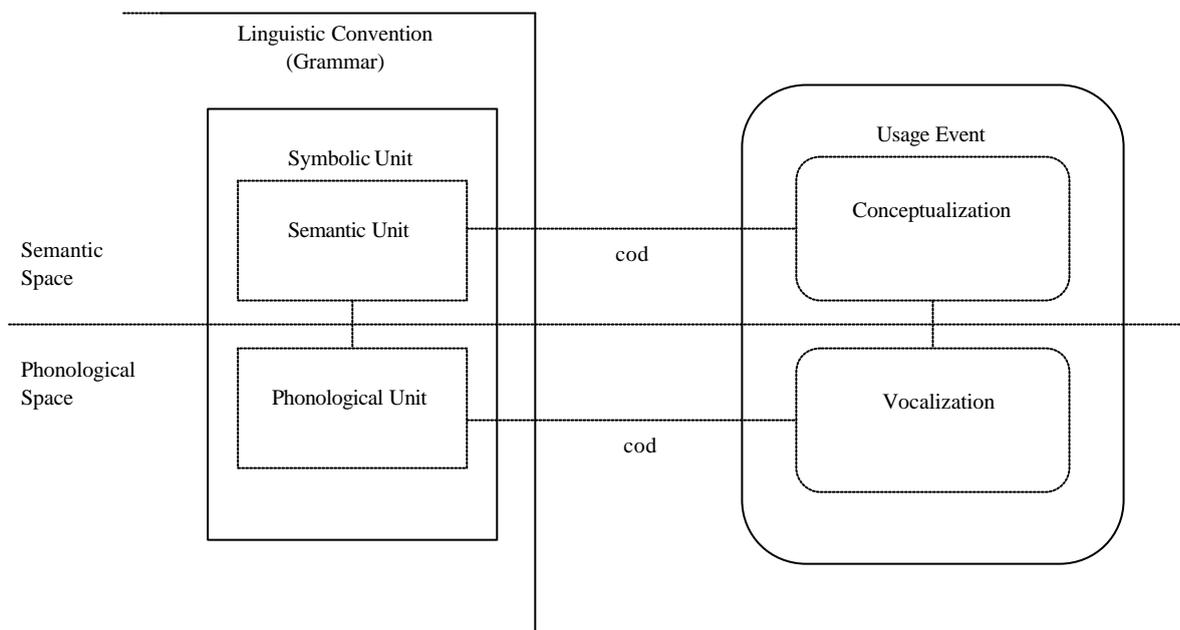
---

<sup>97</sup> *Construction Grammar*.

<sup>98</sup> Langacker chama de ‘*space*’ – por isso o nome ‘*Space Grammar*’, já referido anteriormente.

<sup>99</sup> “[...] *multifaceted field of conceptual potential within which thought and conceptualization unfold*”.

consiste em um pólo semântico, um pólo fonológico e a associação entre eles. De acordo com sua descrição, a estrutura semântica está ligada à conceitualização e a estrutura fonológica à vocalização, conforme a figura abaixo:



**Figura 6: Diagrama ilustrando as relações entre as estruturas simbólica, semântica e fonológica, segundo a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, p. 186).**

A figura acima ilustra a organização das estruturas básicas da GC. As duas linhas tracejadas horizontais, rotuladas com a abreviação 'cod', representam a **codificação** que, conforme Langacker (ibid.), a relação entre uma unidade lingüística e um evento de uso tanto no pólo semântico quanto no fonológico. Observa-se nessa organização que a semântica ocupa uma posição de destaque.

Langacker (1987) enfatiza que a GC não é uma continuação ou evolução da semântica gerativa, mas que ela tem como foco uma preocupação em tratar do significado e tem como base uma noção de gramática e léxico unificados. Na descrição de Langacker (ibid., p. 12), essa idéia de GC está baseada na constatação de que a gramática é a estruturação e simbolização do conteúdo semântico.

De acordo com Langacker (1987), a concepção de estrutura gramatical possui três pilares de sustentação como idéias centrais:

- (i) A estrutura semântica não é universal; ela é consideravelmente específica para cada língua. Além disso, a estrutura semântica é baseada em esquemas imagéticos e é caracterizada em relação a estruturas de conhecimento.
- (ii) A gramática (ou sintaxe) não constitui um nível formal autônomo de representação. Ao invés disso, a gramática é de natureza simbólica e consiste na simbolização convencional da estrutura semântica.
- (iii) Não há uma distinção significativa entre a gramática e o léxico. O léxico, a morfologia e a sintaxe formam um *continuum* de estruturas simbólicas, que diferem em vários parâmetros, mas só podem ser divididos em componentes separados arbitrariamente. (LANGACKER, 1987, p. 2-3)<sup>100</sup>

Sob esta visão, o significado é considerado um fenômeno cognitivo que está relacionado à idéia de conceitualização ou processamento cognitivo, o que faz interface com conceitos da Psicologia Cognitiva e da Inteligência Artificial. Segundo Langacker (1987), o significado é um fenômeno mental e deve ser descrito com base no processamento cognitivo. A representação de estruturas complexas, na visão da GC, se dá através de **esquemas imagéticos**, ou seja, simbolizações da experiência corporal humana no mundo.

Rohrer (2005) explica que a representação da linguagem através de **esquemas imagéticos** dá conta das relações entre significados prototípicos que ocorrem em diferentes **domínios**.

From cognitive neuroscience we know that the physical brain does not process visual information in a disembodied, non-imagistic way, but instead maintains the perceptual topology of images presented to it, and then re-represents increasingly abstract spatial and imagistic details of that topology. In Cognitive Linguistics, such findings have motivated a theory of **image schemas** (grifo nosso) whose topologies provide links between different clusters of prototypes in radial categories, and whose topologies motivate the cross-domain mappings of systematic conceptual metaphors. Just as in the case of using language to establish joint attention, such factors can and have been shown to shape and constrain what shared meaning emerges when people speak and listen. (ROHRER, 2005, p. 3)

Um domínio cognitivo, segundo Langacker (1987, p. 488), é “uma área coerente de conceitualização pela qual unidades semânticas podem ser caracterizadas. Espaço

---

<sup>100</sup> Tradução minha.

tridimensional, odor, cor, tato, etc. são **domínios básicos**<sup>101</sup>” (grifo nosso). O autor (1987, p. 488) acrescenta que “um conceito ou complexo conceitual de qualquer nível de complexidade pode funcionar como um **domínio abstrato**<sup>102</sup>” (grifo nosso). Lindner (1981, p. 77) afirma que cada **predicado**, que é definido como “o pólo semântico de um item lexical mínimo<sup>103</sup>”, é caracterizado em referência a um ou mais **domínios cognitivos**. Todas essas relações, entre conceitos e a forma como eles são expressos, são representadas através de **esquemas imagéticos**. A seguir, serão apresentados alguns exemplos de tais representações.

### 1.3.2 Esquemas imagéticos

A concepção de representar os processos cognitivos através de imagens parte da idéia de que a visão que os humanos têm do mundo e suas relações com o mundo são determinadas pelas peculiaridades do corpo humano (fisiológicas e neurológicas) e pela forma com que esse corpo interage com o mundo. Tyler e Evans (2003) explicam que a percepção humana do mundo está segmentada em cenas espaciais e é influenciada pelo corpo humano e suas dimensões.

Embodied experience constitutes the notion that human experience of the world is mediated by the kinds of bodies we have, and hence is in large measure determined by the nature of the bodies which mediate how we experience the world. (TYLER e EVANS, 2003, p. 23)

As **cenas espaciais** são descrições de imagens mentais que se dão no processamento cognitivo humano influenciado pelo corpo humano e sua experiência<sup>104</sup> no mundo. As partículas das VPCs, que sob um primeiro olhar são vazias de significado e, em muitos casos (como já exemplificado nas seções 1.1 e 1.2), parecem não contribuir para a composição do significado total, podem apresentar padrões de significação representados por cenas espaciais. Tais cenas espaciais possibilitam fazer associações entre significados mais concretos (e

<sup>101</sup> “A coherent area of conceptualization relative to which semantic units may be characterized. Three-dimensional space, smell, color, touch sensation, etc. are basic domains”.

<sup>102</sup> “A concept or conceptual complex of any degree of complexity can function as an abstract domain”.

<sup>103</sup> “The semantic pole of a minimal lexical item”.

<sup>104</sup> Daí as noções de Experientialismo e Incorporação (*‘Experientialism and Embodiment’*) discutidas em Rohrer (2005).

provavelmente mais prototípicos também) das partículas e significados mais abstratos. Essa noção é muito importante para o presente estudo, uma vez que através dela é possível fazer relações que expliquem a contribuição semântica das partículas nas VPCs. Para ilustrar essa possibilidade de relação entre significados mais concretos e mais abstratos, considere os seguintes exemplos:

(49) *The cup is on the table.* ('A xícara está sobre a mesa')

(50) *Can I count on your vote?* ('Posso contar com o seu voto?')

(51) *She went on speaking about her wedding.* ('Ela seguiu falando de seu casamento')

No exemplo (49), a preposição 'on' estabelece uma relação entre 'cup' ('xícara') e 'table' ('mesa'). Lindner (1981) afirma que os significados das partículas são representações de domínios espaciais e não-espaciais e ilustra o significado concreto de 'on' através da seguinte figura:

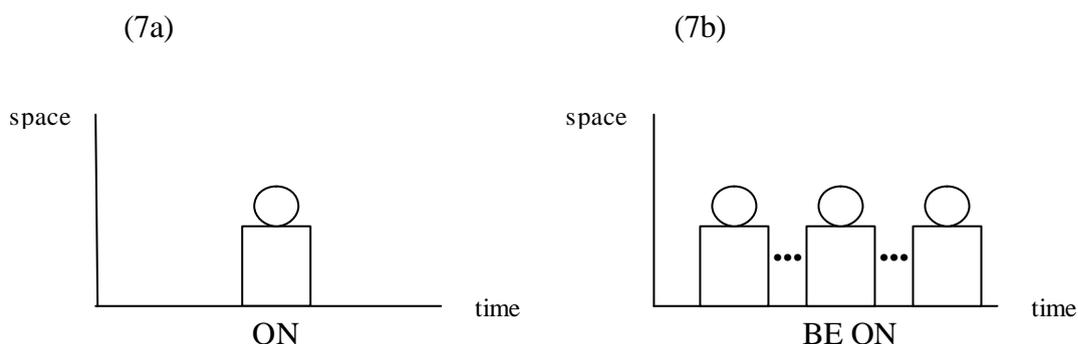


Figura 7: Representação da cena espacial de 'on' e 'be on' (LINDNER, 1981, p. 79).

Segundo Lindner (ibid.), (7a) representa a relação 'cup on table', onde 'cup' é a 'trajector' (doravante TR), 'table' é a 'landmark' (doravante LM) e 'on' a relação entre eles. Percebe-se que em (7a) não há uma relação temporal, entretanto a configuração pode ser estendida no tempo pelo **predicado** 'be', como em (7b). Então, o exemplo (49) está representado em (7b), onde no eixo 'space' ('espaço') pode-se notar um 'sentido de

suporte<sup>105</sup>, ou seja, a mesa não permite que a xícara caia no chão, ela dá suporte à xícara e, no eixo *'time'* ('tempo'), fica claro o 'sentido de continuidade'<sup>106</sup> produzido pelo verbo *'be'*.

No exemplo (50), embora a VPP *'count on'* ('contar com') não possa ser representada pela mesma cena espacial, percebe-se que existe um 'sentido de suporte', ou seja, 'contar com algo ou alguém' remete à idéia de 'ter o suporte de algo ou alguém'. Nas palavras de Tyler e Evans (2003, p. 28), "um conceito, como, por exemplo, 'suporte', que deriva de uma experiência físico-espacial, [...] pode ser sistematicamente estendido para domínios não-físicos<sup>107</sup>". Já no exemplo (51), a VPC *'go on'* ('continuar', 'seguir') pode ser associada ao 'sentido de continuidade', que está presente em (7b) e, conseqüentemente, no exemplo (49).

Tyler e Evans (2003, p. 50) definem **cena espacial** como "uma representação abstrata de uma configuração físico-espacial recorrente no mundo real, mediada pelo processamento conceitual humano<sup>108</sup>". Os autores concluem que os humanos estendem seu entendimento das relações físico-espaciais e entidades lingüísticas para domínios abstratos e tais conceitualizações são recorrentes no sistema lingüístico.

Com base nessas constatações, pode-se afirmar que a observação de tendências na extensão de significado das partículas nas VPCs pode ser feita através da relação entre significados mais concretos (e provavelmente mais prototípicos também) e significados mais abstratos, conforme demonstrado acima.

Por fim, vale destacar um último conceito importante para o presente estudo, que é a noção de **proto-cena**<sup>109</sup>. Uma **proto-cena** surge da observação da recorrência de cenas espaciais similares com uma dada partícula, que representam relações conceituais baseadas na experiência humana do mundo.

Conforme Tyler e Evans (2003), "**proto-cena** (grifo nosso) é uma representação mental idealizada concebida através da observação de cenas espaciais recorrentes associadas

---

<sup>105</sup> "Support Sense".

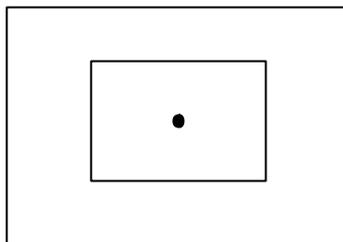
<sup>106</sup> "Continuity Sense".

<sup>107</sup> "A concept such as support, which derives from spatio-physical experience, in turn, can be systematically extended to non-physical domains".

<sup>108</sup> "A spatial scene is an abstract representation of a recurring real-world spatio-physical configuration mediated by human conceptual processing".

<sup>109</sup> "Proto-scene".

com uma partícula espacial específica<sup>110</sup>. Na figura abaixo está a proto-cena que os autores propõem para representar cenas espaciais recorrentes com a partícula ‘in’.



**Figura 8: Proto-cena para cenas espaciais envolvendo a relação ‘in’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 52).**

Observa-se na proto-cena acima o ‘sentido de contenção<sup>111</sup>’, ou seja, o significado prototípico de ‘in’ está associado com ‘estar dentro’, como em ‘*the cat is in the box*’ (‘o gato está dentro da caixa’) ou na VPC ‘*come in*’ (‘chegar’, ‘entrar’) em ‘*he came in at 10 pm*’ (‘ele chegou às 10 da noite’), ou ainda na VPC ‘*put in*’ (‘colocar’, ‘devotar’) em ‘*you must put in a lot of effort*’ (‘você deve se esforçar bastante’).

Em suma, nesta seção foram apresentados conceitos da GC (e também da Linguística Cognitiva) que são importantes para compreender como será feita a análise dos dados do presente estudo. No início da seção, foram discutidas as bases teóricas da GC mostrando a perspectiva pela qual entende a linguagem humana e a seguir foram referidos argumentos que dão suporte à utilização de esquemas imagéticos (cenas espaciais e proto-cenas) para representar os processos conceituais que se dão no cérebro humano em um evento comunicativo. Por fim, foram apresentados alguns exemplos a fim de mostrar como o arcabouço teórico se aplica no estudo das VPCs.

<sup>110</sup> “A proto-scene is an idealized mental representation across recurring spatial scenes associated with a particular spatial particle”.

<sup>111</sup> “Containment Sense”.

## 2. ASPECTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*Any scientific enterprise must be empirical in the sense that it has to be supported or falsified on evidence and, in the final analysis, statements made about language have to stand up to the evidence of language use.*

*Graeme Kennedy*

O uso de computadores na pesquisa acadêmica cresceu muito na última década. Os computadores dispõem de características que podem auxiliar a inteligência humana na busca de novos conhecimentos. Obviamente, os computadores não se cansam, em geral são precisos e processam grandes porções de informação digitalizada em pouco tempo.

No campo dos estudos da linguagem humana, essa realidade não é diferente: nos últimos anos o número de *corpora*<sup>112</sup> computadorizados tem crescido muito e pode-se dizer que sua utilização é um divisor de águas nas áreas relacionadas à pesquisa sobre a linguagem humana. Através da análise textual de grandes bancos de dados, chamados *corpora*, podem-se investigar fenômenos lingüísticos capturados em contextos autênticos e chegar a novos *insights* sobre como a língua funciona.

Como já mencionado na introdução, o pilar tecnológico desta pesquisa envolve a utilização de ferramentas da Lingüística de Corpus (doravante LC), mais especificamente um programa concordanciador chamado *AntConc 3.2.1w*, para fazer a extração e coleta de dados da pesquisa e de um *corpus*<sup>113</sup>. Este capítulo trata da parte metodológica do presente estudo e tem dois objetivos principais e, por isso, está também dividido em duas seções (2.1 e 2.2), conforme a descrição abaixo.

---

<sup>112</sup> *Corpora* é o plural de *corpus*. Ver definição de *corpus* a seguir.

<sup>113</sup> Cabe aqui lembrar que o *corpus* a ser utilizado é o *American National Corpus*.

A primeira seção (2.1) apresenta uma discussão sobre questões metodológicas relacionadas ao uso de *corpora* na pesquisa lingüística. Ainda na primeira seção, há uma exposição da ferramenta a ser utilizada para a coleta de dados considerando os seus recursos e características e, por fim, é apresentada uma descrição do *corpus* juntamente com uma discussão sobre sua organização.

A segunda seção (2.2) apresenta uma exposição dos procedimentos metodológicos e critérios adotados para fazer a coleta de dados, detalhando as etapas operacionais da pesquisa e fazendo observações preliminares acerca dos dados coletados.

## 2.1 A LINGÜÍSTICA DE CORPUS

A observação de dados lingüísticos através do computador é comparada com a introdução do telescópio nas ciências exatas séculos atrás<sup>114</sup>. Com os computadores pessoais de hoje, é possível sistematizar a observação de dados fugindo da idealização e da mera intuição na descrição da linguagem humana.

Conforme Berber Sardinha (2000a, p. 325), “a LC ocupa-se da coleta e exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados lingüísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística”. Com base nesta definição, pode-se dizer que estudos lingüísticos utilizando diferentes *corpora* têm como objetivo analisar a **linguagem autêntica** e padrões lingüísticos verdadeiros através de uma **abordagem empirista** - ou seja, através de evidências lingüísticas verificadas por computador.

É importante ressaltar que não se pode dizer que qualquer texto digitalizado é um *corpus*. Segundo Berber Sardinha (2004, p. 18), a melhor definição de *corpus* é:

[...] um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo

---

<sup>114</sup> Ver Stubbs (1996).

que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para descrição e análise.

Esta é uma definição completa do que é um *corpus*, pois leva em conta não somente a idéia de que um *corpus* é sistematizado, ou seja, há critérios para se construir um *corpus*, mas também a sua **representatividade** e **finalidade**.

Embora o primeiro *corpus* lingüístico eletrônico<sup>115</sup> tenha sido criado em 1964 nos Estados Unidos, a LC emergiu com força apenas no final do século passado. Os centros de pesquisa que mais se utilizam da LC estão na Europa, onde estudos sobre os mais variados aspectos da linguagem são explorados através de pesquisas baseadas em *corpus*. Já no Brasil, a LC apenas passou a ser valorizada nos últimos anos. De acordo com Kennedy (1998, p. 1):

Nas ciências da língua um 'corpus' é um conjunto de textos escritos ou fala transcrita que pode servir como base para descrição e análise lingüística. Nas últimas três décadas a compilação e análise de 'corpora' armazenados em bancos de dados computadorizados nos trouxe essa nova área de estudo acadêmico conhecida como 'Lingüística de Corpus'. [...] A Lingüística de Corpus não é um fim por si própria, mas é uma fonte de evidência para melhorar descrições da estrutura e uso das línguas, e para várias aplicações, incluindo o processamento de linguagens naturais por computador e o entendimento de como aprender ou ensinar uma língua.<sup>116</sup>

Como vemos na descrição acima, a LC não é uma ciência por si só, mas um caminho<sup>117</sup> que o lingüista pode se utilizar para fazer pesquisa lingüística. Em suma, a LC possibilita a busca de **evidências empíricas** em um *corpus* para dar suporte às intuições do pesquisador trazendo novas possibilidades na investigação sobre os padrões lingüísticos de uma língua. Esta posição empírica se opõe a uma visão racionalista da linguagem pela qual o conhecimento lingüístico é explicado através de princípios. Segundo Maciel (2005, p. 125), a LC "é a área de estudos lingüísticos que analisa os padrões de uso real da língua, observando empiricamente quais as formas gramaticais possíveis e prováveis de serem ditas pelos falantes de carne e osso e não por potenciais falantes idealizados".

---

<sup>115</sup> Brown University Standard Corpus of Present-Day American English.

<sup>116</sup> Tradução minha.

<sup>117</sup> Outro autor que compartilha dessa idéia é Hoey (1997).

Em concordância com tais afirmações, Kennedy (1998) acrescenta que um *corpus* permite o estudo do **significado em uso** e facilita a investigação empírica de dados, não somente a fim de identificar os padrões estruturais que formam os sistemas (convenções lingüísticas) usados em uma língua, mas também possibilitando o mapeamento do uso desses sistemas. O autor afirma que, além disso, a LC revive um interesse pela distribuição estatística de unidades lingüísticas no contexto de uso que já se mostrava presente nos Estados Unidos e no Reino Unido desde os anos 1920. Naquela época, segundo Kennedy (ibid.) havia uma tradição de contar palavras com o intuito de desvendar as palavras e estruturas gramaticais mais freqüentes e, deste modo, mais úteis para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Biber, Conrad e Reppen (1998) destacam que as áreas de pesquisa mais beneficiadas pelos estudos através de uma abordagem baseada em *corpus*<sup>118</sup> são a lexicografia (estudo das palavras) e a gramática. Segundo os autores, hoje é possível analisar estruturas gramaticais através de uma perspectiva de uso, utilizando-se de ferramentas básicas que possibilitam verificar a freqüência e os contextos em que elas ocorrem. Essa perspectiva de uso está em sintonia com o arcabouço teórico da GC, que privilegia a observação do uso do sistema lingüístico independente da possibilidade de enquadramento de certas convenções através de regras mais gerais<sup>119</sup>.

Hoje em dia, existem muitos *corpora* de diferentes tamanhos e com diferentes propósitos<sup>120</sup>. Por isso, ao adotar (ou compilar) um *corpus* para estudo lingüístico é preciso ter em mente certos critérios. Um *corpus* criado para se fazer análise lingüística deve ser, sobretudo, **representativo e afinado** com um determinado objeto de estudo.

A representatividade de um *corpus* está obviamente relacionada à sua **extensão** – quanto maior o *corpus*, mais representativo ele será. De acordo com Berber Sardinha (2004, p. 23), “a representatividade está ligada à questão da probabilidade”, uma vez que, sob a visão da LC, a linguagem é de caráter probabilístico. Berber Sardinha (2000b, p. 5) afirma:

---

<sup>118</sup> “*Corpus-based approach*”.

<sup>119</sup> Conforme já discutido no Capítulo I, na seção ‘1.2.1 Previsibilidade’.

<sup>120</sup> Ver Kennedy (1998), Biber, Conrad e Reppen (1998) e Berber Sardinha (2004) para uma relação dos principais *corpora* de língua inglesa existentes.

Um corpus maior é mais representativo do que um menor devido ao fato de que vai conter mais instâncias de traços lingüísticos raros, e conseqüentemente, será uma amostra mais abrangente da totalidade de traços presentes na linguagem.

Berber Sardinha (2004) afirma ainda que a extensão de um *corpus* abrange três dimensões: o número de palavras, o número de textos e o número de gêneros, registros ou tipos textuais. Com base no número de palavras em um *corpus*, Berber Sardinha (2004, p. 26) apresenta a seguinte classificação de tamanho:

Tamanho em palavras	Classificação
Menos de 80 mil	Pequeno
80 a 250 mil	Pequeno-médio
250 mil a 1 milhão	Médio
1 milhão a 10 milhões	Médio-grande
10 milhões ou mais	Grande

**Tabela 3: Classificação de tamanho de um *corpus* (BERBER SARDINHA, 2004, p. 26).**

No entanto, além do número de palavras, um *corpus* precisa apresentar uma variedade de gêneros, registros e tipos textuais a fim de ser considerado **representativo e equilibrado**. No caso do presente estudo, o *corpus* a ser utilizado é de caráter geral<sup>121</sup>, ou seja, representativo da língua como um todo, o que é imprescindível para se fazer uma análise observando as VPCs mais freqüentes extraídas de seu verdadeiro habitat.

Em resumo, a LC é um meio para se validarem teorias empiricamente, ou seja, através de dados oriundos do **uso genuíno** de uma determinada língua ou variedade lingüística. Segundo Berber Sardinha (2004), seus elementos centrais de conceituação são a visão de que a linguagem é de caráter probabilístico e que a descrição lingüística deve ser baseada em evidências empíricas e não intuições. Estas asserções estão em sintonia com a proposta

<sup>121</sup> Há também os *corpora* especializados e os *corpora* de aprendiz (*learner corpora*), que possuem diferentes finalidades. Os *corpora* especializados são formados por textos de uma área de conhecimentos específica, como por exemplo: medicina, negócios, meio-ambiente, etc. e são bastante utilizados para se estudar os termos técnicos ou padrões de linguagem de uma determinada área. Os *corpora* de aprendiz são formados por textos produzidos por aprendizes de língua estrangeira e servem para verificar problemas recorrentes em um grupo de aprendizes e estabelecer estratégias para superá-los. Para uma descrição mais detalhada, ver Aston (2000).

cognitivista de observação empírica<sup>122</sup> (cf. Janda, 2000) de dados e da idéia de abordagem baseada no uso<sup>123</sup>, proposta por Langacker (1987).

Para se realizar este estudo, optou-se pela utilização de um *corpus* e de um programa concordanciador para fazer a coleta de dados a fim de aplicar os preceitos teóricos adotados em dados empíricos. Na próxima seção, será apresentado o *corpus* utilizado no presente estudo, destacando sua estrutura e discutindo suas características gerais.

### 2.1.1 *American National Corpus*

O *American National Corpus* (doravante ANC) possui, no seu último lançamento (*Second Release*), mais de 22 milhões de palavras do inglês americano coletadas a partir de 1990. O ANC<sup>124</sup> é um ambicioso projeto que, quando finalizado, terá um número de palavras próximo ao do BNC<sup>125</sup>, que contém aproximadamente 100 milhões de palavras.

Conforme a classificação de Berber Sardinha (2004), apresentada na seção anterior, o ANC é um *corpus* de grande porte, que, embora ainda não esteja totalmente finalizado, já permite a observação de um conjunto representativo de dados oriundos de diferentes gêneros e tipos textuais. No entanto, antes de avançar na caracterização do ANC e de sua organização, é conveniente fazer uma breve descrição de sua primeira versão.

A primeira versão do ANC foi lançada em outubro de 2003 em CD-ROM pelo preço de US\$ 75. Esta versão continha 11,5 milhões de palavras, sendo aproximadamente um quarto do seu conteúdo oriundo do inglês falado, incluindo transcrições de conversas telefônicas de voluntários que receberam cartões telefônicos em troca de terem suas conversas gravadas. Os outros três quartos do *corpus* eram de inglês escrito proveniente do jornal *New York Times*, da revista *Slate*, guias de viagem da editora *Langenscheidt* e livros da *Oxford University Press*

---

<sup>122</sup> Ver citação no Capítulo I, p. 61.

<sup>123</sup> “*Usage-based approach*”.

<sup>124</sup> O site oficial com informações complementares sobre o ANC está disponível no seguinte endereço: <http://www.americannationalcorpus.org/>. Acesso em fevereiro de 2008.

<sup>125</sup> *British National Corpus*. Disponível em: <http://www.natcorp.ox.ac.uk/>. Acesso em dezembro de 2007.

sobre arquitetura e sobre Abraham Lincoln. A figura abaixo contém uma tabela (Reppen, 2004) descrevendo a origem dos dados que formaram a primeira versão do ANC.

**TABLE 2**  
Description of American National Corpus (ANC) First Release

Mode/Name	Texts ( <i>n</i> )	Words ( <i>n</i> )	Contributor
<b>Spoken</b>			
Call home	24	50,494	Linguistic Data Consortium
Switchboard	2,320	3,056,062	Linguistic Data Consortium
Charlotte narrative	95	117,832	Project MORE
Total spoken	2,439	3,224,388	
<b>Written</b>			
<i>New York Times</i>	4,148	3,207,272	Linguistic Data Consortium
Travel guides	101	514,021	Langenscheidt
Slate	4,694	4,338,498	Microsoft
Nonfiction	27	224,037	Oxford University Press
Total written	8,970	8,283,828	
Total corpus	11,409	11,508,216	

**Figura 9: Descrição da primeira versão do ANC (REPPEN, 2004, p. 110).**

Esta primeira versão estava longe de ser um *corpus* representativo e bem distribuído. Mesmo assim, de acordo com Reppen (2004), foi lançada a fim de mostrar que o projeto estava em andamento, além de possibilitar um primeiro contato de lingüistas com o *corpus*, o que também serviria para identificar problemas e planejar futuras melhorias para o projeto.

A segunda versão<sup>126</sup> do *corpus* é a versão atual<sup>127</sup>, que contém aproximadamente 22 milhões de palavras e é mais representativa e equilibrada do que a versão anterior. O ANC atual é constituído por três diretórios (ou pastas) principais, que, por sua vez, se subdividem em outros diretórios que especificam os diferentes domínios, como, por exemplo, o diretório *spoken* (falado) contém o diretório *academic discourse* (discurso acadêmico), já *fiction* (ficção) e *technical* (textos técnicos) estão dentro dos diretórios *written1* (escrito1) e *written2* (escrito2), respectivamente. Esses diretórios que especificam os domínios também se subdividem em outros subdiretórios (ou *subcorpora*<sup>128</sup>), como, por exemplo, *micase*

<sup>126</sup> “*Second Release*”.

<sup>127</sup> Atual para os dias de hoje, ou seja, primeiro trimestre de 2008.

<sup>128</sup> A idéia de *subcorpus* está relacionada ao fato de que um *corpus* pode ser formado por vários *corpora* de tamanho menor.

(*Michigan Corpus of Academic Spoken English*<sup>129</sup>) e *nytimes* (*New York Times*<sup>130</sup>). Finalmente, esses *subcorpora* contêm os arquivos na extensão '.txt' que formam o ANC. A figura abaixo mostra a organização e distribuição dos diretórios do *corpus*, conforme a descrição acima.

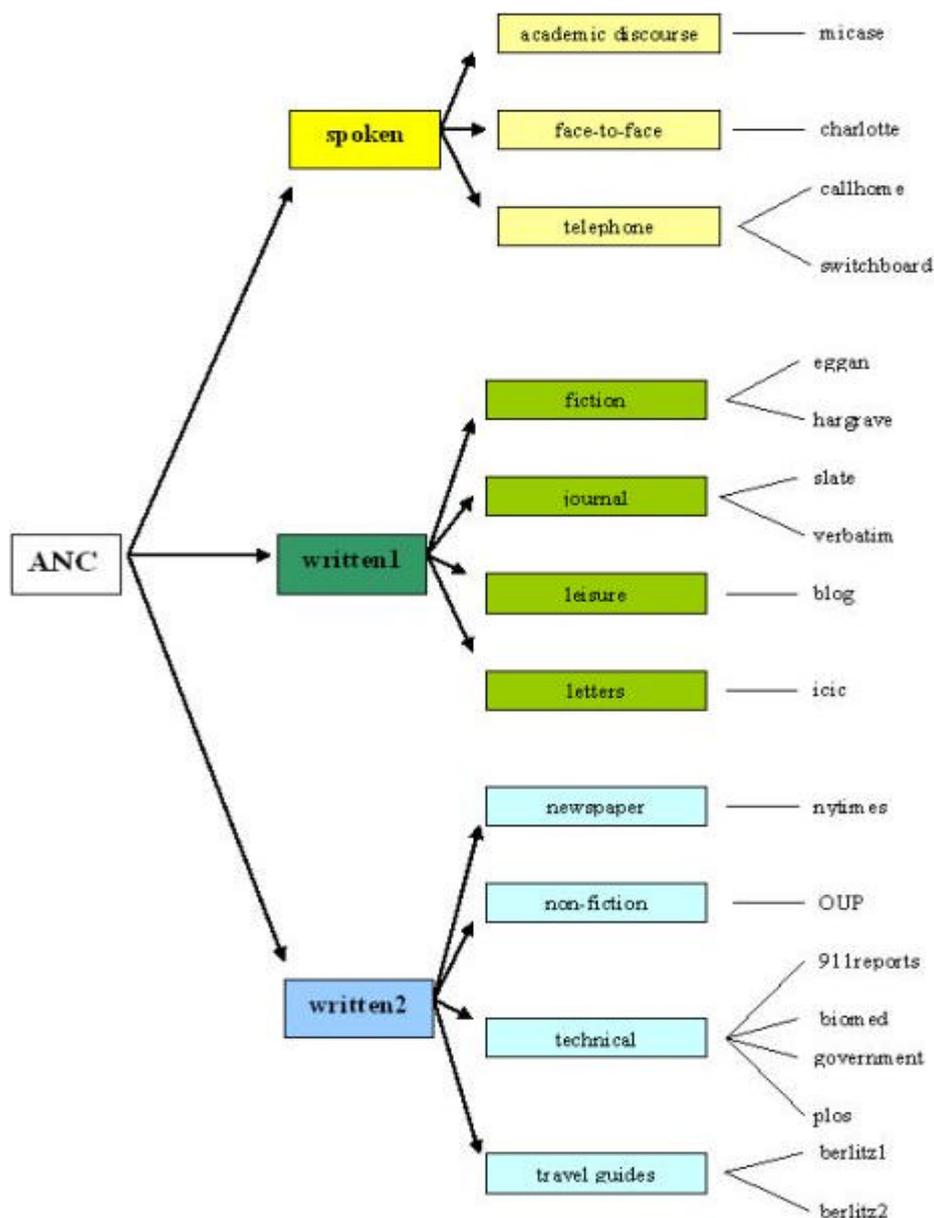


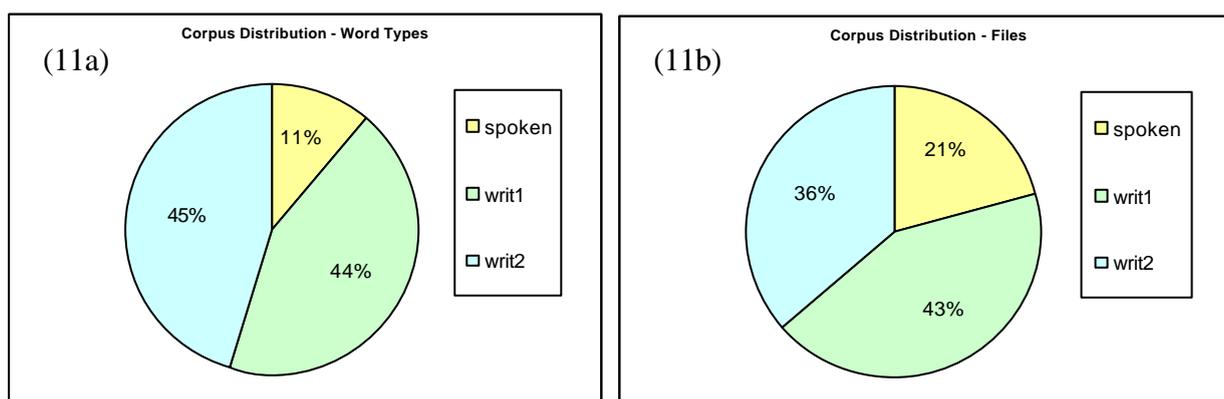
Figura 10: Organização dos diretórios e subdiretórios do ANC.

<sup>129</sup> Disponível em: <http://quod.lib.umich.edu/m/micase/>. Acesso em fevereiro de 2008.

<sup>130</sup> 4.148 artigos retirados do *New York Times Newswire* relacionados à aproximadamente 100 diferentes assuntos.

A vantagem de compilar um *corpus* mantendo-o dividido em *subcorpora* é obviamente possibilitar que, além de poder fazer pesquisas no *corpus* como um todo, se possa explorar também os diferentes padrões de cada variedade ou *subcorpora*. Há três diretórios principais, sendo um de língua falada (*spoken*) e dois de língua escrita (*written1* e *written2*). Acredita-se que a divisão *written1* e *written2* se deu por motivos de distribuição, ou seja, para tentar manter um equilíbrio no tamanho dos diretórios, já que, ao observar o diagrama acima, se pode perceber que a divisão foi feita por ordem alfabética: ficando *fiction* (ficção), *journal* (periódicos), *leisure* (lazer) e *letters* (cartas) no diretório *written1* e *newspaper* (jornal), *non-fiction* (não-ficção), *technical* (textos técnicos) e *travel guides* (guias de viagem) no diretório *written2*.

Considerando a organização da estrutura atual do ANC, vale destacar, por exemplo, que o diretório *written2* contém linguagem mais impessoal e provavelmente mais formal do que o diretório *written1*, já que é composto por artigos de jornais, linguagem não-fictícia, linguagem técnica e guias de viagem. O *written1*, por outro lado, contém ficção, periódicos<sup>131</sup>, lazer e cartas – o que pressupõe uma linguagem mais informal e pessoal. Isto pode ser verificado ao serem feitas duas simples comparações: uma em relação ao número total de tipos de palavra (*word types*) e a outra referente ao número de arquivos (*files*) nos *subcorpora*. Considere os gráficos abaixo:



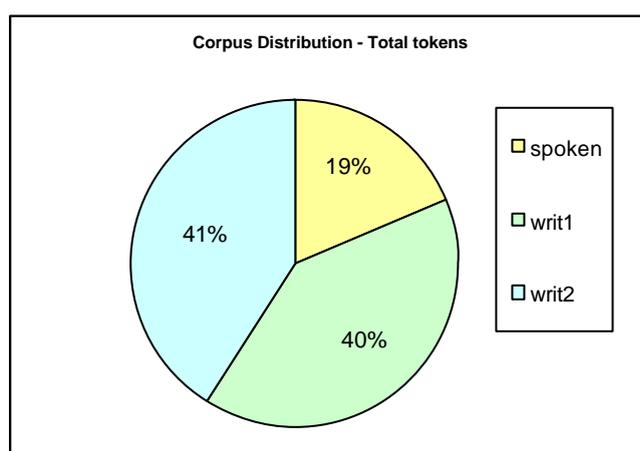
**Figura 11: Porcentagem do número de tipos de palavra e de número de arquivos nos *subcorpora* do ANC.**

<sup>131</sup> Os periódicos teoricamente contêm linguagem mais formal, sendo, então, uma exceção se comparados aos outros três subitens do diretório.

Ao comparar os dois gráficos ('11a' e '11b'), é possível perceber que há diferenças entre a porcentagem do número de tipos de palavra e a porcentagem do número de arquivos nos três diretórios. Comparando os diretórios *written1* e *written2* em relação ao seu grau de formalidade, como proposto acima, verifica-se que o diretório *written2* contém um percentual mais alto de tipos de palavras (45%) do que em relação ao número de arquivos (36%), ou seja, a porcentagem para o número de tipos de palavra é significativamente maior do que a de número de arquivos. Já ao analisar as porcentagens referentes ao diretório *written1*, não há mudança significativa. Em outras palavras, esses números refletem que o diretório *written2* contém linguagem mais formal, já que sua porcentagem de número de palavras (45%) é maior que a do diretório *written1* (44%), embora a porcentagem de número de arquivos do *written1* (43%) seja maior do que a do *written2* (36%).

Percebe-se também que a porcentagem do número de tipos de palavra do diretório *spoken* é significativamente menor do que sua porcentagem de número de arquivos. Provavelmente isto reflita o fato de que um número menor de palavras é usado na expressão oral.

O gráfico abaixo mostra a distribuição em número total de palavras (*total tokens*) nos diretórios principais do ANC, onde aproximadamente um quinto do *corpus* é composto por língua falada e os outros quatro quintos por língua escrita.



**Figura 12: Porcentagem do número de número total de palavras nos *subcorpora* do ANC.**

De acordo com Kennedy (1998), há um predomínio da língua escrita na grande maioria dos *corpora* existentes, uma vez que a coleta de texto digitalizado escrito é mais compatível com as tecnologias atuais. Isto não significa que, para um *corpus* ser considerado equilibrado, ele tenha que contemplar igualmente a língua falada e escrita, ou seja, 50% cada. Porém, fica evidente que a questão do equilíbrio é complexa<sup>132</sup> e não existe uma fórmula para criação de *corpora* representativos e equilibrados.

A tabela abaixo contém os números de arquivos (*No. files*) e números de palavras (*No. words*) de cada um dos *subcorpora* do ANC e seus respectivos domínios (*domain*).

<b>Spoken</b>			
<b>Corpora</b>	<b>Domain</b>	<b>No. files</b>	<b>No. words</b>
Callhome	telephone	24	52,532
Charlotte	face to face	93	198,295
Micase	academic discourse	50	593,288
Switchboard	telephone	2,307	3,019,477
<b>Spoken Totals</b>		<b>2,474</b>	<b>3,863,592</b>
<b>Written</b>			
<b>Corpora</b>	<b>Domain</b>	<b>No. files</b>	<b>No. words</b>
911 report	government, technical	17	281,093
Berlitz	travel guides	179	1,012,496
Biomed	technical	837	3,349,714
Buffy	blog	143	3,093,075
Hargraves	fiction	106	405,195
Eggan	fiction	1	61,746
Icic	letters	245	91,318
Nytimes	newspaper	4,148	3,625,687
Oup	non-fiction	45	330,524
Plos	technical	252	409,280
Slate	journal	4,531	4,238,808
Verbatim	journal	32	582,384
Web data	government	285	1,048,792
<b>Written Totals</b>		<b>10,821</b>	<b>18,530,112</b>
<b>Corpus Totals</b>		<b>13,295</b>	<b>22,393,704</b>

**Tabela 4: Número de arquivos e número de palavras dos *subcorpora* do ANC<sup>133</sup>.**

Em suma, o ANC é um projeto em andamento que possui atualmente mais de 22 milhões de palavras provenientes de uma variedade de domínios. O *corpus* é composto por

<sup>132</sup> Ver Kennedy (1998) para uma discussão mais aprofundada.

<sup>133</sup> Disponível em: <http://www.americannationalcorpus.org/SecondRelease/contents.html>. Acesso em novembro de 2007.

amostras de uso genuíno da língua tanto do inglês americano escrito, como do falado. No futuro, a estrutura do ANC será ainda mais abrangente e representativa. Como já mencionado anteriormente, o objetivo é alcançar aproximadamente 100 milhões de palavras e incluir um número maior de variedades lingüísticas. A figura abaixo contém uma tabela (Reppen, 2004, p. 107) que descreve o futuro ANC e sua distribuição (*target design*).

**TABLE 1**

Target Design of the 100-Million-Word American National Corpus (ANC)

---



---

55 percent books
Nonfiction = 41 percent
Natural sciences (e.g., biology, chemistry, geology, math, physics)
Applied sciences (e.g., communication, energy, engineering)
Social sciences (e.g., anthropology, geography, psychology, sociology)
World affairs (e.g., economics, government, history, politics)
Commerce (e.g., business, finance, industry, economics)
Arts (e.g., media, performing arts, visual arts)
Beliefs (e.g., mythology, astrology, philosophy, religion)
Leisure (e.g., antiques, gardening, hobbies, travel)
Biographies
Fiction = 14 percent
General fiction
Historical fiction
Science fiction
Romantic fiction
Mystery
Adventure
Poetry
Drama
Humor
20 percent newspapers, magazines, and journals
Magazines (general and specialized)
Newspapers (national and local, daily and weekly)
Journals
10 percent spoken
Face-to-face
Meetings
Phone conversations
Planned speeches
10 percent electronic
Web pages, e-mail, chat rooms
5 percent miscellaneous (published and unpublished material)
Solicitation letters, brochures, memos

---

**Figura 13: Futura distribuição do ANC (REPPEN, 2004, p. 107).**

Esta versão certamente irá contemplar o inglês americano de uma forma muito mais abrangente do que a versão atual, podendo ser comparada ao BNC. Entretanto, pode-se observar que hoje a porcentagem de língua falada é de 19% (ver figura 11 acima), enquanto na sua futura distribuição (ver figura 13 acima) esse percentual cai para 10%. Por outro lado, outras variedades serão contempladas, como, por exemplo, linguagem eletrônica (*web pages, e-mail, chat rooms*).

Outra característica relevante a ser mencionada é que o ANC é um *corpus* anotado, o que significa que ele está codificado em linguagem XML<sup>134</sup>, que é uma linguagem que possibilita a recuperação de dados metalingüísticos com certas ferramentas, o que pode facilitar a análise lingüística.

No entanto, a anotação do ANC não será explorada no presente trabalho por duas razões principais. Uma delas está relacionada a questões já discutidas no primeiro capítulo (seção 1.1 e 1.2), qual seja: a natureza problemática das VPCs dificulta sua identificação e extração automática por meio de computador (cf. Villavicêncio, 2003b, Villavicêncio e Copestake, 2003 e Baldwin e Villavicêncio 2002). Além disso, é importante lembrar que o objetivo principal do trabalho está relacionado à análise semântica e a utilização de ferramentas computacionais para fazer a coleta de dados se dá para possibilitar a observação de dados empíricos, como já mencionado anteriormente neste capítulo.

A outra razão é que, entre os tipos de anotação disponíveis para o ANC, não há nenhum que contemple as VPCs como uma classe distinta. Segundo as informações disponíveis no próprio *site* do ANC<sup>135</sup>, o tipo de anotação que mais se aproxima das VPCs é denominada '*verb chunks*', contudo, tais anotações não distinguem VPPs e VPCs, o que dificultaria a coleta automática de dados.

Acredita-se que, para os fins da presente pesquisa, o ANC possa ser explorado de maneira satisfatória, mas vale lembrar que é preciso ter em mãos algum *software* para coletar

---

<sup>134</sup> '*Extensible Markup Language*' é uma linguagem de marcação cujo propósito principal é o compartilhamento de informações através Internet. Na Lingüística Computacional este recurso é utilizado para 'anotar' um *corpus*, ou seja, incluir informações lingüísticas dos elementos do texto.

<sup>135</sup> Disponível em: <http://americannationalcorpus.org/>. Acesso em janeiro de 2008.

concordâncias<sup>136</sup> e fazer a análise lingüística desejada. Na próxima seção, será apresentado o concordanciador chamado *AntConc 3.2.1w* e os recursos disponíveis através dele a serem usados nessa investigação lingüística.

### 2.1.2 *AntConc 3.2.1w*

Como já mencionado na introdução, a utilização de um concordanciador, mais especificamente o *AntConc 3.2.1w*, para fazer a extração e coleta de dados, deve-se a dois motivos principais: facilitar a coleta de dados e fundamentar a análise e discussão dos dados.

O *AntConc 3.2.1w* é um programa *freeware*<sup>137</sup> de concordâncias que roda em ambiente Windows, Macintosh OS X e Linux, desenvolvido por Laurence Anthony da Universidade de Waseda (Japão). O programa foi escrito na linguagem Perl 5.8 e é totalmente compatível com o padrão *Unicode*<sup>138</sup>, o que significa que se pode usá-lo com *corpora* de diferentes línguas, incluindo todas as línguas européias e asiáticas<sup>139</sup>. O programa está disponível no *site* do pesquisador<sup>140</sup> gratuitamente e permite fazer vários tipos de pesquisa dentro de um determinado *corpus*.

Além de ser gratuito, o *AntConc 3.2.1w* tem uma interface simples, o que o torna fácil de ser usado por qualquer tipo de usuário, seja ele um pesquisador, um professor ou até mesmo um aprendiz de língua estrangeira. Não há necessidade de fazer nenhuma instalação, pois o programa consiste em apenas um arquivo (de 3,67 Mb) que é executado com um duplo clique de *mouse*.

É importante ressaltar que, embora o programa tenha uma interface simples e seja possível usá-lo intuitivamente, o *AntConc 3.2.1w* possui inúmeras ferramentas e opções que

---

<sup>136</sup> Listagens das ocorrências de um item específico, que pode ser formado por uma ou mais palavras, acompanhado do texto ao seu redor.

<sup>137</sup> *Software* gratuito.

<sup>138</sup> *Unicode* é um padrão que permite aos computadores representar e manipular, de forma consistente, texto de qualquer sistema de escrita existente. Ver <http://unicode.org/> para uma descrição mais detalhada sobre o padrão *Unicode*. Acesso em janeiro de 2008.

<sup>139</sup> De acordo com o arquivo '*read me*', que vem junto com o software contendo informações e detalhes sobre sua instalação e utilização.

<sup>140</sup> Disponível em <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/>. Acesso em dezembro de 2007.

despenderiam várias páginas para uma descrição minuciosa. Além disso, muitas dessas não são relevantes para a presente pesquisa, de maneira que serão apresentadas somente as ferramentas e opções a serem utilizadas no processo de coleta de dados.

Ao executar o programa obtemos a seguinte tela:

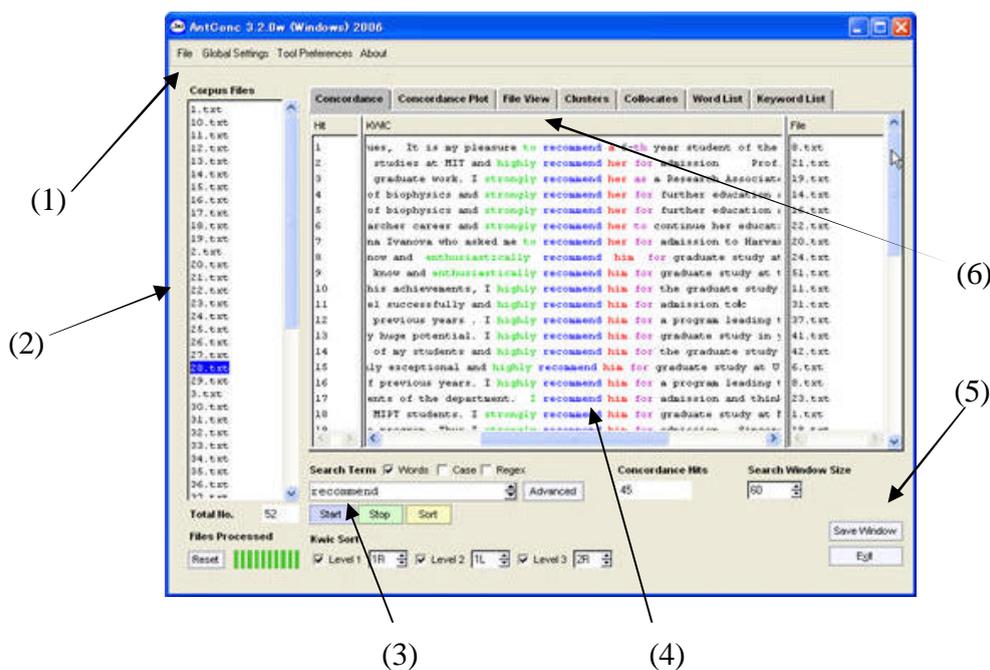


Figura 14: Janela principal do *AntConc 3.2.1w*.

O primeiro passo para usar o programa é selecionar o *corpus* a ser pesquisado. Para tanto, é necessário que o *corpus* já esteja salvo no computador. Clicando em 'File' (1), no canto superior esquerdo da tela, e depois em 'Open Dir...', se abrirá uma janela na qual se deve indicar o diretório onde o *corpus* se encontra e depois clicar 'ok'. Após seguir estes passos, a lista de arquivos aparecerá dentro da lista intitulada 'Corpus Files' (2).

Depois de selecionado o *corpus*, digita-se a palavra-chave, ou seja, o item a ser buscado (*search term*) na caixa de texto (3) e clica-se em *start* para iniciar a pesquisa. Aparecerão então as concordâncias (4) e também outras informações, como, por exemplo, o número de resultados (*concordance hits*) da pesquisa. Ao clicar em uma palavra-chave localizada no centro da linha de concordância (4), é possível visualizar a frase completa, porém, nesse caso, se estaria alternando para a aba *File View* (6), onde, além da frase completa, se pode visualizar o arquivo todo onde a concordância clicada ocorre. Os resultados da pesquisa podem ser salvos temporariamente em uma janela separada, clicando no botão

*save window* (5), ou em formato *‘.txt’*, clicando em *‘File’* (1) e depois *‘Save Output to Text File...’*.

Como se pode observar na figura acima, há sete abas (*Concordance*, *Concordance Plot*, *File View*, *Clusters*, *Collocates*, *Word List*, *Keyword List*) na janela principal do programa. Cada uma das abas está relacionada a uma ferramenta diferente. Para o presente trabalho serão usadas somente cinco dessas ferramentas. Abaixo segue uma descrição das ferramentas a serem usadas.

***Concordance***: como já ilustrado acima, com esta ferramenta podem-se visualizar as concordâncias resultantes da busca feita. A palavra (ou palavras) buscada aparece no centro da linha de concordância e se pode clicar nela para obter o arquivo completo. Para o presente estudo esta é uma ferramenta essencial para fazer a coleta de concordâncias.

***File view***: esta ferramenta possibilita a visualização do arquivo completo, o que ajuda quando é necessário fazer a análise do contexto onde se dá uma determinada ocorrência. Esta ferramenta é importante para VPCs cujo significado não está claro somente através das linhas de concordância.

***Clusters***: com esta ferramenta podem-se identificar *clusters* (ou agrupamentos lexicais) de palavras<sup>141</sup>. Os resultados aparecem em ordem de frequência e se pode optar por fazer pesquisas com o termo que buscamos à direita ou à esquerda no *cluster*. Além disso, também é possível determinar o número mínimo e máximo de palavras no *cluster* e a frequência mínima a ser buscada. Esta ferramenta é essencial para a pesquisa, pois é através dela que se pode determinar quais VPCs são mais frequentes e, conseqüentemente, hierarquicamente mais importantes na língua<sup>142</sup>.

***Collocates***: esta ferramenta é similar à descrita acima (*clusters*), porém os resultados (ou a lista de colocados<sup>143</sup>) são mostrados não somente com a indicação de frequência de cada colocado, mas também se ele aparece à direita ou à esquerda do termo buscado. As vantagens dessa ferramenta em relação à ferramenta *clusters* é que ela permite fazer a busca de

---

<sup>141</sup> Grupos de palavras que co-ocorrem, ou seja, palavras que ocorrem juntas com certa frequência.

<sup>142</sup> Conforme já discutido na seção ‘2.1 Lingüística de Corpus’.

<sup>143</sup> Colocados são palavras que co-ocorrem com certa frequência. Este conceito está relacionado à idéia de colocação. Ver Cermák (2000), Corpas Pastor (1998) e Stubbs (1995).

colocados que não estão imediatamente antes ou após a palavra-chave (*search term*), o que pode ajudar a identificar VPCs onde há um advérbio<sup>144</sup> entre o verbo e a partícula. Além disso, esta ferramenta possibilita que **cálculos estatísticos de associação** sejam feitos automaticamente, como, por exemplo, *T-score* e *Mutual Information*<sup>145</sup>.

**Word list:** esta ferramenta conta o número de *tokens*<sup>146</sup> e *word types*<sup>147</sup>, trazendo os resultados por ordem de frequência ou alfabética. Esta ferramenta possibilita a coleta de números que podem ser utilizados para fazer cálculos comparativos entre as VPCs coletadas.

Em resumo, o *AntConc 3.2.1w* é um programa gratuito, disponível na Internet, que permite fazer a análise lingüística de um determinado *corpus*. Além disso, é um concordanciador de interface simples e intuitiva que possui todas as ferramentas necessárias para a presente pesquisa. Na próxima seção, será apresentada uma descrição dos procedimentos metodológicos e critérios adotados para fazer a coleta de dados, assim como uma exposição dos problemas encontrados.

## 2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos da presente pesquisa envolvem várias etapas que vão desde a análise da estrutura do *corpus* a fim de explorá-lo mais eficientemente até utilização das ferramentas do *AntConc 3.2.1w* para fazer a coleta de dados e finalmente aplicar os preceitos teóricos já expostos no primeiro capítulo. As informações e gráficos mostrados na seção 2.1.1 fazem parte de uma análise preliminar da estrutura do ANC, que permitiu uma reflexão sobre a representatividade e o equilíbrio do *corpus* e também evidenciou existir possibilidades de explorar o *corpus* a partir de sua estrutura e organização.

A seguir foi feita uma análise das ferramentas do *AntConc 3.2.1w* com o intuito de dominar o seu funcionamento e otimizar a sua utilização no processo de coleta de dados. Na

---

<sup>144</sup> Conforme já discutido na seção '1.1.1 Características sintáticas'.

<sup>145</sup> Ver Berber Sardinha (2004) Capítulo 7 e Stubbs (1995) para uma descrição detalhada desses cálculos estatísticos.

<sup>146</sup> Número total de palavras independente de serem repetidas.

<sup>147</sup> Número total de palavras diferentes.

seção 2.1.2 foram apresentadas as características gerais do *software* e também as cinco ferramentas utilizadas.

A ferramenta *word list* foi utilizada para fazer a análise preliminar do ANC, que envolveu a coleta de números referentes aos diretórios *spoken*, *written1* e *written2* e a criação dos gráficos em formato ‘.xls’ (*Microsoft Excel*). Foi realizada também uma observação das seis partículas que mais ocorrem com VPCs (cf. Villavicêncio, 2003a) nos três diretórios acima, conforme os dados na tabela abaixo.

Particle / Directory	spoken	Total tokens	%	writ1	Total tokens	%	writ2	Total tokens	%	Total	Total tokens	%
in	49055	3947083	1,24	136708	8553254	1,60	200381	8740752	2,29	386144	21241089	1,82
on	20351	3947083	0,52	58783	8553254	0,69	54770	8740752	0,63	133904	21241089	0,63
out	12651	3947083	0,32	21500	8553254	0,25	9594	8740752	0,11	43745	21241089	0,21
up	11710	3947083	0,30	20776	8553254	0,24	8734	8740752	0,10	41220	21241089	0,19
down	4649	3947083	0,12	6132	8553254	0,07	3434	8740752	0,04	14215	21241089	0,07
away	1569	3947083	0,04	3501	8553254	0,04	1555	8740752	0,02	6625	21241089	0,03

Tabela 5: As frequências das seis partículas mais comuns<sup>148</sup> nas VPCs nos diretórios principais do ANC.

Embora não haja nenhuma relação com as VPCs na tabela acima, esses dados foram coletados apenas para fins comparativos. Em amarelo está o número de ocorrências de cada partícula<sup>149</sup>, em verde o número total de palavras de cada diretório principal e em azul a porcentagem referente aos dois números anteriores. As frequências das seis partículas mais comuns foram comparadas às de outras oito partículas que também ocorrem em VPCs, conforme a tabela abaixo:

Particle / Directory	spoken	Total tokens	%	writ1	Total tokens	%	writ2	Total tokens	%	Total	Total tokens	%
for	23528	3947083	0,60	74240	8553254	0,87	94548	8740752	1,08	192316	21241089	0,91
by	4105	3947083	0,10	34010	8553254	0,40	54440	8740752	0,62	92555	21241089	0,44
about	15356	3947083	0,39	28943	8553254	0,34	11874	8740752	0,14	56173	21241089	0,26
after	1890	3947083	0,05	8973	8553254	0,10	11311	8740752	0,13	22174	21241089	0,10
over	4196	3947083	0,11	9568	8553254	0,11	8164	8740752	0,09	21928	21241089	0,10
off	3023	3947083	0,08	7892	8553254	0,09	3295	8740752	0,04	14210	21241089	0,07
through	2560	3947083	0,06	4965	8553254	0,06	6454	8740752	0,07	13979	21241089	0,07
around	3169	3947083	0,08	5069	8553254	0,06	3297	8740752	0,04	11535	21241089	0,05

Tabela 6: As frequências de outras oito partículas nos diretórios principais do ANC.

<sup>148</sup> Cf. Villavicêncio (2003a).

<sup>149</sup> Aqui está sendo usada a palavra ‘partícula’, embora não necessariamente façam parte de uma VPC, já que essa busca preliminar não levou em conta quais palavras vinham junto a elas. Sendo assim, poderia ter-se usado a palavra ‘posição’.

Essas frequências foram então comparadas à de outras partículas, que haviam sido descartadas em um primeiro momento por duas razões. A primeira, por acreditar-se intuitivamente que elas são menos frequentes nas VPCs (e na língua em geral) e que a maior parte de suas ocorrências se dá em sintagmas preposicionais, como, por exemplo, ‘*along the river*’ (‘ao longo do rio’) ou ‘*under the bridge*’ (‘sob a ponte’). E a segunda, por acreditar-se que essas partículas têm, na maioria de suas ocorrências, significados menos metafóricos e idiomáticos, sendo então classificadas como VPPs, e não VPCs, quando aparecem com verbos. Os números da tabela abaixo confirmam essas hipóteses, uma vez que a única das partículas abaixo que mostra uma frequência considerável, que é ‘*back*’, não apresenta um significado metafórico em grande parte de seus usos.

Particle/Directory	spoken	Total tokens	%	writ1	Total tokens	%	writ2	Total tokens	%	Total	Total tokens	%
across	444	3947083	0,01	1215	8553254	0,01	2444	8740752	0,03	4103	21241089	0,02
along	674	3947083	0,02	1781	8553254	0,02	2705	8740752	0,03	5160	21241089	0,02
aside	100	3947083	0,00	596	8553254	0,01	221	8740752	0,00	917	21241089	0,00
back	4734	3947083	0,12	8630	8553254	0,10	3628	8740752	0,04	16892	21241089	0,08
forth	386	3947083	0,01	364	8553254	0,00	224	8740752	0,00	984	21241089	0,00
under	679	3947083	0,02	3209	8553254	0,04	5849	8740752	0,07	9737	21241089	0,05

**Tabela 7: As frequências de outras seis partículas nos diretórios principais do ANC.**

A observação das frequências acima ajudou a definir as partículas a serem investigadas (‘*away*’, ‘*over*’ e ‘*out*’). Outro fato que influenciou a escolha foram os estudos já existentes. Lindner (1981), por exemplo, realizou um estudo abrangente sobre a partícula ‘*out*’, que será referenciado para fins de análise. Além disso, Tyler e Evans (2003) realizaram um estudo sobre a partícula espacial ‘*over*’, que, embora não seja sobre VPCs com tal partícula, pode ser usado como referência pelos seus esquemas imagéticos e pelos sentidos de ‘*over*’ propostos pelos autores<sup>150</sup>. Em contrapartida, a partícula ‘*away*’ foi escolhida por estar entre as partículas mais comuns entre as VPCs, mas que, no entanto, não usufrui de um estudo mais detalhado.

<sup>150</sup> Ver capítulo 4 de Tyler e Evans (2003).

Como se pode perceber, os critérios usados na escolha das partículas foram tanto de natureza quantitativa, quanto qualitativa. Essa combinação também pode ser verificada no processo de coleta de dados que será apresentado a seguir.

### 2.2.1 Etapas do Processo de Coleta de Dados

Tendo feito a escolha das partículas a serem investigadas, foram seguidas as seguintes etapas no processo de coleta de dados:

- (a) Verificação das vinte agrupamentos lexicais<sup>151</sup> mais comuns com cada uma das partículas escolhidas através da ferramenta *clusters* e coleta dos números de ocorrência das VPCs selecionadas em tabelas no formato ‘.xls’ (*Microsoft Excel*).
- (b) Eliminação de dez VPCs através do cruzamento de dados entre os diretórios principais (*spoken*, *written1* e *written2*), busca de verbos que não estejam precedendo imediatamente a partícula através da ferramenta *collocates* e aplicação do cálculo estatístico de associação *T-Score* a fim de comprovar o status de VPC freqüente das VPCs pré-selecionadas.
- (c) Verificação manual de idiomaticidade das VPCs através da ferramenta *file view* caso haja dúvidas em relação às suas classificações, ou seja, se são VPPs ou VPCs<sup>152</sup>.
- (d) Seleção final das cinco VPCs mais comuns com cada partícula e coleta das concordâncias a serem utilizadas para fazer a análise semântica.

A etapa (a) será referida como **pré-seleção**. Durante esta etapa, foi efetuada a busca de agrupamentos lexicais com as partículas ‘*away*’, ‘*over*’ e ‘*out*’ nos três diretórios principais (*spoken*, *written1* e *written2*) separadamente através da ferramenta *clusters*. Nesta etapa foram eliminados quaisquer agrupamentos lexicais cujas estruturas não contivessem um verbo e uma

---

<sup>151</sup> Aqui se utiliza o termo **agrupamento lexical** por duas razões: a ferramenta usada para se chegar nesses dados é chamada *clusters* e, além disso, nessa etapa ainda não se tinha certeza do *status* de todos os agrupamentos lexicais, podendo eles ser VPCs ou VPPs.

<sup>152</sup> Conforme discutido na seção ‘1.1 Características das VPCs’.

partícula. Durante a pré-seleção foram coletados os vinte agrupamentos mais frequentes com cada partícula, ou seja, um total de sessenta, e seus respectivos números de ocorrências. A coleta do número de ocorrências permite comparações e observações de natureza estatística, especialmente ao considerar os números coletados dos diferentes diretórios.

Nas etapas (b) e (c), que serão referidas como **limpeza dos dados**, foi aplicado um cálculo estatístico de associação entre palavras chamado *T-score*, disponível através da ferramenta *collocates*, para fins de comprovação de frequência e também, quando necessário, foi feita a verificação manual das concordâncias através das ferramentas *concordance* e *file view* a fim de eliminar qualquer dúvida quanto à idiomaticidade das construções selecionadas.

A etapa (d) envolveu a soma dos valores de T encontrados nos três diretórios para cada VPC pré-selecionada e a **seleção final** das 5 VPCs mais frequentes com cada partícula a serem incluídas na análise semântica, totalizando 15 VPCs. Por fim, ainda na etapa (d), foi realizada a **coleta das concordâncias** a serem analisadas. A coleta das concordâncias, por sua vez, é o produto final do processo todo que permite a observação dos dados utilizados para a análise semântica.

Vale ressaltar que a coleta de concordâncias foi realizada sem o mesmo fim probabilístico que os números tiveram durante o processo de pré-seleção e limpeza dos dados. O uso do cálculo estatístico de *T-score* e todos os números de frequência que foram empregados durante as primeiras etapas do processo têm como objetivo garantir a relevância do estudo, uma vez que se propõe analisar as cinco VPCs mais frequentes com cada uma das partículas.

Durante a análise em si, foram utilizadas concordâncias que ilustrassem cada um dos pontos sendo discutidos. Não foram analisadas todas as concordâncias de cada VPC, uma vez que, em certos casos, o número de ocorrências passou de dois mil, como por exemplo, no caso da VPC *'go out'* (2185 ocorrências). O critério utilizado para estabelecer quais e quantas concordâncias seriam usadas para caracterizar a contribuição das partículas foi sua relevância. Foram escolhidas não somente as concordâncias que ilustram as cenas espaciais e os sentidos propostos, mas também as que não se enquadram neles e dão precedentes à formulação de novos sentidos e cenas espaciais.

### 2.2.2 Problemas Encontrados no Processo de Coleta de Dados

Durante o processo de coleta de dados foram encontrados três problemas referentes ao uso das ferramentas e à natureza problemática das VPCs.

**Distinção entre VPP e VPC:** conforme já discutido no primeiro capítulo<sup>153</sup>, essa distinção não se pode fazer somente com base na sintaxe e envolve o julgamento da idiomaticidade e do grau de lexicalização das construções. Este problema foi resolvido através da inclusão de mais uma etapa<sup>154</sup> no processo de coleta de dados que foi realizada quando se julgou necessário.

**Diferentes formas dos verbos:** outro problema encontrado está relacionado ao fato de que os verbos possuem diferentes formas, ou seja, ao coletar a VPC ‘*go out*’, por exemplo, é necessário levar em conta as diferentes formas do verbo, ou seja, ‘*go*’, ‘*goes*’, ‘*going*’, ‘*went*’ e ‘*gone*’. A solução para este problema foi fazer uma relação das formas possíveis dos verbos das VPCs pré-selecionadas e somar suas ocorrências.

O mesmo problema ocorreu ao fazer o cálculo de *T-score*: a solução encontrada foi fazer a coleta dos valores de T de cada uma das formas dos verbos em questão, somando-os e dividindo-os pelo número de formas, obtendo-se assim uma média aritmética simples de *T-score* para cada uma das VPCs. Posteriormente, os números finais de *T-score* de cada diretório foram somados e divididos pelo número de diretórios contendo ocorrências de cada VPC, obtendo-se assim uma média aritmética do valor final de *T-score* para cada uma das VPCs.

**Distância entre o verbo e a partícula:** conforme discutido no primeiro capítulo<sup>155</sup>, as VPCs transitivas podem ser separáveis, o que as torna sintaticamente complexas. Além de a partícula poder inverter sua posição com o objeto, muitas vezes um pronome oblíquo pode estar substituindo o objeto e, nesse caso, também aparece entre o verbo e a partícula. Além

---

<sup>153</sup> Seção ‘1.1 Características das VPCs’.

<sup>154</sup> Ver etapa (c) na seção 2.2.1 acima.

<sup>155</sup> Seção ‘1.1.1 Características sintáticas’.

disso, mesmo nas VPCs inseparáveis, pode haver a inserção de um advérbio de modo entre o verbo e a partícula, dificultando sua identificação automática.

A ferramenta *clusters* usada na etapa de pré-seleção das VPCs não dá conta desse problema, então a solução foi incluir uma nova etapa<sup>156</sup> no processo de coleta de dados, que envolveu a utilização da ferramenta *collocates*. Esta ferramenta possibilita buscar palavras que se associam a uma dada partícula, mesmo que elas não estejam precedendo imediatamente a partícula. O uso de tal ferramenta possibilita também o cálculo de *T-Score* e *Mutual Information*, que indica associações não aleatórias entre palavras.

---

<sup>156</sup> Ver etapa (b) na seção 2.2.1 acima.

### 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

*If we do not accept the challenge of elucidating our cognitive map of the universe, we forfeit any chance of attacking meaning on its home ground, and condemn ourselves to an endless succession of strategically inessential skirmishes.*

*Ronald Langacker*

Neste capítulo é apresentada a análise semântica das VPCs com base nos conceitos teóricos apresentados no primeiro capítulo. As VPCs foram selecionadas através das ferramentas e etapas descritas no segundo capítulo. Primeiramente, serão apresentadas as observações preliminares dos dados (seção 3.1), que envolvem considerações gerais sobre os dados e também uma discussão sobre os critérios utilizados ao longo do processo de seleção das VPCs. As três seções subseqüentes apresentam a análise sobre a contribuição semântica das partículas ‘*away*’, ‘*out*’ e ‘*over*’ nas VPCs selecionadas.

O objetivo da primeira seção é detalhar as etapas do processo de seleção e discutir os critérios adotados. Nessa primeira seção os dados serão tratados de forma mais geral e o enfoque principal é a distribuição dos dados nos três diretórios principais do ANC.

As seções seguintes têm por objetivo apresentar a análise semântica das quinze VPCs selecionadas utilizando-se dos conceitos teóricos discutidos no primeiro capítulo e esquemas imagéticos. Conforme os objetivos do trabalho, a contribuição semântica dada pelas partículas para o significado total das VPCs é enfocada, tomando com base nos trabalhos de Lindner (1981) e Tyler e Evans (2003).

### 3.1 OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Conforme já descrito brevemente no capítulo anterior, o processo de coleta de dados foi constituído de várias etapas que envolveram desde a observação e coleta manual dos dados até cálculos estatísticos de associação entre palavras. Todos esses procedimentos foram importantes para a seleção final das quinze VPCs a serem incluídas na análise semântica (cinco com cada partícula) e possibilitaram certo grau de detalhamento dos dados. Esta seção apresenta observações preliminares sobre o processo de seleção.

A coleta e extração automática de VPCs é um processo complicado por razões já discutidas no primeiro capítulo. A possibilidade de inserção de advérbios de modo entre o verbo e a partícula, por exemplo, é um dos fatores que complica a busca por VPCs. Outro fator é a posição da partícula, que pode vir antes ou depois do objeto<sup>157</sup>. Além disso, um *corpus* pode conter repetições de palavras (principalmente um *corpus* falado) e erros de grafia que dificultam ainda mais a busca de agrupamentos lexicais como as VPCs.

No presente trabalho seguiram-se três etapas principais para fazer a seleção das VPCs a serem analisadas. Nas seções subseqüentes será apresentada uma breve descrição de cada uma das etapas discutindo os critérios que foram utilizados.

#### 3.1.1 Pré-seleção

No intuito de reduzir ao máximo as possíveis distorções nos resultados impostas por essas dificuldades, seguiram-se alguns passos. O primeiro passo foi fazer a busca pelos vinte agrupamentos lexicais<sup>158</sup> contendo verbo e cada uma das partículas (*'away'*, *'out'* e *'over'*) nos três diretórios principais<sup>159</sup> e suas respectivas frequências. Essas buscas foram realizadas através da ferramenta *clusters* do concordanciador *AntConc 3.2.1w*, conforme descrito no

---

<sup>157</sup> Ver Capítulo I – seção *'1.1.1 Características Sintáticas'*.

<sup>158</sup> Conforme já mencionado no capítulo anterior, aqui se utiliza o termo **agrupamento lexical** por duas razões: a ferramenta usada para se chegar nesses dados é chamada *clusters* e, além disso, nessa etapa ainda não se tinha certeza sobre o status de todos os agrupamentos lexicais, podendo eles ser VPCs ou VPPs.

<sup>159</sup> Ver figura 10 (p. 76) para uma visualização detalhada da organização do ANC.

capítulo anterior. Na tabela abaixo estão os resultados obtidos ao fazer a busca com a partícula ‘away’.

Rank	VPCs (Dir Spoken)	Freq	Rank	VPCs (Dir Written1)	Freq	Rank	VPCs (Dir Written2)	Freq
1	Get away	203	1	Get away	226	1	Get away	60
2	Go away	99	2	Go away	198	2	Walk away	48
3	Take away	92	3	Take away	139	3	Turn away	31
4	Throw away	73	4	Walk away	118	4	Take away	26
5	Pass away	43	5	Give away	102	5	Go away	22
6	Move away	36	6	Run away	88	6	Move away	20
7	Do away	36	7	Turn away	77	7	Shy away	19
8	Stay away	31	8	Stay away	59	8	Give away	14
9	Give away	21	9	Be away	49	9	Stay away	14
10	Put away	20	10	Throw away	45	10	Break away	10
11	Run away	20	11	Come away	40	11	Run away	10
12	Be away	19	12	Move away	34	12	Cut away	9
13	Carry away	10	13	Back away	32	13	Come away	8
14	Blow away	8	14	Blow away	31	14	Ride away	8
15	Walk away	8	15	Look away	24	15	Sweep away	7
16	Come away	7	16	Put away	23	16	Be away	7
17	Fly away	7	17	Shy away	23	17	Washaway	7
18	Erode away	6	18	Step away	20	18	Tuck away	6
19	Shy away	6	19	Carry away	15	19	Back away	6
20	Trade away	6	20	Fade away	14	20	Do away	5

- Três agrupamentos lexicais mais frequentes após a soma das frequências dos três diretórios.
- Outros sete mais frequentes após a soma das frequências dos três diretórios.
- Agrupamentos lexicais eliminados no processo de pré-seleção.

**Tabela 8: Lista e frequência dos agrupamentos lexicais (com verbo) mais comuns com a partícula ‘away’.**

A tabela acima mostra o infinitivo dos verbos que formam agrupamentos lexicais<sup>160</sup> com a partícula ‘away’ nos três diretórios principais, os seus números de ocorrências (Freq) e o *ranking*. Porém, vale ressaltar que o infinitivo foi usado na tabela representando todas as formas do verbo e também os agrupamentos onde advérbios de modo se interpõem entre o verbo e a partícula, como, por exemplo, ‘*moving right away*’ e as VPCs com o objeto antes da partícula, como, por exemplo, ‘*give it away*’ ou ‘*gave them away*’.

Essa coleta foi extremamente complexa, pois envolveu fazer a soma de ocorrências das diferentes formas dos verbos e também as VPCs com advérbios de modo ou objeto entre a partícula e o verbo. Nas três tabelas acima, a cor verde foi usada para realçar os três agrupamentos mais frequentes após o cruzamento dos números das três tabelas, a amarela para destacar os outros sete agrupamentos que foram analisados na etapa seguinte do processo de seleção e o rosa mostrando os agrupamentos que foram descartados nessa etapa por apresentarem índices mais baixos de frequência do que os outros dez.

<sup>160</sup> Na tabela foi usado o termo VPC, embora ainda não houvesse a confirmação de que todos os agrupamentos fossem de fato VPCs.

É possível observar que a VPC ‘*pass away*’ apresentou uma frequência alta no diretório *spoken*, mas nos outros diretórios nem entrou na lista dos vinte agrupamentos mais frequentes. Isto mostra que tal VPC é mais utilizada no inglês falado do que no inglês escrito. Como se pode observar comparando as três tabelas, esse fenômeno ocorreu em vários outros casos. A VPC ‘*walk away*’, por exemplo, foi muito frequente nos diretórios com *corpora* de inglês escrito (*written1* e *written2*) e menos frequente no diretório *spoken*.

Os critérios usados nessa primeira busca por agrupamentos lexicais foram os seguintes:

- (a) Agrupamentos lexicais com no mínimo dois e no máximo quatro palavras.
- (b) A partícula buscada à esquerda do agrupamento.
- (c) Frequência mínima de cinco ocorrências.
- (d) Busca dos vinte agrupamentos mais frequentes em cada um dos três diretórios.

O critério (a) foi adotado porque uma VPC tem no mínimo duas palavras, mas pode ter um advérbio de modo ou um objeto entre o verbo e a partícula, o que significa que uma VPC pode variar no seu número de palavras. Além disso, observou-se que em agrupamentos longos a frequência de VPCs seria reduzida, então se descartou a busca por agrupamentos com mais de quatro palavras. Outro fator que determinou a decisão por um número máximo de quatro palavras nessa primeira busca foi o fato de que o critério (c) reduziria mais ainda o número de ocorrências com mais de quatro palavras, já que dificilmente agrupamentos com cinco palavras ou mais seriam tão frequentes.

O critério (b) foi adotado porque a busca foi feita através da partícula para determinar quais os verbos mais comuns, então, em um primeiro momento, não era importante estabelecer se a VPC possuía mais uma partícula. Por fim, o critério (c) foi adotado porque, se fossem considerados agrupamentos com frequência abaixo de cinco ocorrências, o processamento dos dados no computador seria muito demorado e, além disso, a coleta e soma das frequências também despenderia muito mais tempo.

Nessa primeira varredura do *corpus*, buscaram-se os vinte agrupamentos lexicais mais comuns (critério (d)) para que não houvesse distorções nos dados devido ao critério de frequência mínima de cinco ocorrências e para ter um número de agrupamentos suficientes

que contivesse pelo menos cinco VPCs. Acredita-se que estes procedimentos tenham sido responsáveis pelo sucesso na coleta de dados, uma vez que a maioria dos agrupamentos listados na pré-seleção são de fato VPCs.

Observando-se ainda a tabela 8 (acima), percebe-se que os três agrupamentos (que nesse caso são VPCs) mais comuns<sup>161</sup> ('*get away*', '*go away*' e '*take away*') estão presentes nas primeiras cinco posições nos três diretórios, o que evidencia seu status de VPC freqüente. Já no caso dos resultados obtidos com a partícula '*over*', isso não ocorre, como se pode observar na tabela abaixo:

Rank	VPCs (Dir Spoken)	Freq	Rank	VPCs (Dir Written1)	Freq	Rank	VPCs (Dir Written2)	Freq
1	Be over	285	1	Be over	488	1	Be over	221
2	Go over	283	2	Take over	252	2	Take over	195
3	Come over	159	3	Go over	152	3	Turn over	29
4	Take over	111	4	Come over	140	4	Hand over	27
5	Get over	82	5	Get over	130	5	Fight over	27
6	Start over	39	6	Hand over	76	6	Cross over	22
7	Look over	35	7	Turn over	61	7	Spread over	21
8	Leave over	31	8	Fight over	43	8	Pass over	18
9	Cross over	23	9	Look over	38	9	Look over	15
10	Switch over	22	10	Start over	35	10	Go over	13
11	Run over	21	11	Run over	34	11	Fold over	12
12	Do over	21	12	Leave over	30	12	Give over	12
13	Fight over	14	13	Roll over	24	13	Run over	11
14	Move over	14	14	Pass over	24	14	Leave over	10
15	Carry over	13	15	Bend over	23	15	Work over	10
16	Drive over	8	16	Walk over	23	16	Get over	9
17	Hang over	8	17	Carry over	22	17	Carry over	8
18	Bend over	7	18	Give over	19	18	Hang over	8
19	Walk over	7	19	Hang over	19	19	Make over	8
20	Fall over	6	20	Pull over	14	20	Move over	7

- Três agrupamentos lexicais mais freqüentes após a soma das freqüências dos três diretórios.
- Outros sete mais freqüentes após a soma das freqüências dos três diretórios.
- Agrupamentos lexicais eliminados no processo de pré-seleção.

**Tabela 9: Lista e freqüência dos agrupamentos lexicais (com verbo) mais comuns com a partícula '*over*'.**

Nesse caso, a VPC '*go over*' aparece na décima posição no diretório *written2* com apenas treze ocorrências. Comparando as tabelas 8 e 9 (acima), fica evidente o número reduzido de agrupamentos lexicais (contendo verbo e as partículas em questão) no diretório *written2* em comparação com os outros diretórios. Essa constatação vem ao encontro das afirmações feitas no segundo capítulo<sup>162</sup> em relação à distribuição de número de tipos de palavras (*Word types*) nos três diretórios principais.

<sup>161</sup> Destacados em verde.

<sup>162</sup> Ver comentários sobre a figura 10, p. 76.

Uma das VPCs que complicou a busca dos vinte agrupamentos mais freqüentes com a partícula ‘over’ foi ‘be over’, uma vez que o número de formas do verbo ‘be’ é maior do que qualquer outro verbo do inglês. Para se fazer a contagem de todas as ocorrências de ‘be over’, foi necessário levar em conta as seguintes combinações: ‘be over’, ‘been over’, ‘being over’, ‘am over’, ‘is over’, ‘are over’, ‘was over’ e ‘were over’, sem contar as ocorrências com advérbios de modo, como, por exemplo, ‘is well over’.

Nas buscas feitas contendo agrupamentos com a partícula ‘out’, pode-se notar que a VPC ‘point out’, que é a terceira mais freqüente das VPCs no ANC, nem está relacionada nas vinte mais freqüentes do diretório *spoken*, comprovando que é uma VPC mais tipicamente usada em inglês escrito e típica de linguagens mais técnicas.

Rank	VPCs (Dir Spoken)	Freq	Rank	VPCs (Dir Written1)	Freq	Rank	VPCs (Dir Written2)	Freq
1	Go out	1365	1	Point out	1195	1	Carry out	1114
2	Get out	906	2	Turn out	840	2	Point out	329
3	Come out	735	3	Come out	781	3	Turn out	252
4	Be out	577	4	Find out	778	4	Come out	196
5	Find out	496	5	Figure out	765	5	Be out	194
6	Work out	442	6	Go out	630	6	Go out	190
7	Figure out	368	7	Be out	578	7	Rule out	185
8	Turn out	263	8	Get out	470	8	Find out	165
9	Take out	197	9	Work out	359	9	Get out	132
10	Start out	196	10	Check out	250	10	Work out	131
11	Put out	190	11	Hang out	229	11	Figure out	121
12	Help out	97	12	Take out	206	12	Lay out	109
13	Run out	95	13	Run out	180	13	Set out	106
14	Move out	78	14	Freak out	164	14	Run out	87
15	Hang out	58	15	Make out	150	15	Look out	86
16	Eat out	58	16	Pull out	149	16	Reach out	64
17	Fill out	54	17	Put out	141	17	Wipe out	52
18	Look out	52	18	Leave out	122	18	Break out	51
19	Back out	51	19	Lay out	107	19	Check out	46
20	Make out	38	20	Start out	107	20	Strike out	34

- Três agrupamentos lexicais mais freqüentes após a soma das freqüências dos três diretórios.
- Outros sete mais freqüentes após a soma das freqüências dos três diretórios.
- Agrupamentos lexicais eliminados no processo de pré-seleção.

**Tabela 10: Lista e freqüência dos agrupamentos lexicais (com verbo) mais comuns com a partícula ‘out’.**

Ao analisar as tabelas acima, percebe-se também que a freqüência dos agrupamentos com a partícula ‘out’ é bem maior do que com as outras partículas. Além disso, o número de agrupamentos observados também foi muito maior com a partícula ‘out’.

### 3.1.2 Limpeza dos dados

Na etapa de limpeza dos dados foram somadas as frequências dos três diretórios principais obtendo-se um número de frequência único para cada agrupamento lexical. Os dez agrupamentos mais frequentes com cada partícula formaram então uma nova lista onde se observou que todos os agrupamentos, com apenas uma exceção (*'fight over'*), eram VPCs.

Esse procedimento eliminou, antes mesmo de ser feita uma verificação individual, alguns agrupamentos que estavam entre os vinte agrupamentos mais frequentes, mas poderiam não se enquadrar na condição de VPC, como, por exemplo, *'walk over'*, *'drive over'* e *'fly away'*. Posteriormente verificou-se que esses agrupamentos não estão listados no dicionário *Oxford Phrasal Verbs*, confirmando o fato de que não são VPCs. No caso de *'fight over'*, que permaneceu na lista dos dez agrupamentos mais frequentes, notou-se que, na maioria dos casos, *'fight'* aparecia como substantivo e não como verbo, conforme as linhas de concordância abaixo:

01	Kerr and the California university system and the <b>fight over</b> the California Civil Rights Initiative. There mus
02	Issue 1 is Capitol Hill politics--both the <b>fight over</b> the Comprehensive [Nuclear] Test Ban Treaty and o
03	t least 120,000 suspected subversives killed. The <b>fight over</b> Nagorno-Karabakh (and resulting ethnic violence)
04	to put their money here.) Still, the <b>fight over</b> Mannesmann seems especially ironic. In the first
05	the EITC part of his plan, and in 1975, while the <b>fight over</b> welfare reform was still raging, it quietly passe
06	lection post-mortem predicts a bloody internecine <b>fight over</b> the Tory Party's leadership.
07	New Yorker chronicles the bitter <b>fight over</b> Kennewick Man, a skeleton with Caucasoid features
08	r medical prices? Isn't that what the whole nasty <b>fight over</b> managed care and restraining Medicare costs is al
09	al selection to fight as what they're designed to <b>fight over</b> : women . Even today, Yanomamo men ra
10	ned to violence getting killed off. Two men might <b>fight over</b> a woman until one man submits and the winner gets
11	rr will be investigated. He already faces a court <b>fight over</b> whether he has unlawfully leaked grand jury infor
12	alken and Robert Wagner (Wood's husband) got in a <b>fight over</b> her, following which she stomped off in anger, ne
13	nly tell Yeltsin what he has to do to avoid a big <b>fight over</b> the nomination: abandon market reform.
14	the opponents' personal flaws. Don't <b>fight over</b> small issues. Don't obstruct good id
15	nzees of Gombe , also support the idea that males <b>fight over</b> access to fertile females. This isn't to say that
16	e Without A Smile The dramatic court <b>fight over</b> just how secret the Secret Service is supposed to
17	rtly pressure angle. The other papers focus on the <b>fight over</b> what form testimony should take--jurors might go
18	This is why Democrats have scrambled to avoid a <b>fight over</b> Clinton's morals and to assure the public that he
19	both sides a graceful way to avoid a face-to-face <b>fight over</b> Kosovo. (3/24/99) Dr.
20	virtually nothing to do with it. The <b>fight over</b> whether détente helped win the Cold War is not si

**Linhas de concordância 1: As vinte primeiras concordâncias com *'fight over'* no diretório *written1*.**

Como se pode observar nas vinte linhas de concordância acima, apenas em quatro delas (09, 10, 14 e 15) *fight* é um verbo. Portanto, embora *fight over* apresente uma frequência que lhe reserva um lugar entre os dez agrupamentos mais frequentes, não se pode generalizar e considerá-lo um agrupamento lexical formado por um verbo e uma partícula. Mesmo assim, *fight over* permaneceu na lista, uma vez que se procurou seguir as etapas propostas, acreditando-se que ao final seriam obtidas as cinco VPCs mais frequentes sem ter que rever os critérios adotados.

As dez VPCs mais frequentes foram então listadas e foi aplicado um cálculo estatístico de associação de palavras chamado *T-score* para cada uma das VPCs (e também para *fight over*) a fim de eliminar qualquer dúvida em relação à condição de associação não aleatória dos constituintes. Para fazer o cálculo do *T-score* foi usada a ferramenta *collocates* do *AntConc 3.2.1w*, conforme já mencionado no capítulo anterior. Tal ferramenta possibilita fazer o cálculo automático do *T-score*.

O cálculo do *T-score*<sup>163</sup>, segundo Berber Sardinha (2004), possibilita estimar o grau de coocorrência entre uma palavra-chave e seu colocado<sup>164</sup>. Com base nesses números, é possível dizer com mais confiança, se os itens lexicais observados são ocorrências aleatórias ou não. De acordo com Berber Sardinha (ibid.), “valores de T maiores que dois indicam, normalmente, associações não aleatórias entre palavras.

No entanto, para calcular o *T-score* das VPCs foi necessário levar em conta todas as formas dos verbos, como, por exemplo, *get*, *gets*, *getting*, *got* e *gotten* combinados com *away* (no caso de *get away*) e também o fato de que o objeto pode vir entre o verbo e a partícula. Por isso, foram adotados os seguintes critérios:

- (a) Colocados posicionados até três palavras à esquerda da partícula buscada.
- (b) Frequência mínima de cinco ocorrências.
- (c) Soma dos valores de T de todas as formas do verbo.
- (d) Divisão do valor total de T pelo número de formas do verbo.

---

<sup>163</sup> Ver Berber Sardinha (2004) capítulo 7 para mais detalhes sobre a fórmula para se efetuar o cálculo de *T-score*.

<sup>164</sup> No caso do presente estudo, as palavras-chave são as partículas e os colocados são os verbos.

O critério (a) foi adotado para dar conta de construções apresentando advérbios entre o verbo e a partícula, como já demonstrado anteriormente nesse capítulo. O critério (b) foi adotado, da mesma forma que na pré-seleção, porque, se fossem consideradas frequências abaixo de cinco ocorrências, o processamento dos dados seria muito lento. Já os critérios (c) e (d) foram adotados para que fosse possível atribuir um valor de T único para cada VPC em cada diretório.

O processo de coleta dos valores de T envolveu nove buscas (três com cada partícula) e a soma de todos os valores atribuídos às diferentes formas de cada um dos dez verbos nos agrupamentos mais comuns com as partículas ‘away’, ‘out’ e ‘over’. Na tabela abaixo estão os resultados obtidos, após serem somados os valores de T de todas as formas dos verbos em questão, separados de acordo com o diretório.

Rank	VPCs (AWAY)	spoken	written1	written2	Rank	VPCs (OUT)	spoken	written1	written2	Rank	VPCs (OVER)	spoken	written1	written2
1	Get away	5,66516	6,13057	4,30637	1	Go out	14,73649	11,19984	5,93431	1	Be over	***	***	***
2	Go away	4,22340	5,91695	3,22957	2	Come out	13,46401	14,12654	7,11116	2	Take over	5,03123	7,56924	6,44538
3	Take away	5,08826	6,56620	3,26550	3	Point out	3,57427	17,56052	9,17069	3	Go over	7,20240	5,89007	2,64716
4	Walk away	2,93114	5,40829	3,89759	4	Get out	12,85839	11,14235	6,51478	4	Come over	6,11803	5,80038	2,47534
5	Give away	4,01245	5,41480	3,00407	5	Find out	9,71152	12,62686	5,56967	5	Get over	4,57182	5,52500	2,75479
6	Throw away	3,49880	4,10260	3,45406	6	Turn out	7,70523	13,72044	7,54827	6	Hand over	2,58678	5,24496	4,07583
7	Run away	3,07559	4,83225	3,07727	7	Be out	***	***	***	7	Turn over	3,29355	4,45081	4,11637
8	Turn away	0	4,35668	3,63542	8	Figure out	8,00911	12,22513	6,38676	8	Look over	3,41566	3,38423	3,23021
9	Stay away	4,06608	4,13912	2,79814	9	Carry out	3,22971	5,88224	14,23627	9	Fight over	2,95171	4,01020	3,49463
10	Move away	3,51263	3,70344	3,01693	10	Work out	10,45095	9,55798	6,18072	10	Start over	4,62126	3,08988	2,62878

Cinco VPCs com maior número de ocorrência, exceto o verbo ‘be’.  
 Outras VPCs que foram posteriormente descartadas.  
 VPCs com o verbo ‘be’.

**Tabela 11: T-score dos dez agrupamentos lexicais mais frequentes nos três diretórios principais.**

Na tabela acima, percebe-se que nenhum valor de T ficou abaixo de dois, exceto o de ‘turn away’ no diretório *spoken*, porém isso ocorreu, pois não houve nenhuma ocorrência de tal VPC nesse diretório. O verbo ‘be’ foi descartado nessa etapa por possuir muitas formas, o que complicaria a análise dos dados posteriormente.

Além disso, os agrupamentos ‘be over’ e ‘be out’ nem sempre são VPCs, ou seja, em grande parte das ocorrências seu significado não é idiomático relegando-as à categoria de VPP e não VPC, conforme já discutido no primeiro capítulo. As linhas de concordância<sup>165</sup> abaixo demonstram tal fenômeno.

<sup>165</sup> É importante destacar que as linhas de concordância são usadas para ilustrar as discussões e não têm o mesmo fim probabilístico que foi empregado para decidir quais as VPCs a serem analisadas. Portanto, o número de concordâncias, especialmente a partir da seção 3.2, não é determinante de nenhuma constatação, salvo quando explicitado em palavras.

01	"That's not pleasant," Raab said. "But nobody <b>is out</b> on the street selling apples, nobody is threateni
02	depend on you to return the favor when he or she <b>is out</b> of town. Information about how to form a Neighbor
03	ear. The princess is kidnapped by a bear when she <b>is out</b> of the palace and is taken to a cave where she ev
04	me for dad" for support. "If you <b>were out</b> in the street, in a battle, and you were kind of
05	ou and bang on the bathroom door. Tell her you'll <b>be out</b> soon, but wait until you feel calm. When you emer
06	to respond to questions via e-mail. "Well, I had <b>been out</b> of graduate school for about a year, and had just
07	him back. At the end of this year, he would have <b>been out</b> of options. "Looking ahead to ne
08	o, but the coach tells you to go, you gotta go. I <b>was out</b> of gas running around second base. It was hard fo
09	themselves. Once you sell it to a third party, they <b>are out</b> of your control."
10	intimated that the problem lies with critics who <b>are out</b> of touch with mainstream viewing habits. With the

### Linhas de concordância 2: Diferentes formas de 'be out' no diretório *written2*.

Nas linhas de concordância acima, pode-se observar que, na maioria dos casos, *'be out'* é uma VPP e seus constituintes não apresentam idiomatidade, podendo ser traduzida como 'estar fora'. Apenas nas linhas 07 e 08 *'be out'* poderia ser considerada uma VPC, pois a partícula apresenta certo grau de idiomatidade. Nesse caso, a partícula foge um pouco de seu significado prototípico apresentado nas seis primeiras linhas de concordância, podendo-se traduzir a VPC como 'estar sem'. Nas linhas 09 e 10, percebem-se significados mais metafóricos, como, por exemplo, em *'be out of control'* ('estar fora de controle'), que é uma expressão idiomática e não uma VPC.

Da mesma forma que *'be out'*, conforme demonstrado acima, nem sempre é uma VPC, o mesmo ocorre com *'be over'*. Em muitos casos, como, por exemplo, nas linhas de concordância abaixo, *'be all over'* é uma expressão idiomática e significa 'estar totalmente atento' ('interessado', 'prestando atenção').

<p>But if it was "drinking salt," you'd <b>be all over</b> it, wouldn't you? WOULDNT YOU????</p> <p>Russia's Topic A. The country's papers have <b>been all over</b> him, and upon his return, Boris Yeltsin took a swipe</p>
---

### Linhas de concordância 3: Exemplos da expressão idiomática 'be all over' no diretório *written1*.

Pode-se perceber que, a partir dessa etapa do processo de seleção, a observação dos dados foi imprescindível para as decisões tomadas. É importante ressaltar também que, previu-se com antecedência<sup>166</sup> que, em algum momento durante o processo de seleção, teria

<sup>166</sup> Antes mesmo de se dar início ao processo de seleção das VPCs.

que se olhar para os dados, uma vez que não o *corpus* não dispõe de anotações que permitam identificar e extrair VPCs automaticamente.

### 3.1.3 Seleção Final

A etapa final de seleção dos dados envolveu a soma dos valores de T, obtidos na etapa anterior, e a divisão do número total pelo número de diretórios que cada VPC teve ocorrências. Por exemplo, observando novamente os dados da tabela 11 (acima), tem-se os seguintes valores de T para ‘go away’:

<i>spoken</i>	<i>written1</i>	<i>written2</i>
4,22340	5,91695	3,22957

Tabela 12: Valores de T para a VPC ‘go away’.

Somando-se esses valores e dividindo o valor final por três, exceto ‘turn away’, obteve-se um valor único de T para cada uma das VPCs. A VPC ‘turn away’ somente teve ocorrências nos diretórios *written1* e *written2*, e, por isso, seu resultado total foi dividido por dois. A tabela abaixo contém os *T-scores* finais para cada uma das VPCs.

Rank	VPCs (AWAY)	Freq	T-score	Rank	VPCs (OUT)	Freq	T-score	Rank	VPCs (OVER)	Freq	T-score
1	Get away	489	5,36737	1	Go out	2185	10,62355	1	Be over	994	***
2	Go away	319	4,45664	2	Come out	1712	11,56724	2	Take over	558	6,34862
3	Take away	257	4,97332	3	Point out	1524	10,10183	3	Go over	448	5,24654
4	Walk away	174	4,07901	4	Get out	1508	10,17184	4	Come over	299	4,79792
5	Give away	137	4,14377	5	Find out	1439	9,30268	5	Get over	221	4,28387
6	Throw away	118	3,68515	6	Turn out	1355	9,65798	6	Hand over	103	3,96919
7	Run away	118	3,66170	7	Be out	1349	***	7	Turn over	90	3,95358
8	Turn away	108	3,99605	8	Figure out	1254	8,87367	8	Look over	88	3,34337
9	Stay away	104	3,66778	9	Carry out	1114	7,78274	9	Fight over	84	3,48551
10	Move away	90	3,41100	10	Work out	932	8,72988	10	Start over	74	3,44664

- Cinco VPCs selecionadas.
- VPCs descartadas.
- VPCs com o verbo ‘be’.

Tabela 13: *T-score* final dos dez agrupamentos lexicais mais frequentes.

Através desses números, pode se observar que catorze das VPCs selecionadas (todas, exceto ‘hand over’) têm o *T-score* final acima de quatro, comprovando um grau altíssimo de

associação entre os verbos e as partículas. A VPC *'hand over'* ficou um pouco abaixo disso, com 3,96919.

Além disso, antes de concluir a seleção final das quinze VPCs, foi feita a verificação manual de idiomaticidade das VPCs através da observação preliminar de aproximadamente cem linhas de concordância para cada VPC e também uma consulta em dois dicionários (*Oxford Phrasal Verbs* e *Dictionary.com*) a fim de se certificar de que outras fontes também consideram tais agrupamentos como VPCs (ou *phrasal verbs*). A seleção final das VPCs resultou na seguinte lista:

Get away	Go out	Take over
Go away	Come out	Go over
Take away	Point out	Come over
Walk away	Get out	Get over
Give away	Find out	Hand over

**Tabela 14: Seleção final das quinze VPCs a serem analisadas.**

Em suma, esse longo processo de seleção das VPCs possibilitou um conhecimento mais aprofundado do *corpus* e da ferramenta. Como esperado, foram encontrados problemas, porém, tais contratemplos fizeram com que fossem adotados critérios que dessem segurança para se chegar nas VPCs mais frequentes com as partículas *'away'*, *'out'* e *'over'*. Nas próximas seções, será apresentada a análise semântica das quinze VPCs selecionadas com base na teoria discutida no primeiro capítulo.

### 3.2 A SEMÂNTICA DAS VPCS COM A PARTÍCULA *OUT*

Conforme discutido no capítulo de fundamentação teórica, acredita-se, concordando com Lindner (1981), Bolinger (1971), Langacker (1987) e Tyler e Evans (2003), que as partículas contribuem para o significado total das VPCs. É importante lembrar que, ao partir desse pressuposto, também se está assumindo que existe **composicionalidade** nas VPCs, mesmo que a composicionalidade semântica seja parcial e não total (cf. Langacker, 1987). Por fim, outro aspecto importante a ser lembrado é que o **grau de extensão do significado** dos

constituintes de uma VPC pode determinar o seu **grau de opacidade** e quanto mais prototípico, ou seja, mais central e menos estendido (menos periférico) o significado da partícula, mais se percebe sua contribuição no significado total de uma VPC.

### 3.2.1 Significado Prototípico de OUT

No momento em que partículas espaciais, como ‘out’, vêm à mente, elas trazem consigo um significado baseado na experiência mental humana no mundo. No caso da partícula ‘out’, segundo Tyler e Evans (2003), o seu significado primário ou prototípico está associado ao **‘sentido de não-contenção’**<sup>167</sup>. O ‘sentido de não-contenção’ pode ser descrito, de forma rudimentar, como ‘estar fora’, se opondo ao sentido dado pelos autores à partícula ‘in’ (conforme discutido na seção ‘1.3.2 Esquemas Imagéticos’). Tyler e Evans (2003) propõem a seguinte **proto-cena** para representar tal relação espacial:

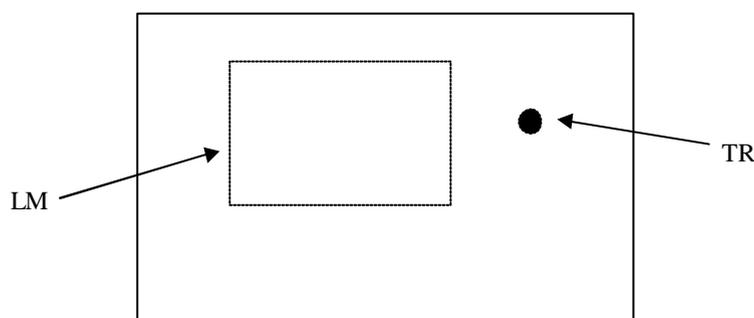


Figura 15: Proto-cena da partícula ‘out’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 201).

Na proto-cena acima, a TR<sup>168</sup>, representada por um círculo, **está fora** da LM<sup>169</sup>, representada por um retângulo. Tyler e Evans (2003) afirmam ainda que, embora os sentidos atribuídos às partículas ‘in’ e ‘out’ sejam opostos e as proto-cenas comprovam isso, não se pode afirmar que as partículas estejam em oposição em todos os seus usos na língua. Segundo os autores (ibid.), em termos de função gramatical, diferentemente de ‘in’, ‘out’ raramente funciona como uma preposição, mas, por outro lado, é muito mais comum em VPCs.

<sup>167</sup> “Non-containment Sense”.

<sup>168</sup> “Trajectory”.

<sup>169</sup> “Landmark”.

Um detalhe que pode passar despercebido na proto-cena acima é o fato de o retângulo estar tracejado; segundo Tyler e Evans (ibid.), isto significa que a LM pode estar disfarçada, o que eles ilustram com o seguinte exemplo:

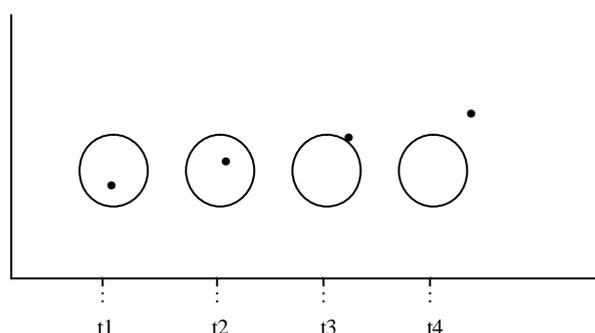
(1) *He took out the lighter.* ('ele tirou o isqueiro')

Ou seja, ao dizer 'ele tirou'<sup>170</sup> o isqueiro' pressupõe-se que o isqueiro estava dentro de uma LM, como, por exemplo, em um bolso da calça. Embora não esteja explícito na frase, pode-se inferir que a TR estivesse dentro de alguma LM antes de ficar do lado de fora.

Conforme Lindner (1981, p. 81), o significado prototípico de 'out' nas VPCs é "a remoção ou partida de um objeto concreto de dentro de outro objeto ou lugar"<sup>171</sup>. A autora (ibid.) ilustra tal conceito através do seguinte exemplo:

(2) *She went out.* ('ela saiu')

Lindner (1981) utiliza ainda uma cena espacial onde 'she' é a TR e a LM seria, nesse caso, um quarto, uma sala ou qualquer outro local de onde se pode sair caminhando. Cada ponto no tempo (t1, t2, t3 e t4) está associado a um momento da trajetória<sup>172</sup>.



**Figura 16: Significado prototípico da partícula 'out' (LINDNER, 1981, p. 82).**

<sup>170</sup> Vale ressaltar que talvez a melhor tradução para o exemplo (1) seja 'ele pegou o isqueiro', porém, ao traduzir dessa forma, perde-se o 'sentido de contenção' presente em 'tirar'. Já que se pode pegar algo que esteja sobre a mesa ou no chão. A VPC 'take out', por outro lado, exprime claramente o 'sentido de contenção'.

<sup>171</sup> "[...] the removal or departure of one concrete object from within another object or place".

<sup>172</sup> Lindner (1981, p. 81) descreve 'trajetória' como "movimento no espaço e tempo ao longo de um caminho específico".

Ao observar essa cena, já se pode fazer uma associação, além do próprio ‘*go out*’, com outras duas selecionadas: ‘*come out*’ e ‘*get out*’. Contudo, no caso de ‘*come out*’ o chamado *vantage point*<sup>173</sup> (cf. Tyler e Evans, 2003) é externo em relação à LM. O *vantage point* é o **ponto de vista** de quem olha para a TR. Já as outras duas VPCs selecionadas, ‘*point out*’ e ‘*find out*’, possuem significados mais metafóricos e sob um primeiro olhar não parecem ter relação alguma com a figura 16.

De acordo com Tyler e Evans, no caso da partícula ‘*out*’, o *vantage point* pode ser interno ou externo. Esse conceito é útil para se fazer uma distinção entre o significado das VPCs ‘*come out*’ e ‘*go out*’, por exemplo. Tais VPCs, contudo, podem apresentar mais de um significado, sendo mais ou menos metafóricos.

Segundo Lindner (1981, p. 85), “a maioria das VPCs intransitivas codifica cenas relativamente simples<sup>174</sup>”, apresentando apenas uma trajetória onde a TR da VPC coincide com a TR da partícula, exatamente como no exemplo (2) e na figura 16. No entanto, nem todas as VPCs com ‘*out*’ têm significados tão concretos, como no exemplo (2). A própria VPC ‘*go out*’, por exemplo, pode apresentar significados mais metafóricos, como nas seguintes linhas de concordância retiradas do diretório *written1* do ANC:

01	ath. Just let me turn it off." The BMW motor and lights <b>went out</b> The two red specks of Felix's taillights now app
02	ction, as he wasn't set up to receive a call. The lights <b>went out</b> . He waited a moment to see if there would be anot
03	second, the modem failed to synchronize, and the lights <b>went out</b> "He's got a modem answering the damn thing," Lan
04	ere was that unfortunate episode where the studio lights <b>went out</b> , and the one where the fly kept landing on a pane

**Linhas de concordância 4: Exemplos de significado metafórico de ‘*go out*’ no diretório *written1*.**

Nas linhas de concordância acima, a melhor tradução para ‘*went out*’, passado de ‘*go out*’, é ‘apagaram-se’, ou seja, as VPCs podem possuir mais de um significado com diferentes **graus de idiomaticidade**. É importante frisar que mesmo no exemplo (2) acima, o significado de ‘*out*’, em ‘*go out*’, apresenta certa extensão, considere o exemplo abaixo:

<sup>173</sup> Já Lindner (1981) se refere à mesma idéia usando o termo ‘*viewpoint*’ (‘ponto de vista’), termo também adotado neste trabalho.

<sup>174</sup> “*The majority of intransitive VPCs code relatively simple scenes*”.

(3) *I'm going out tonight.* ('vou sair hoje à noite')

Segundo Lindner (1981), nesse caso, 'go out' se refere a 'sair de casa para ir a um local público de entretenimento', e não simplesmente 'sair'. Então, mesmo em casos onde a VPC parece extremamente concreta, pode haver certa **extensão do significado**, como demonstrado através do exemplo (3).

Antes de entrar na análise dos sentidos mais metafóricos da partícula 'out', vale lembrar que uma proto-cena, conforme já mencionado na seção '1.3.2 Esquemas Imagéticos', é uma representação mental idealizada que provém da observação de cenas espaciais recorrentes atribuídas a uma única partícula. Pode-se concluir, então, existe forte semelhança entre as cenas espaciais referentes a outros sentidos da partícula 'out' nas VPCs e a proto-cena acima (figura 15).

Lindner (1981) propõe um '**super esquema**'<sup>175</sup>, (ver figura abaixo) para representar os outros esquemas (ou cenas espaciais) através do qual se pode caracterizar uma variedade de significados estendidos ou não de 'out'. Segundo a autora (ibid.), não se pode estabelecer um significado único e imutável para 'out' nas VPCs, mas as várias versões da partícula, de certo modo, são semelhantes quando se olha para as cenas espaciais representativas desses significados.

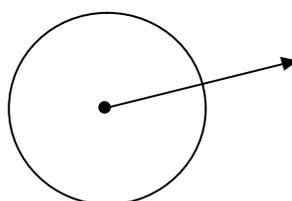


Figura 17: Super esquema da partícula 'out' (LINDNER, 1981, p. 140).

Como se pode perceber no 'super esquema' proposto por Lindner, a TR, representada pela esfera no centro do círculo, se projeta para fora da LM, representada pelo círculo.

---

<sup>175</sup> "Superschema".

Lindner (1981) afirma que tal representação é “a mais geral das generalizações” e unifica todas as representações atribuídas aos possíveis significados de ‘*out*’ em VPCs.

Na próxima seção, serão apresentados outros sentidos das VPCs selecionadas fazendo referência aos trabalhos de Tyler e Evans (2003) e Lindner (1981).

### 3.2.2 *Outros Sentidos da Partícula OUT*

Conforme já discutido, as VPCs podem ter mais de um sentido, que, por sua vez, podem ser mais ou menos metafóricos. Tyler e Evans (2003) identificaram oito padrões de significação para a partícula ‘*out*’ em VPCs. Os autores (ibid., p. 202) afirmam que “a interação entre ‘*out*’ e o verbo com o qual a partícula forma uma VPC constitui uma construção composta, com seu próprio grau de convencionalidade que não pode ser dividido em um sentido distinto associado a ‘*out*’ mais um verbo<sup>176</sup>”. Isso significa, segundo os autores (ibid.), que o significado não é totalmente composicional, porém há padrões de uso da partícula nas VPCs que permitem sua classificação em diferentes sentidos.

Lindner (1981) identificou quase vinte padrões de significação que ela dividiu em três grandes grupos. Embora alguns desses padrões se sobreponham ou sejam muito similares, tal classificação demonstra a riqueza da contribuição semântica das partículas nas VPCs.

A partir dos dados analisados para a presente pesquisa pode-se afirmar que as VPCs com a partícula ‘*out*’ em questão se enquadram em vários desses padrões de significação propostos pelos autores acima. A seguir será apresentada a caracterização desses padrões com exemplos retirados do ANC.

---

<sup>176</sup> “*the interaction between out and the verb with which it forms a VPC constitutes a composite construction, which its own degree of conventionality that cannot be divided into a distinct sense associated with out plus a verb*”.

## Sentido de distinção

De acordo com Lindner (1981), a partícula ‘out’ pode aparecer em VPCs trazendo o ‘sentido de distinção<sup>177</sup>’, ou seja, referindo-se ao processo cognitivo de remoção de um objeto de um grupo. Entre as cinco VPCs mais frequentes no ANC, *point out*, que significa ‘destacar’, se enquadra nesse sentido, pois, quando se destaca uma idéia, se está a retirando abstratamente de um grupo de idéias comuns para colocá-la em evidência. Nas linhas de concordância abaixo estão exemplos de diferentes formas<sup>178</sup> da VPC *point out* retiradas do diretório *written1*.

01 yway?" ``They went through all these charades to **point out** to me how beautiful her body was at the hammam. T  
02 ith the Americans. By unknown mnemonics she could **point out** the region where each of her children came from,  
03 eremy said, in the tone of voice you would use to **point out** a rule infraction. "Oh but they're much more impo  
04 his passive attention. A reasonable person would **point out** that the monk promises liberation, and I don't re  
05 them, he kept up a cynical running commentary to **point out** all the inaccuracies, and note what would really

06 t him. I got into the car; Aziz followed. Mohamed **pointed out** the remaining half-place in the back to the girl  
07 ight would be encouraging to hear. The weather, I **pointed out**, was usually agreeable. My house was warm and com  
08 uld neatly fill up the narrow walls of a room. He **pointed out** both these discoveries to Rachida, it being his w  
09 e, such of it as there was, as well as I could. I **pointed out** that we would at least have one another's company  
10 thought, like this was something I needed to have **pointed out** to me, even though I had been entrusted single-ha

11 he open. "This is our mosque," the teacher says, **pointing out** a non-descript mud building which we might well h  
12 ave Rachida a wordy tour of his three-room house, **pointing out** certain features, and pantomiming household chore  
13 z had insisted that we leave and forget the wine, **pointing out** that it wouldn't do for two teachers to be seen i  
14 "Prosperity With a Purpose," which W. explains by **pointing out** that "prosperity alone is simple materialism." In  
15 ument will be released in German, with commentary **pointing out** the narrative's many inaccuracies. I

16 n't enough photographs. One magazine art director **points out** that she reviewed 10,000 slides of elephants a fe  
17 dly run up some big losses, although the coverage **points out** that the murders of his wife and children precede  
18 ill likely be filed against one unnamed firm, and **points out** day trading's long odds--an estimated 90 percent  
19 Remnick comparison in the "Style" section). Kurtz **points out** that the interview gracefully negates Hillary's p  
20 on Globe , "If there's one thing this whole thing **points out**, it's that there is a dire need for regulators to

### Linhas de concordância 5: Exemplos de diferentes formas de ‘point out’ no diretório *written1*.

Percebe-se, nas linhas de concordância acima, que o significado de *point out* é extremamente uniforme, podendo ser traduzido como ‘destacar’ em todos os casos. Pode-se afirmar ainda que o ‘sentido de distinção’ proposto por Lindner (1981) está também associado

<sup>177</sup> “Distinguishing”.

<sup>178</sup> Em alguns casos, especialmente quando o número for grande, as concordâncias serão separadas de acordo com as diferentes formas do verbo a fim de facilitar sua visualização.

a dois outros sentidos: o ‘sentido de escolha’<sup>179</sup>, e o ‘sentido de rejeição’<sup>180</sup>. Os três sentidos estão relacionados, segundo a autora, pois se referem a processos cognitivos em que um objeto tem que ser removido de um grupo. Lindner (1981) utiliza a seguinte cena espacial para representar esse conceito:

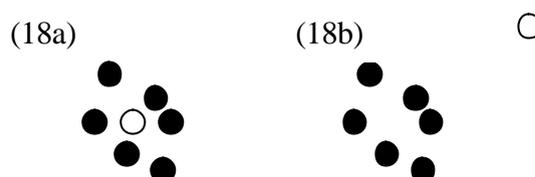


Figura 18: ‘Sentido de distinção’ (LINDNER, 1981, p. 93).

Na cena espacial acima, na figura (18a) tem-se a TR, representada pelo círculo branco, junto com a LM, representada por um grupo de círculos pretos. Na figura (18b) a TR foi removida do grupo, ficando isolada.

É importante destacar a semelhança entre as figuras 16, 17 e a figura acima. Além disso, fica também evidente a relação dessas três figuras com a figura 15, que mostra a proto-cena da partícula ‘out’ (cf. Tyler e Evans, 2003). Cabe ainda ressaltar que, ao se compararem VPCs como ‘go out’ (‘sair’), ‘point out’ (‘destacar’) e ‘find out’ (‘descobrir’), por exemplo, em primeira análise parece não haver qualquer semelhança, mas, ao se utilizarem esquemas imagéticos, os significados ficam claramente associados.

### Sentido de visibilidade

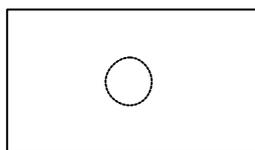
Quando se imagina uma cena espacial (ver figura abaixo) onde o ponto de vista é externo e se tem uma TR dentro de uma LM (19a), pode-se inferir que, quando a TR estiver do lado de fora, ela estará visível (19b). Segundo Tyler e Evans (2003), tal cena espacial caracteriza o ‘sentido de visibilidade’<sup>181</sup>. A figura abaixo, criada com base na descrição acima, mostra a cena espacial que representa o ‘sentido de visibilidade’.

<sup>179</sup> “Choosing”.

<sup>180</sup> “Rejecting”.

<sup>181</sup> “Visibility Sense”.

(19a)



(19b)



**Figura 19: ‘Sentido de visibilidade’.**

Uma das VPCs selecionadas para a presente análise se enquadra no ‘sentido de visibilidade’ proposto por Tyler e Evans é ‘*come out*’, que pode ter desde um significado mais concreto, como, por exemplo, ‘sair’, até significados mais metafóricos, como, por exemplo, ‘surgir’ ou ‘ser publicado’ (‘ser lançado’). A melhor tradução para ‘*come out*’, diferentemente de ‘*point out*’, sempre depende do contexto.

01 ! Chister! You know, those little tiny bugs, they **come out** in the summer . . ."These lines came out almost  
 02 sident of Ridgeview? But I did tell him he should **come out** here and check the place out; I thought it was pr  
 03 Berlin, and DNA co-discoverer Francis Crick - have **come out** in defense of cloning human beings. Reacting to c  
 04 's a perfect description of what it's like to **come out** of a big ugly depression, at least for me. It  
 05 g his view that 40 percent of all that facts that **come out** in the early stages of a scandal will always turn  
 06 core at home! Add new stories to the list as they **come out** and get knocked down with carefully worded denial  
 07 cknnowledged in the fine print that he'll probably **come out** fine. Rebecca Sealfon of New York won the 70 th N  
 08 crats are unanimous: When the dust settles, we'll **come out** on top. ( Slate

09 hat we had just passed going the other way. A man **came out** of a narrow gangway and into the street suddenly,  
 10 e said. Thanks for being so nice to me." Mathilde **came out** from the kitchen to say good-bye; we all three wa  
 11 atural shyness and unprepossessing looks. His art **came out** of his hobbies, and from celibate crushes on wome  
 12 It's been a beautiful fall day; the colors really **came out** in the week that we were meditating and now they'

13 't stand silent against it any longer. Words were **coming out** of his mouth before he could design them. "I was  
 14 It was somehow a relief to see the very same bags **coming out** again on his side of the conveyor, but it was all  
 15 the United Kingdom, is baffled by the commentary **coming out** of Britain concerning the future of the House of

16 her. "I am from Kifan Ba Youssef." The sentence **comes out** with a touch of pride, but also perhaps some of t  
 17 should run the new European Central Bank. "No one **comes out** of it well, least of all Jacques Chirac, Presiden

**Linhas de concordância 6: Exemplos de diferentes formas de ‘*come out*’ no diretório *written1*.**

Como se pode observar nas linhas de concordância acima, ‘*come out*’ pode ter um significado mais concreto, como nas linhas 09, 10, 13 e 14, onde a transparência semântica é alta, ou seja, basta pensar nos significados mais prototípicos dos constituintes que o significado vem à mente, mas há também significados mais metafóricos, como, por exemplo,

na linha 04 (*'come out of a big ugly depression'*), onde *'come out'* significa 'sair', porém de forma mais metafórica (*'sair de uma depressão grande e feia'*). Seria possível traduzir *'come out'* na linha 04 como 'sair de uma situação retornando ao estado normal'. Na linha 05, a melhor tradução para *'come out'* talvez seja 'surgir', ou seja, '[...] fatos que **surgem** [...]' (*'[...] facts that come out [...]'*), mesmo assim o 'sentido de visibilidade' está presente, já que 'surgir' pressupõe que o 'fato' não existia anteriormente.

Lindner (1981, p. 107) se refere ao 'sentido de visibilidade' de maneira diferente. A autora utiliza a expressão "mudança de ocultação à acessibilidade<sup>182</sup>" para caracterizar tal noção. Segundo a autora (ibid.), como uma LM pode ser opaca e ocultar seus conteúdos, escondendo-os de quem está fora, porém, ao remover a TR de dentro da LM, se está revelando-a ao observador.

Since LM objects may be opaque, they often hide their contents, concealing them from someone whose viewpoint is on the outside. To remove a trajectory from within the LM is to reveal it to the viewer; to reveal it is to make it visible, knowable, or attainable. (LINDNER, 1981, p. 107)

Nas linhas de concordância abaixo se pode perceber que *'come out'* dá a idéia de algo que se tornou público, veio à tona, o que se enquadra no 'sentido de visibilidade' representado pela figura 29 (acima). Nota-se um padrão nas linhas de concordâncias abaixo, onde se tem *'it'* + *'came out'* + *'that'* + complemento formado por oração.

01	item; will swap for 45' motor/sail boat." When it <b>came out</b> that he was selling one of his kidneys, the newsp
02	orted to return \$250,000 raised by Huang after it <b>came out</b> that the donation came from a Korean corporation, rath
03	cted. Even this wrist slap only happened after it <b>came out</b> that Stokes had had at least nine moving violations si

#### **Linhas de concordância 7: Exemplos de *'come out'* significando 'tornar-se público' no diretório *written1*.**

Outra contribuição de Lindner (1981), em relação ao 'sentido de visibilidade' proposto por Tyler e Evans (2003), diz respeito à idéia de conceber a LM como privacidade, ou seja, se algo sair da privacidade, se tornará acessível ao público. A VPC *'come out'* pode ser usada

<sup>182</sup> "Change from hiddenness to accessibility".

significando ‘ser publicado’, ‘sair em cartaz’, ‘ser lançado’, etc. como se pode ver nas linhas de concordância abaixo.

01	the Still of the Night," scarcely noticed when it <b>came out</b> in 1956, but by 1959 a staple of the oldies circu
02	n President Clinton's budget for fiscal year 1999 <b>came out</b> on Feb. 2, we were all engrossed in l'affaire Lew
03	petual revenue in the 1990s. Since the first film <b>came out</b> , Star Wars merchandise sales have totaled more th
04	for the first two weeks after the earnings report <b>came out</b> , all the good news drove the company's stock to a

05	nd write mediocre fiction ( Mackerel by Moonlight <b>comes out</b> this month). ... A story profiles Todd Solondz, n
06	s different, of course. When Stephanopoulos' book <b>comes out</b> , nobody will impugn his motives or question his r

07	to Mickey: Johnny Depp hasn't got a Miramax movie <b>coming out</b> right at this very moment, but with those tattoos
----	---

**Linhas de concordância 8: Exemplos de ‘come out’ significando ‘tornar-se acessível ao público’ no diretório *written1*.**

Percebe-se uma pequena diferença entre as linhas de concordância 7 e 8. Nas linhas de concordância 7, tem-se a idéia de algo que teoricamente não deveria vir a público, um segredo, enquanto nas linhas de concordância 8, tem-se a idéia de algo que se tornou acessível ao público, especialmente relacionado a publicação de livros, artigos ou relatórios – linhas 02, 04, 05 e 06, e lançamento de filmes e peças – linhas 01, 03 e 07.

Além disso, Lindner (1981) acrescenta que, quando as pessoas saem (fazendo referência à ‘*go out*’) para ir a locais públicos, embora elas não estejam se disponibilizando ao público, elas estão freqüentando locais de entretenimento que são acessíveis e não inacessíveis como locais privados, o que remete à idéia de privacidade. Mesmo assim, no caso de ‘*go out*’ o ponto de vista é interno e não externo. Tal VPC pode dar a idéia de ‘freqüentar’, ‘sair’ ou ‘ser enviado’, como nos exemplos abaixo.

01	ooster. His London is more like a cesspool. Simon <b>goes out</b> to nightclubs, where he takes unholy quantities o
02	tually pursues a career in Office Administration, <b>goes out</b> on weekends for Secretary Night at the karaok
03	rs doing everything together. In one ad, a player <b>goes out</b> on a date, and her teammates tag along. In anothe
04	that telling the truth is good. "Integrity never <b>goes out</b> of style. It never goes out of style."
05	ople that Colin did, perhaps?" "I'll make sure it <b>goes out</b> in the package of documents for the network on M

**Linhas de concordância 9: Exemplos de diferentes significados de ‘go out’ retirados do diretório *written1*.**

Nas linhas de concordância acima, exemplificam-se alguns possíveis significados de ‘go out’, que é uma VPC altamente polissêmica. Nas linhas 01 e 02, ‘go out’ significa respectivamente ‘frequentar’ e ‘sair para locais públicos de entretenimento’, conforme já mencionado. Na linha 03, o mesmo significado está presente, porém, ‘on a date’ remete à idéia de encontro (entre namorados ou amigos íntimos). Na linha 04, percebe-se a idéia de ‘sair de moda’ e, na linha 05, ‘go out’ significa ‘ser enviado’.

Outra VPC que se enquadra na idéia de ‘mudança de ocultação à acessibilidade’ proposta por Lindner (1981) é ‘find out’. Segundo a autora (ibid.), visibilidade e entendimento estão lingüisticamente associados, o que ela ilustra através do seguinte exemplo: em inglês, ‘I see’ (‘eu vejo’<sup>183</sup>) pode significar ‘entendo’. Lindner (ibid.) destaca que, quando uma informação não é de conhecimento de alguém, pode-se entender que tal informação está escondida de sua visão, “inacessível ao seu olho cognitivo<sup>184</sup>”. A VPC ‘find out’ significa ‘descobrir’, como em ‘descobrir alguma informação’, como se pode perceber nas linhas de concordância abaixo.

01	S IN YOUR SOFTWARE	Q. How can I <b>find out</b> whether any Easter eggs are hidden in my software
02	vote will allow for Antelope Valley officials to <b>find out</b> whether the rail system will run through the area	
03	d her career for marriage and motherhood, only to <b>find out</b> she was infert ile. Carrie became engaged to a nic	
04	-- Federal terrorism investigators are trying to <b>find out</b> more about a Dearborn, Mich. man whom they say sl	
05	ve good insurance until something happens, and we <b>found out</b> we did.	"And third," he added, t
06	e, but what does it matter to us?' On Sept. 11 we <b>found out</b> what it matters to us."	If the c
07	Sox fans who made the long weekend trip here soon <b>found out</b> why. The mouthy agent was explaining to every New	
08	she says. "And then September 11 happened, and I <b>found out</b> there were a lot of dinosaurs out there, who help	
09	groggy," said a company spokesman. "But when Ted <b>finds out</b> he owes \$3 billion for back rent on his freezing	
10	ene, then takes a vicious turn when Zaza's family <b>finds out</b> about Judith. Notions of tradition, family tension	
11	t a son who's brought close to his father when he <b>finds out</b> the secret about him."	Perhaps o
12	aid they felt so much better taking the pills are <b>finding out</b> they were actually on placebo," she said.	
13	s minimum. What determines the overall picture is <b>finding out</b> the source of the clots or whether there is a pro	

#### **Linhas de concordância 10: Exemplos de diferentes formas de ‘find out’ retirados do diretório written2.**

Percebe-se, nas linhas de concordância acima, que ‘find out’ pode ser traduzido em todos os casos por ‘descobrir’. O significado de ‘descobrir’ claramente remete à cena espacial

<sup>183</sup> Nesse caso ‘eu vejo’ seria a tradução literal, porém, na maioria das ocorrências ‘I see’ significa ‘entendo’.

<sup>184</sup> “Inaccessible to his cognitive eye”. Daí a relação com o ‘sentido de visibilidade’ proposto por Tyler e Evans (2003).

da figura 19, já que, ao descobrir alguma coisa, no sentido literal e físico, estamos tornando-a visível para o mundo. Lindner (1981) postula que *'find out'* “codifica uma mudança no estado de uma informação de escondida (oculta) para conhecida como resultado de um **observador**<sup>185</sup> que se torna ciente dela<sup>186</sup>”.

Outro aspecto relevante é o grau de transparência da VPC, que, embora não tenha um significado tão concreto, pode-se atribuir ao verbo uma contribuição considerável em relação ao significado total da VPC, uma vez que o significado prototípico de *'find'*, que é ‘encontrar’, nos remete à ‘descobrir’, podendo ser até um sinônimo em alguns casos, como, por exemplo, na linha 13 (acima).

Conforme já mencionado, algumas categorias, de certo modo, se sobrepõem e isso ocorre, pois estão sendo utilizadas fontes diferentes como base nos sentidos apresentados. Como se viu, o ‘sentido de visibilidade’ está relacionado a VPCs com significados mais concretos, como, por exemplo, ‘sair’, e também mais metafóricos, como ‘descobrir’. Tyler e Evans (2003) propõem um sentido independente, embora muito semelhante ao sentido da visibilidade, para ocorrências de *'out'* onde a noção de visibilidade está associada ao conhecimento.

### **Sentido de conhecimento**

Para Tyler e Evans (ibid.), devido à recorrência de contextos onde ‘ver’ está associado a ‘saber’ ou ‘entender’, como no exemplo *'I see what you mean'* (‘entendo o que queres dizer’), o significado de conhecimento foi estendido. A visibilidade de um fato ou acontecimento passou a se referir ao conhecimento dele. Por isso, também se pode relacionar a cena espacial representada pela figura 19 com o ‘sentido de conhecimento’<sup>187</sup>.

Das VPCs selecionadas, *'find out'* se enquadra nesse sentido, conforme já demonstrado nas linhas de concordância 10. Uma VPC que foi pré-selecionada e que é utilizada como exemplo pelos autores é *'figure out'*, que em muitos casos pode ser um

---

<sup>185</sup> Observador (*'viewer'*) é o termo usado por Lindner (1981) para se referir a quem está a olhar para uma TR a partir de um dado ponto de vista em uma cena espacial. Esse termo também será usado nesse trabalho para o mesmo fim.

<sup>186</sup> “[...] codes a piece of information’s change from hidden to known as a result of the viewer’s becoming aware of it”.

<sup>187</sup> “*Knowing Sense*”.

sinônimo de *find out*'. Abaixo, algumas linhas de concordância ilustram o uso de *figure out*'.

01	brand name or generic. "Developing nations should <b>figure out</b> what they can pay and send the rest of us the bil
02	s Today that he and his colleagues were trying to <b>figure out</b> what had gone wrong. "There's been quite a bit of
03	e- and six-year deals, someone's going to have to <b>figure out</b> how they operate in the new system, and we don't
04	West Texas. In Oklahoma, scientists are trying to <b>figure out</b> how to decrease the size of hail to make it less
05	d him so much! The kids missed him. And we had to <b>figure out</b> the time difference for phone calls.

#### Linhas de concordância 11: Exemplos de '*figure out*' retirados do diretório *written2*.

Nas linhas de concordância acima, percebe-se que o significado de '*figure out*' é muito parecido com o de '*find out*', podendo muitas vezes ser substituído sem alteração no significado. No entanto, um fator que os diferencia e que deve ser ressaltado é que em ocorrências com '*figure out*' a descoberta da informação representada pela TR parece envolver um pouco mais de esforço do observador do que em ocorrências com '*find out*'.

Como se pode observar nas linhas de concordância 10, em alguns casos, como, por exemplo, as linhas 01, 02 e 04, parece haver um esforço em descobrir a informação, já em outras, como, por exemplo, nas linhas 08, 10 e 11, a informação parece estar sendo descoberta por acaso, sem a intenção do observador. Já nas linhas de concordância 11 (acima), todas as ocorrências de '*figure out*' parecem envolver o interesse do observador.

#### Sentido de não mais

Para caracterizar o 'sentido de não mais'<sup>188</sup> (tradução minha), proposto por Tyler e Evans (2003), é preciso imaginar uma TR que quando não está mais dentro de uma LM **não está mais** disponível. Tyler e Evans (ibid., p. 203) explicam tal fenômeno da seguinte maneira:

In many everyday situations involving bounded LMs, the TR is a consumable entity and our default interactions with these consumable entities involve them in a state of containment and hence being located in their containers. If there is no longer any of the TR in the container, there is no more of the TR available. (TYLER e EVANS, 2003, p. 203)

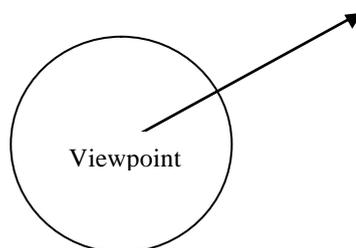
<sup>188</sup> "No More Sense".

Os autores (2003) utilizam exemplos com o verbo ‘*be*’ e a partícula ‘*out*’ para ilustrar esse conceito, como, por exemplo, em ‘*we’re out of luck*’ (‘estamos sem sorte’) ou ‘*we’re out of business*’ (‘nossa empresa está parada’). No entanto, durante a análise das concordâncias com ‘*go out*’, verificou-se que tal VPC, em alguns casos, pode ser associada ao ‘sentido de não mais’, conforme se pode observar nas linhas de concordância abaixo, na estrutura ‘*go out of*’ + substantivo. Nas linhas 01 e 02, ‘*go out of business*’ se refere a **não estar mais** na condição de empresa, enquanto na linha 03 ‘*go out of use*’ corresponde a **não estar mais em uso**.

01	would have to be picked up by the agency if firms <b>went out</b> of business.	"What we're saying
02	y, buggy whip, saddlery, smithy, and Pony Express <b>went out</b> of business. The car paved the way for an oil and	
03	ering. Although many passenger lines have <b>gone out</b> of use as the railroad declined in importance, on	

**Linhas de concordância 12: Exemplos de ‘*go out*’ + substantivo com o ‘sentido de não mais’ retirados do diretório *written2*.**

No estudo de Lindner (1981), a noção de ‘parar de funcionar’ presente no ‘sentido de não mais’ proposto por Tyler e Evans (2003) é descrita de forma diferente. Segundo a autora (ibid.), nesse caso, o ponto de vista é interno, ou seja, o observador está dentro da LM e a TR se torna inacessível na medida em que ela sai da LM. Lindner (1981, p. 116) usa o termo “mudança de acessibilidade para inacessibilidade<sup>189</sup>” para descrever o fenômeno, ilustrando-o com a seguinte cena espacial:



**Figura 20: Mudança de acessibilidade para inacessibilidade (LINDNER, 1981, p. 117).**

<sup>189</sup> “Change from accessibility to inaccessibility”.

Conforme Lindner (1981), “os limites da LM são percebidos em estados onde o objeto é perceptível, possível de se usar, desejável e compreensível ao observador<sup>190</sup>”. Nas linhas de concordâncias 4, onde ‘go out’ aparece como ‘apagar-se’ (em referência à luz), pode-se afirmar que a luz não está mais em uso, não está mais disponível. No entanto, tal asserção se sobrepõe a outro sentido proposto por Tyler e Evans, o ‘sentido de visibilidade’.

### Sentido de falta de visibilidade

Obviamente, o ‘sentido de falta de visibilidade<sup>191</sup>’, proposto por Tyler e Evans (2003), está relacionado ao ‘sentido de visibilidade’. A diferença está no ponto de vista do observador, ou seja, no ‘sentido de falta de visibilidade’, o ponto de vista é interno e a TR não é mais visível quando sai da LM. Uma das VPCs selecionadas que se enquadra nessa categoria é ‘go out’. Quando tal VPC se refere a ‘parar de funcionar’, como se pode observar nas linhas de concordância 4 (p. 106) e também nas linhas abaixo, ela apresenta um significado mais metafórico, mesmo assim existe a contribuição da partícula.

01	s lit by pilot lights, so that if the electricity <b>goes out</b> , the stove still works, which to me is more t
02	overflow morgue turned disastrous when the power <b>went out</b> . "As hundreds of corpses lay in their body bags,"
03	, it's very expensive, they have earthquakes, the lights <b>go out</b> . Come look at Albany." At that p
04	?" Wesley: "Reasonably sure." The lights <b>go out</b> . Wesley whispers: "He's cut the power
05	oup, he sat back and rested on the banquette. The lights <b>went out</b> This was not unusual in Larbaa; it was almost ro

### Linhas de concordância 13: Exemplos de ‘go out’ retirados do diretório *written1* e *written2*.

Nas linhas de concordância acima, ‘go out’ pode ser traduzido como ‘cair’, no sentido de ‘falhar’, ‘parar de funcionar’. Tyler e Evans (2003) afirmam que “quando uma luz não está mais visível, ela pode ser descrita como estando ‘out’, mesmo quando não há uma LM fechada envolvida na interpretação<sup>192</sup>”. Isso significa que a luz não está localizada do lado de fora, porém, sem ela, a visibilidade pode ser afetada, especialmente em locais fechados e/ou à noite.

<sup>190</sup> “[...] the LM boundary is perceived in states in which an object is perceivable, usable, desirable and understandable to the viewer”.

<sup>191</sup> “Lack of Visibility Sense”.

<sup>192</sup> “A light, when no longer visible, can be described as being **out** even when no bounded LM is involved in the interpretation”.

Outro aspecto importante a ser mencionado sobre o significado de ‘go out’ nas linhas de concordância 4 (p. 106) e 13 (acima) é que, ao comparar tal VPC com ‘turn off’ (‘apagar’, ‘desligar’), por exemplo, nota-se que ‘go out’ é utilizado quando não há intenção por parte do observador (ou sujeito) de apagar a luz (TR). Parece que em todos os casos com ‘go out’ existe certa passividade e, às vezes, até submissão, como, por exemplo, na linha 05 (acima), onde o observador é submetido a aceitar um horário de apagamento das luzes por estar cumprindo pena em uma penitenciária. A passividade também se configura nas linhas 01, 02 e 03 acima, onde o contexto mostra que o apagamento das luzes ocorre devido a cortes ou falhas no fornecimento de energia.

Em contrapartida, a VPC ‘turn off’ expressa a intenção do observador (ou sujeito), como se pode observar nas linhas de concordância abaixo. A menos, é claro, que a frase esteja na voz passiva, como nas linhas 07 e 08, o que oculta o sujeito. Contudo, nota-se, mesmo assim, que houve intenção de apagar a luz por parte de alguém.

01	ough and we could take him to the doctor. Then he <b>turned off</b> his light and shut his eyes. I think one reason I
02	and I didn't know what. It was as if someone had <b>turned off</b> the power; the psychic energy just immediately dr
03	. He took his time preparing for the invasion. He <b>turned off</b> all the video equipment and replaced the controls
04	ar no music. Only maybe I sing a little bit." She <b>turned off</b> the muzak and they were quiet through the remaind
05	ould see them first thing in the morning. Then he <b>turned off</b> the projector, leaving the ventilator fan to hum
06	tems Go." Then he logged off, cut the modem line, <b>turned off</b> the terminal and left the room. Downstairs Doug w
07	aked details: Just before EgyptAir's autopilot is <b>turned off</b> , the cockpit door apparently opens and shuts seve
08	ed in. The lights on the shrine, which were never <b>turned off</b> , cast a beautiful golden aura around the far end

#### Linhas de concordância 14: Exemplos de ‘turn off’ retirados do diretório *written1*.

As VPCs ‘go out’ e ‘get out’ também podem ser associadas ao ‘sentido de falta de visibilidade’, qual seja, quando a TR está do lado de fora da LM e o observador está dentro, o que significa que não é possível enxergar a TR. Nesse caso, o significado de ‘go out’ e ‘get out’ não é tão metafórico, como se pode observar nas linhas de concordância abaixo.

01	e pleasure of getting acquainted with before they <b>go out</b> the door. As for the others -- well that's Develo
02	in in October. We don't do much around there but <b>go out</b> to eat." "How often?" "Couple of times a week. Ea
03	. Haldeman: If we move on him, he'll <b>go out</b> and unload everything. He knows everything that's
04	hall laughed too. Then the monk and the visitors <b>went out</b> , and it was quiet in the hall again. Try as I mig
05	relief would descend any moment. And it did; she <b>went out</b> the door without even looking in on us again. We
06	it I come out and walk, or go to my room. When I <b>went out</b> for a walk today I went to the edge of the farm p
07	fe and I have been afraid to leave it. And when I <b>went out</b> this afternoon there was the open road. Of course
08	have left both the children here with mother and <b>gone out</b> there himself, if what he wants to do is throw aw

09 came back in almost immediately after Bhante had **gone out** and got Mark's attention. Mark went to him, then  
 10 ry sick in the fall of the last year of her life, **goes out** into the garden, as she has done every year before

11 e radiator of the car. So naturally they **got out** of the car, took the chicken, and plucked the chi  
 12 five year note out on my car when i right when i **got out** of college and uh i'll never do that again i s  
 13 y vehicle pulls up outside the glass door. Monica **gets out** first and opens the courthouse door. She is weari  
 14 uh one kid getting out at two forty five and one **getting out** at three thirty so the one gets picked up at two  
 15 k, a sort of hot nervous rash erupting. He had to **get out** of the car. He stopped under a corner street ligh

16 apnel), but the one in his eyebrow, they couldn't **get it out** So, they tool him away, we didn't see h  
 17 g down and boxed everything back up again just to **get it out** of the way just because they, uh, were so miserab  
 18 lly saw Santa and the sleigh! I couldn't **get it out** of my mind as I continued my walk. When  
 19 anyways, I wanted to do Mondays. I figured I'd **get it out** of the way usually I have my Monday night supper  
 20 o containers of it then that's just real quick to **get it out** and serve it over rice oh but n

### **Linhas de concordância 15: Exemplos de 'go out' e 'get out' retirados do diretório *written1*.**

Nota-se um grau alto de contribuição da partícula nos dois primeiros grupos de linhas de concordância acima (linhas 01 a 15), especialmente porque, em tais concordâncias, o significado total das VPCs é mais concreto, podendo-se traduzi-las como 'sair'. Já nas linhas 16 até 20, tem-se a estrutura 'get it out', onde a melhor tradução seria 'remover', 'retirar', ou ainda, 'tirar'. Nesse caso, 'it' cumpre o papel da TR, que invariavelmente, conforme as linhas acima, ou está atrapalhando, devendo ser removida, ou há certa expectativa que seja removida como parte de um processo, como, por exemplo, na linha 20. O ato de ser removida está associado ao fato de que, nesse caso, é melhor que a TR esteja fora da LM para que uma dada ação ou processo se complete.

### **Sentido não *in situ***

O último sentido associado as cinco VPCs selecionadas para análise está relacionado a uma interpretação prototípica da partícula 'out', que remete diretamente à proto-cena apresentada na figura 15 (p. 104), ou seja, uma das primeiras idéias que vem à mente ao pensar em 'out' é a não-presença, a ausência.

Segundo Tyler e Evans (2003), no 'sentido não *in situ*<sup>193</sup>', a LM é interpretada como lar ou local onde a TR passa longos períodos, como, por exemplo, o local de trabalho, prisão,

<sup>193</sup> "Not In Situ Sense".

hospital ou escola, como se pode observar no uso de ‘*get out*’ exemplificado nas linhas de concordância abaixo.

01	ed and feel you know they were looking forward to <b>getting out</b> on their own and getting away from whatever uh fa
02	g run. Sounds like she was <b>getting out</b> and meeting a lot of people.
03	different you know, whatever and if you don't <b>get out</b> and get involved, you're not going anywhere
04	ussein asks. "Kifan Ba Youssef. The school." We <b>get out</b> and walk around to the other side of the uninspir
05	find religion, or feign it, to meet women. Simply <b>get out</b> and about. Try affinity groups, classes, volunteer
06	ance and wants to try a second honeymoon after he <b>gets out</b> of jail for assaulting her. The Enquirer also rep
07	endings on Beverly Hills 90210 such as when Donna <b>gets out</b> of the hospital after an attempted rape, and the
08	paganda aren't going to save you." And when Derek <b>gets out</b> of prison, we see that the principal has reached
09	was working in an office and right right after i <b>got out</b> of high school i continued working there for prob
10	him on an interview talking about how if he ever <b>got out</b> how many people he was going to kill

**Linhas de concordância 16: Exemplos de ‘*get out*’ retirados do diretório *written1*.**

Nas linhas de concordância acima, ‘*get out*’ pode ser traduzido como ‘sair’ e a LM pode ser interpretada como ‘lar’, exceto na linha 03, onde a LM é a escola. Em algumas das linhas acima, como, por exemplo, nas linhas 01, 02 e 04, o ‘sentido não *in situ*’ proposto por Tyler e Evans (2003) pode se confundir com a idéia de se **disponibilizar ao público** ao ir a locais de entretenimento apresentada nas linhas de concordância 9 (p. 113), proposta por Lindner (1981). Ou ainda, nas linhas 06 a 10, tal sentido pode ser confundido com o ‘sentido de falta de visibilidade’ apresentado nas linhas de concordância 15 (p. 119).

Entretanto, no ‘sentido não *in situ*’, a TR está ausente de um local onde passa longos períodos (LM) e o foco é a ausência desse local onde a TR normalmente se encontra, nas linhas de concordância 9, por outro lado, o foco é ato de se estar em contato com outras pessoas em locais de entretenimento, e, nas linhas de concordância 15, o foco é o fato de que a TR não está mais dentro da TR ou visível a partir dela.

Por fim, no ‘sentido não *in situ*’, a LM pode ser mais abstrata, como se pode observar nas linhas de concordância abaixo. Mesmo assim, ao invés de se referir a um local onde a TR passa longos períodos, como exemplificado nas linhas de concordância acima, a LM designa um estado normal das coisas.

01	ly i wanted to get a masters degree in in after i <b>got out</b> of the service and uh they changed drafts so ther
02	or uh from other places in in well if he <b>got out</b> of line too much from the old school they'd just
03	rally, I start crying, and one of my main ways of <b>getting out</b> of work was always saying something hurt me, eith
04	Totally unspoiled, but I just feel that when Wes <b>gets out</b> of this mood it will be very interesting.

**Linhas de concordância 17: Exemplos de ‘get out’ retirados do diretório *written1*.**

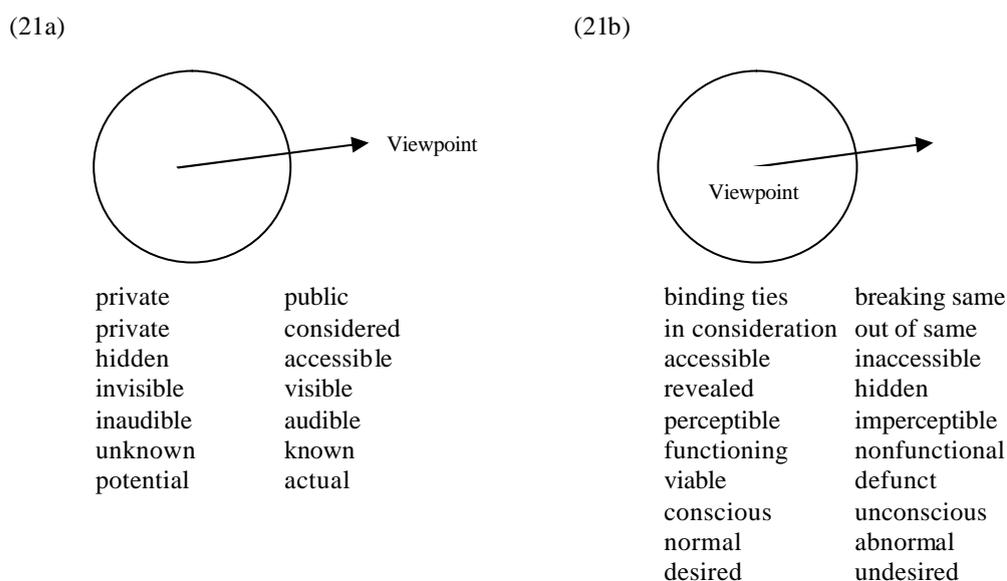
Percebe-se que ‘*get out*’ é empregado, nas linhas acima, para se referir a uma fuga de um estado normal das coisas. Isso se verifica na linha 02, por exemplo, onde a VPC ‘*get out*’ vem seguida de ‘*of line*’, significando ‘sair da linha’. Nesse caso, ‘sair da linha’ está sendo usado em referência à idéia de ‘*old school*’, que significa ‘tradicional’ ou ‘clássico’ (nesse contexto), ou seja, ‘*if he got out of line too much from the old school*’ poderia ser traduzido como ‘se ele se afastasse muito do tradicional’ (no sentido de ‘quebrar o protocolo’). Na linha 04, ‘*gets out of this mood*’ (‘sai desse estado de humor’) também remete a uma fuga do estado normal das coisas.

Como, já mencionado no capítulo de orientação teórica, verbos leves, como, por exemplo, ‘*get*’ e ‘*take*’, além de serem muito comuns entre as VPCs, em certos casos, sua contribuição para o significado total das VPCs não é tão clara, talvez por ser difícil estabelecer um significado mais prototípico para eles quando estão isolados. Em outras palavras, é mais fácil associar o significado de um verbo como ‘*find*’ ao significado total da VPC ‘*find out*’ do que o significado de um verbo leve como ‘*get*’ ao significado total de ‘*get out*’. Por outro lado, analisando essas construções a partir de uma perspectiva cognitivista, que explora a noção de esquemas imagéticos, a contribuição da partícula ‘*out*’ fica saliente em ambos os casos.

Outro aspecto importante que deve ser levado em conta, principalmente quando se cruzam os esquemas imagéticos propostos por Lindner (1981) e Tyler e Evans (2003), é que os estudos têm objetivos diferentes. No estudo de Tyler e Evans (*ibid.*), o foco principal é descrever as representações mentais associadas às partículas espaciais em geral, enquanto Lindner (1981), por outro lado, descreve as representações mentais atribuídas às partículas quando elas fazem parte das VPCs.

Vale ressaltar que todas as cenas espaciais utilizadas para ilustrar os diferentes sentidos da partícula ‘*out*’ nas VPCs selecionadas, de alguma forma, remetem à proto-cena apresentada na figura 15 (p. 104). Isso evidencia a existência de uma relação entre os sentidos da partícula por mais estendidos que eles possam ser. Lindner (1981) destaca essa convergência entre os padrões utilizando as palavras usadas nas descrições dos mesmos para

ilustrar as mudanças produzidas no estado das coisas, ou seja, o antes e o depois da VPC, por exemplo, na VPC ‘*come out*’, uma TR que estava ‘invisível’ (‘invisible’), ao sair (‘*come out*’) de uma LM, ficou ‘visível’ (‘visible’), levando em conta que, nesse caso, o ponto de vista é exterior em relação à LM.



**Figura 21: Similaridade entre os sentidos de ‘out’ (LINDNER, 1981, p. 121).**

Na figura acima, Lindner (1981) separou os sentidos da partícula em dois grupos: em um deles o ponto de vista é exterior (21a) e no outro interior (21b). Comparando os termos utilizados para descrever o estado de uma TR antes e depois do uso da VPC para descrever uma dada cena espacial, pode-se perceber a relação entre eles.

Embora, no presente trabalho, não se tenha explorado todos os sentidos da partícula ‘out’ propostos por Lindner (ibid.) e por Tyler e Evans (2003), já que foram analisadas somente as cinco VPCs mais frequentes com tal partícula, verificou-se que, por causa de sua polissemia, vários padrões propostos pelos autores foram discutidos ao longo da seção (e não somente cinco). Em outras palavras, algumas das VPCs analisadas, por causa de seu caráter polissêmico, se enquadraram em diferentes categorizações.

Os resultados apresentados aqui sugerem que é possível fazer uma relação entre os significados das partículas em diferentes VPCs através de cenas espaciais e que a contribuição

da partícula ‘out’ nas cinco VPCs analisadas (*i.e.* ‘go out’, ‘come out’, ‘find out’, ‘point out’ e ‘get out’) é sempre marcante. Na próxima seção serão apresentadas as VPCs com a partícula ‘over’.

### 3.3 SEMÂNTICA DAS VPCS COM A PARTÍCULA *OVER*

Pode-se afirmar, inicialmente, que a partícula ‘over’ também apresenta vários sentidos distintos que caracterizam sua contribuição nas VPCs, embora não seja tão freqüente<sup>194</sup> como a partícula ‘out’. Outra diferença é que ‘out’, ao contrário de ‘over’, está associada ao sentido de não-contenção, conforme discutido na seção anterior. A partícula ‘over’ também é uma partícula espacial polissêmica (cf. Tyler e Evans, 2003), como ‘out’, que contribui marcadamente para o significado total das VPCs em que está presente.

Assim como se procedeu na seção anterior, aqui também será apresentado primeiramente o significado mais prototípico de ‘over’ para, então, caracterizar os sentidos especificamente relacionados à sua contribuição semântica nas VPCs selecionadas.

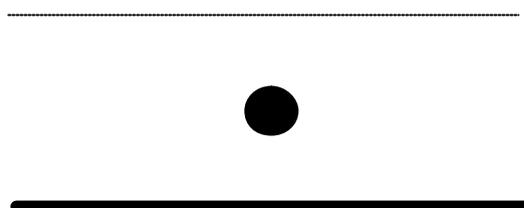
#### 3.3.1 *Significado Prototípico de OVER*

Quando ‘over’ vem à mente, o primeiro significado a que tal partícula remete é à idéia de ‘estar acima’, como na frase ‘*the picture is over the mantel*’ (‘o quadro está acima do console da lareira’). De acordo com Tyler e Evans (2003, p. 65), o sentido primário associado à partícula ‘over’ “envolve uma configuração espacial na qual a TR está mais alta do que a LM<sup>195</sup>”. Segundo os autores (*ibid.*), a diferença entre ‘over’ e ‘above’ é que a primeira denota uma relação onde a TR está dentro de uma **zona proximal imaginária** que representa a possibilidade de contato entre a TR e a LM, enquanto o mesmo não se aplica a ‘above’.

<sup>194</sup> Aqui está se referindo à sua freqüência nas VPCs, embora isso também seja verdade em relação à língua como um todo, conforme os números das tabelas 5 e 6 apresentadas no segundo capítulo.

<sup>195</sup> “[...] *involves a spatial configuration in which a TR is higher than the LM*”.

A figura abaixo mostra a proto-cena proposta pelos autores para representar esse significado mais prototípico de ‘over’. A TR está representada pela esfera e a LM pela linha abaixo de esfera. A linha pontilhada acima da esfera representa o limite da área considerada zona proximal, *i.e.* uma região onde o contato é potencialmente realizável.



**Figura 22: Proto-cena da partícula ‘over’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 66).**

Tyler e Evans (*ibid.*) afirmam que há duas relações importantes presentes em outros significados da partícula ‘over’ que podem ser ilustradas através da figura acima. A primeira é que a TR está mais alta do que a LM, porém, dentro de uma zona onde em algum momento da trajetória o contato é possível e a segunda se refere ao fato de que a TR e a LM estão dentro da ‘esfera de influência’<sup>196</sup>, uma da outra.

Afirmar que a TR e a LM podem sofrer influência uma da outra significa, segundo os autores (*ibid.*), que a TR pode afetar a LM de algum modo e vice-versa. Eles afirmam que tal relação se refere ao aspecto funcional<sup>197</sup> representado pela proto-cena, ou seja, no ‘sentido de controle’, por exemplo, o poder está associado a uma posição superior, a estar acima. Quem tem o poder (nesse caso a TR) está acima de quem está a ser controlado (LM) e, além disso, em termos físicos, para controlar alguém e assegurar sua submissão e obediência, é necessário estar ao seu alcance físico. Tais relações, segundo os autores (*ibid.*), explicam a inclusão de uma zona proximal na proto-cena acima e marcam a diferença<sup>198</sup> entre ‘over’ e ‘above’, sendo também imprescindíveis para entender outros significados da partícula que serão apresentados na próxima seção.

<sup>196</sup> “*Sphere of influence*”.

<sup>197</sup> Em oposição ao aspecto espacial.

<sup>198</sup> Ver Tyler e Evans (2003) para uma discussão mais detalhada.

### 3.3.2 Outros Sentidos da Partícula OVER

De acordo com Tyler e Evans (2003), existem quinze sentidos distintos para a partícula ‘over’. Vale lembrar, porém, que o estudo apresentado por eles não tem como foco principal as VPCs. De qualquer forma, assim como se ilustrou na análise da partícula ‘out’, as idéias desses autores também servem de guia para a análise das construções com ‘over’. Similarmente ao que ocorreu com ‘out’, muitos dos sentidos atribuídos à partícula ‘over’ remetem ao seu significado prototípico.

#### Sentido de transferência

O ‘sentido de transferência’<sup>199</sup>, proposto por Tyler e Evans (2003) para a partícula ‘over’ é oriundo de um conceito mais abrangente que diz respeito à trajetória da TR. Segundo tal conceito, por trás de certos usos de ‘over’ está uma trajetória A-B-C, que pode ser resumida como início, meio e fim da trajetória da TR, conforme a figura abaixo.

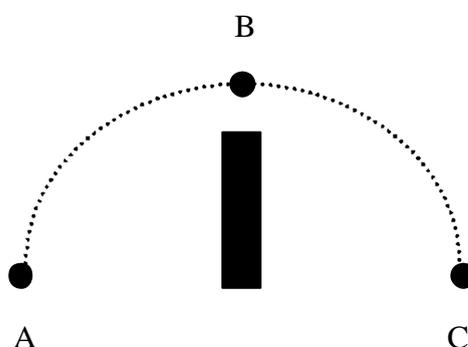


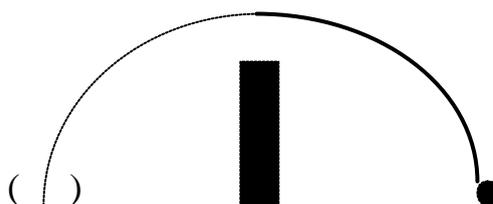
Figura 23: ‘Trajetória A-B-C’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 71).

Os autores (ibid.) utilizam essa noção para explicar o sentido de ‘over’ em frases como, por exemplo, ‘*the cat jumped over the wall*’ (‘o gato pulou sobre o muro’). Nesse caso, a TR, representada pela esfera na figura acima, é o gato e a LM, representada pelo retângulo, é o muro. Essa cena espacial é importante porque há mais de um sentido de ‘over’ associado a ela. Ela age então como uma proto-cena secundária, que está relacionada não somente ao ‘sentido de transferência’, mas também a outros sentidos que serão apresentados a seguir. Um

<sup>199</sup> “Transfer Sense”.

dos aspectos relevantes em relação à cena espacial acima é que a LM representa um obstáculo, ou ainda, o ponto da trajetória onde o contato é mais provável, ou seja, o gato pode bater no muro ao tentar pular para o outro lado.

No caso do ‘sentido de transferência’, a TR é um objeto<sup>200</sup> que está sendo transferido de um ponto para outro. Tyler e Evans (2003) utilizam a seguinte figura para ilustrar tal noção:



**Figura 24: ‘Sentido de transferência’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 87).**

Segundo os autores (ibid.), não há uma LM saliente nesse caso. Mesmo assim, eles mantêm a LM representando possíveis dificuldades no ato de transferência. Além disso, Tyler e Evans (2003, p. 88) afirmam que “o uso de TRs e LMs não-físicas constitui um *continuum* de usos”, sendo alguns desses usos mais figurativos do que outros. Os parênteses, na figura acima, representam a entidade que tinha o poder antes da realização da transferência e a linha pontilhada representa parte da trajetória da TR quando ainda estava sob o poder de primeira entidade (representada pelos parênteses). A linha sólida, por sua vez, representa a parte da trajetória em que a TR já está sob o poder da segunda entidade, que é representada pela esfera sólida. A transferência em si, seja ela mais ou menos figurativa, se dá no momento em que a linha pontilhada se torna sólida (representado pelo ponto B na figura 23). Pode-se afirmar ainda que, nesse exato momento de transferência, onde a TR está acima da LM, a figura 24, se fosse cortada transversalmente, se assemelharia à proto-cena apresentada na figura 22.

Uma das cinco VPCs com a partícula ‘over’ selecionadas para este estudo está relacionada com o ‘sentido de transferência’: ‘hand over’. Tal VPC apresenta tanto significados mais metafóricos, como também outros mais concretos, ou seja, pode se referir à transferência de objetos concretos das mãos de uma pessoa para outra ou à transferência de

<sup>200</sup> Lembrando que objeto pode estar se referindo a uma pessoa ou entidade não-física, como, por exemplo, poder sobre um país ou bem material.

poder de reféns ou prisioneiros. Isso pode ser verificado nas linhas de concordância abaixo, que mostram diferentes exemplos de diferentes formas com a VPC ‘*hand over*’.

01 ment land and government wood — yet he refused to **hand over** the house when he was ousted from office after on  
 02 hat rolling attacks might persuade the Taliban to **hand over** Bin Ladin and, in any case, would  
 03 rds with being hypocritical in wanting Britain to **hand over** Gibraltar while refusing to talk to them about th  
 04 a sign in the judge's chambers. "Hand over the chocolate and no one will get hurt."  
 05 table and we signed some documents, I do hereby **hand over** to the United States ambassador the remains of a  
 06 Israeli officials said that they now intend to **hand over** tax revenues worth \$43 million. A first payment o  
 07 immediately," he said." They will **hand over** the terrorists, or they will share in  
 08 When the Sudanese refused to **hand over** three individuals identified as involved in

09 ns in force to this day. The "peppercorn" rent is **handed over** to the crown in one of the most ornate ceremonial  
 10 pipeline. Enron settled that case in January and **handed over** the pipeline. For Dynege, sellin  
 11 was British -manned for only 20 years before being **handed over** to Canadian troops. Today it is the home of Canad  
 12 Louisiana. Overnight, it appeared, they had been **handed over** to King Charles III of Spain — though the treaty  
 13 used as a schoolhouse and poorhouse before being **handed over** to the government in 1949. After renovations in 1  
 14 ld a \$200 million stadium that in effect would be **handed over** to the Rangers. As part of the deal, the cit  
 15 officials to seize private property that would be **handed over** to the Bush group. "A group

16 finally recovered the denture from a villager and **handed it over** to the ambassador in a ceremony at a nearby excav  
 17 was in the hands of august gentlemen, before they **handed it over** to those slick young Golden Boys of Toronto. A li

**Linhas de concordância 18: Exemplos de ‘*hand over*’ retirados do diretório *written2*.**

Percebe-se, nas linhas de concordância acima, que a VPC ‘*hand over*’ pode ser traduzida por ‘entregar’ em todos os casos, embora, conforme mencionado acima, o ato de transferência possa estar envolvendo o poder sobre bens ou pessoas, como, por exemplo, nas linhas 01, 02 e 03 ou entidades físicas que podem ser entregues com as mãos, como na linha 04, por exemplo.

Como se pode observar nas linhas de concordância acima, tanto o verbo ‘*hand*’ (‘passar’<sup>201</sup>) quanto a partícula ‘*over*’ têm uma contribuição acentuada no significado da VPC. A contribuição da partícula está associada à idéia de movimento da TR de um ponto a outro, conforme discutido acima. O significado do verbo, nesse caso, também provém de uma relação espacial humana no mundo, conforme discutido no capítulo de fundamentação teórica, já que, quando se passa algo para outra pessoa, se utilizam as mãos. A diferença entre o verbo

<sup>201</sup> Passar com a mão.

'hand' e a VPC 'hand over' é que o verbo<sup>202</sup> requer um objeto direto e um indireto, enquanto a VPC nem sempre requer o objeto indireto, como, por exemplo, nas linhas 01, 02, 03, 04, 06, 07, 08 e 10. Acredita-se que isso seja possível devido à contribuição do significado da partícula na VPC, ou seja, com a partícula formando a VPC se pressupõe automaticamente que a TR vai cumprir a trajetória A-B-C.

Nas linhas de concordância abaixo estão alguns exemplos do verbo 'hand' que ilustram as asserções acima sobre a necessidade de utilizar juntamente com o verbo um objeto direto e um objeto indireto.

01	leave some aspect of his job undone every day or <b>hand</b> it to a deputy, Draper said. People he talks to are
02	of slaughter, but they were not going to <b>hand</b> it all to Akbar. Although illiterate, Akbar
03	uch for the tourist here, but you have to <b>hand</b> it to Câmara de Lobos for remaining a pure a
04	they try to get another person to do something—to <b>hand</b> them an object or help them perform a task—by rea

05	n the radio with the club's play-by-play team and <b>handed</b> him several gifts. He also shook hands with Cats
06	the sister, so my new friend bought the dress and <b>handed</b> it to me. It was picked up at my Kansas office th
07	y came to an abrupt halt, Cheryl Kipfer's husband <b>handed</b> her a news report on the stunning findings. The d
08	at the back-door entrance to the moment they are <b>handed</b> a chilled bottle of Fiji water as soon as their b

**Linhas de concordância 19: Exemplos do verbo 'hand' retirados do diretório *written2*.**

Como se pode perceber, em todas as linhas sempre há um objeto direto e um indireto, ou seja, o que vai ser entregue (objeto direto) e quem recebe o que está sendo entregue (objeto indireto), como, por exemplo, em 'hand it to a deputy', onde se tem o verbo ('hand') + objeto direto ('it') + a preposição ('to') + objeto indireto ('a deputy'). Em alguns casos, como, por exemplo, nas linhas 04, 05 e 07, os objetos estão invertidos, perdendo-se a necessidade de usar a preposição 'to'. No caso da linha 04, por exemplo, tem-se o verbo ('hand') + pronome oblíquo ('them') + objeto direto ('an object').

Em suma, a VPC 'hand over' está associada ao 'sentido de transferência' proposto por Tyler e Evans (2003). De certo modo, tal sentido também está relacionado ao 'sentido de controle', conforme a seção abaixo.

<sup>202</sup> Existem também outras VPCs com o verbo 'hand', como, por exemplo, 'hand in' e 'hand out'. A afirmação de que o verbo requer dois objetos não se refere às VPCs.

## Sentido de controle

O ‘sentido de controle’<sup>203</sup>, proposto por Tyler e Evans (2003), da mesma forma que o ‘sentido de transferência’, especialmente quando este descreve situações mais metafóricas (ou abstratas), está associado a relações de poder. Para representar tal sentido, os autores (ibid.) utilizam uma cena espacial onde a TR está acima da LM, não necessariamente em termos físicos<sup>204</sup>, mas por exercer controle sobre a entidade dominada (LM).

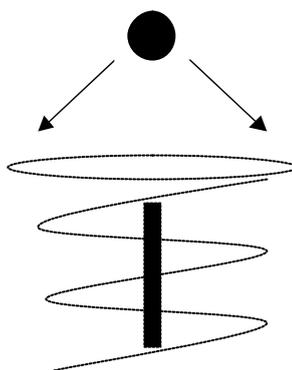


Figura 25: ‘Sentido de controle’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 102).

Na figura acima, tem-se a TR no topo, exercendo o controle (representado pelas linhas pontilhadas) sobre a LM, que está representada por um retângulo. Segundo Tyler e Evans (2003, p. 101), a associação da partícula ‘over’ com o ‘sentido de controle’ acontece “devido a uma implicatura que surgiu de uma correlação experiencial independentemente motivada entre controle e elevação vertical<sup>205</sup>”.

Das cinco VPCs com ‘over’ selecionadas para a análise, há uma que se enquadra nesse sentido: ‘take over’. Porém, vale ressaltar que ‘take over’ não tem um significado estático, ela descreve o momento de tomada do controle, o ato de assumir o controle, tomar posse. Aparentemente, a figura 25 não contempla tal momento e focaliza apenas na descrição do controle depois que ele já se encontra estabelecido. Nas linhas de concordância abaixo estão

<sup>203</sup> “Control Sense”.

<sup>204</sup> Conforme já discutido anteriormente, o poder está associado a uma posição superior, a estar acima.

<sup>205</sup> “[...] due to an implicature which arose from an independently motivated experiential correlation between control and vertical elevation”.

alguns exemplos com diferentes formas de *'take over'* que podem ser traduzidos como 'assumir', 'dominar', ou ainda, 'infestar'.

01	watch it and keep it trimmed back it will totally <b>take over</b> your flower beds um oh yeah
02	nd so when Iraq you know saw this they said let's <b>take over</b> the country which is a good idea um-hum
03	es animals anymore they actually you know sort of <b>take over</b> the place and and we're kind of their pets
04	nd then when he gets to be a certain age, his son <b>takes over</b> . So it's gone that way for the past 200
05	en learning like, it like infects the cell, <b>takes over</b> the cell, the cell bursts and like, release
06	ental requirements and the antidevelopment people <b>taking over</b> the city council we've driven out some corporatio
07	untry and and what that really meant and that was <b>taking over</b> somebody else's freedoms and sort of trampling th
08	for example if uh let's say if uh you know Brazil <b>took over</b> you know Surinam i don't think anybody would care
09	year and a half ago so one of the things that he <b>took over</b> was the cooking and the kids are thrilled they're
10	single parent you know what i mean like, he <b>took over</b> that role very well but when it was just wh
11	long back in the 1930's, uh, all those homes were <b>taken over</b> r by the banks and he was left without anything and
12	albums but i never play them because CD's have <b>taken over</b> yeah exactly they really have we were
13	ushing until there's no option but the government <b>take it over</b> and uh do you think that it's just the m
14	it's America's pastime anymore i think football <b>took it over</b> i mean i was a big baseball fan when i was younge
15	and then all of a sudden the people that had <b>taken it over</b> went bankrupt well that ended COBRA plan plan and

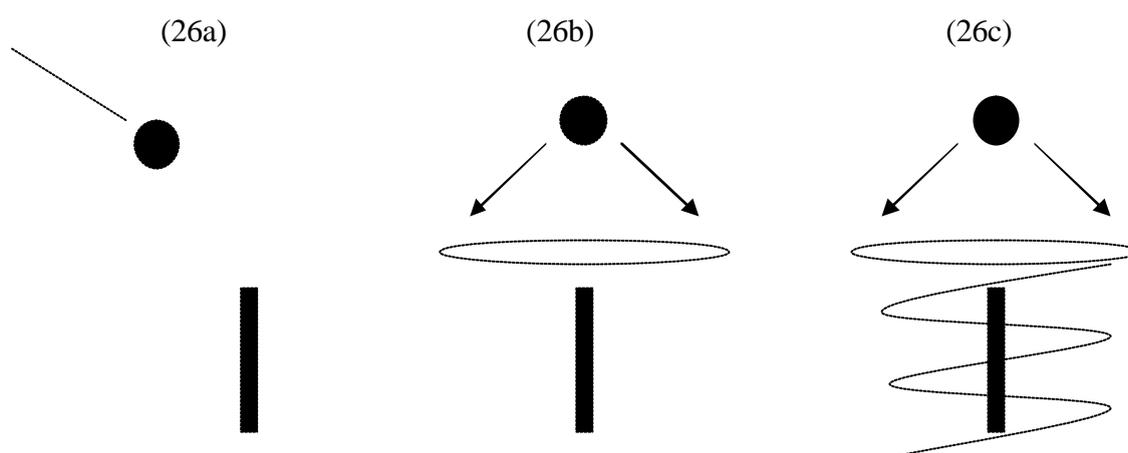
**Linhas de concordância 20: Exemplos de diferentes formas de *'take over'* retirados do diretório *spoken*.**

Como se pode perceber nas linhas de concordância acima, a noção de tomada de controle está presente em todas as linhas. A tradução para o português pode variar conforme o contexto, porém, a idéia central é a mesma. Acredita-se que o verbo *'take'*, da mesma forma que a partícula, contribua para o significado total. O significado prototípico de *'take'* está relacionado ao ato de tomar ou pegar algo com as mãos. Tal significado estende-se para significados mais abstratos, como em *'take the bus'* ('pegar o ônibus') e, no caso de *'take over'*, percebe-se que esse significado está presente para dar a idéia de 'pegar o controle' ou 'tomar o controle', ou seja, 'assumir o controle'. Em outras palavras, acredita-se que, nesse caso, exista uma contribuição evidente tanto do verbo quanto da partícula para o significado total da VPC.

Na linha 05, onde o contexto envolve um ou mais vírus e uma célula, pode-se traduzir *'take over'* como 'dominar' ou até 'infestar', já na linha 01, onde o contexto se refere a cuidados com plantas ou flores que estão em floreiras (*'flower beds'*), a melhor tradução é

‘infestar’. Outras possíveis traduções, como ‘assumir’ e ‘dominar’, podem ser ilustradas através de exemplos como ‘assumir uma tarefa’ (linha 09) e ‘dominar o país’ (linha 02).

Com base no significado total da VPC *‘take over’*, verificado através das linhas de concordância acima, propõem-se a seguinte cena espacial para dar conta não somente do ato de exercer o controle, mas também do momento da tomada de controle.



**Figura 26: Cena espacial para a tomada de controle.**

Como se pode observar na figura acima, para criar essa cena espacial, dividiu-se a noção de controle em três momentos, o momento de aproximação da TR em direção à LM, representado pela figura (26a), o momento exato em que a tomada de controle acontece, representado pela figura (26b), e o momento onde o controle já está estabelecido e apenas é exercido pela TR, representado pela figura (26c)<sup>206</sup>.

### **Sentido de mais**

Um dos sentidos mais comuns atribuídos à partícula *‘over’* é de excesso, o que está relacionado à idéia de ‘estar acima’, discutida na seção anterior<sup>207</sup>. Tyler e Evans (2003) chamam tal noção de ‘sentido de mais’<sup>208</sup>, e afirmam que, quando há uma adição à quantidade original de uma entidade física, a altura, ou nível de tal entidade, sobe. A adição seria, nesse

<sup>206</sup> A figura (26c) já fora proposta por Tyler e Evans (2003), conforme mencionado anteriormente nesta seção. Buscou-se complementar a cena espacial proposta pelos autores (ibid.), já que se verificou que ela não dá conta do momento de tomada de controle expresso pela VPC *‘take over’*, conforme discutido acima, por isso a criação das outras duas figuras.

<sup>207</sup> ‘3.3.1 Significado Prototípico de OVER’.

<sup>208</sup> “More Sense”.

caso, a TR e a entidade física a LM. Os autores usam a cena espacial abaixo para representar tal relação.



**Figura 27: ‘Sentido de mais’ (TYLER e EVANS, 2003, p. 98).**

Na figura acima, a TR está representada pela esfera, enquanto a LM está representada pelo retângulo. A seta ao lado da TR e da LM representa o excesso. Das cinco VPCs com ‘over’ selecionadas para a análise, as duas que se encaixam no ‘sentido de mais’ são ‘go over’ e ‘get over’. Nas linhas de concordância abaixo estão alguns exemplos de ‘go over’, onde a partícula contribui de acordo com o ‘sentido de mais’ proposto por Tyler e Evans (2003) retirados do diretório *written2*.

01	that is the cost on which the rate is based, mail <b>going over</b> 1,000 miles gets a relative bargain and mail stay
02	close to 21 as possible without “busting” ( <b>going over</b> 21). There are several optional bets — sp
03	these retailers cope with returns that sometimes <b>go over</b> one-quarter the value of sales in a given year. C
04	t the T, to Blake’s forehand, but the ball didn’t <b>go over</b> the net,” shrugged Llodra, the tourney’s big-bang
05	dina Dam was in danger of collapsing if water had <b>gone over</b> its top during the recent flooding and needs to b

**Linhas de concordância 21: Exemplos de ‘go over’ retirados do diretório *written2*.**

Percebe-se que, nas linhas de concordância acima, as VPCs com ‘go over’ apresentam certa idiomaticidade, uma vez que o significado prototípico do verbo ‘go’ (‘ir’), somado à idéia de excesso que a partícula produz no significado total da VPC, resulta em outros significados, como, por exemplo, ‘transbordar’ (linha 05) e ‘exceder’ (linha 03). Porém, na linha 01, verificou-se um grau menor de idiomaticidade no significado de ‘go over’, já que os dois constituintes (o verbo e a partícula) parecem não produzir um significado total único, sendo mais bem traduzido como ‘viajar mais que’. Isso mostra que, nesse caso, os significados dos constituintes parecem não se fundir<sup>209</sup> por completo para gerar uma idéia

<sup>209</sup> Cf. Bolinger (1975). Tal noção de ‘fusão’ foi discutida no capítulo de fundamentação teórica.

única, como nas outras linhas. Mesmo assim, considera-se que ‘*go over*’ da linha 01 seja uma VPC, pois o significado do verbo está alterado (‘viajar mais que’ ao invés de ‘ir mais que’), ou seja, há certa idiomaticidade na combinação.

Já em relação a ‘*get over*’, verificou-se que a maioria das ocorrências da VPC estão associadas a outros sentidos<sup>210</sup> e, além disso, ‘*get over*’ exibe um baixo grau de idiomaticidade em todos os exemplos relacionados ao ‘sentido de mais’, conforme se pode observar nas linhas de concordância abaixo.

01	rs soar hundreds of feet into the air. The forest <b>gets over</b> 180 inches (41? ? ? 2 m) of rain each year — that’s
02	Very snowy – I’m pretty sure we <b>got over</b> eight inches, and Cindy was on briefly earlie
03	And hire people. Once one <b>gets over</b> 25, it’s SO worth the money.

**Linhas de concordância 22: Exemplos de ‘*get over*’ retirados dos diretórios *written1* e *written2*.**

Como se pode observar, nas três linhas acima, tem-se ‘*get over*’ seguido de número para dar a idéia de ‘mais que’. Nas linhas 01 e 02, o verbo ‘*get*’ refere-se a ‘receber’ uma quantidade de chuva (linha 01) ou ‘ter’ uma quantidade de neve (linha 02), enquanto na linha 03 parece apresentar um significado um pouco mais metafórico, ou seja, ‘passar de’ vinte e cinco anos de idade.

Por fim, pode-se afirmar que, embora um dos sentidos mais comumente associados a ‘*over*’ seja o de excesso, não foram encontradas muitas ocorrências de ‘*get over*’ com o ‘sentido de mais’ e que, de certo modo, o grau de idiomaticidade é baixo em todas elas. Acredita-se que esse sentido da partícula seja mais recorrente com outros verbos, como, por exemplo, o verbo ‘*be*’.

### **Sentido de conclusão**

Outro sentido comumente associado à partícula ‘*over*’, que também não apresenta um número tão alto de ocorrências, é o ‘sentido de conclusão<sup>211</sup>’. Das VPCs analisadas apenas ‘*get over*’ se enquadra nesse sentido. Verificou-se que, nos casos que configuram tal sentido, a partícula ‘*over*’ normalmente vem com o verbo ‘*be*’. Conforme discutido na seção 3.1, ‘*be*

<sup>210</sup> Sentidos que serão apresentados a seguir.

<sup>211</sup> “*Completion Sense*”.

*over*’ foi descartado porque o verbo *‘be’* possui muitas formas e, além disso, em grande parte das ocorrências seu significado não é idiomático relegando tal combinação à categoria de VPP e não VPC, conforme já discutido no capítulo de fundamentação teórica.

Tyler e Evans (2003) afirmam que, ao levar em conta a cena espacial referida por eles como ‘trajetória A-B-C’ (ver figura 23), onde a TR está acima da LM em algum ponto de seu movimento (ponto B da trajetória na figura 23), pode-se inferir que existe um ponto final da trajetória, representado pelo ponto C na figura 23. Ao ver uma trajetória como um processo, esse ponto final da trajetória representa a conclusão do processo. Os autores (ibid.) defendem que o ponto final resultante de um movimento está relacionado com sua conclusão, por isso a partícula *‘over’* veio a estender seu significado para dar origem ao ‘sentido de conclusão’.

Nesse caso, a VPC *‘get over’* vem sempre acompanhada de outra partícula (*‘with’*), podendo ou não ter o objeto entre o verbo e a primeira partícula, como se pode observar nas linhas de concordância abaixo.

01	Kat, I'm going to let the holidays <b>get over with</b> , and then there will be tiramisu. This,
02	retched out, I found myself cooperating to <b>get it over with</b> . I collected my clothes from the bin
03	ome and quickened his pace in order to <b>get on and over with</b> his business now without delay. On stepping into
04	e I could have this private experience and <b>get it over with</b> , without trying to hide it from anybody or push i
05	ed at Jonah's in a forgiving mood: Let's <b>get this over with</b> . I left a bit puzzled. As theater, t
06	"We should just bomb the hell out of him, <b>get it over with</b> ." – Pvt. Michael Bucci
07	of moves by members of both parties to <b>get things over with</b> . Republican Orrin Hatch, the papers report, said
08	s Denisof as the next James Bond and <b>get it over with</b> ? The British Commonwealt
09	doesn't he just go in for the kill and <b>get it over with</b> ? Like the way he's throwing Angel's words back in
10	I want to do it early and <b>get it over with</b> . I finally gathered all my paperwork and I ha

**Linhas de concordância 23: Exemplos de *‘get over’* retirados dos diretórios *written1*.**

Pode-se observar, nas linhas de concordância acima, que o significado total *‘get over with’* está sempre relacionado ao ato de ‘concluir’, ‘encerrar’ alguma atividade. Uma curiosidade é que tal VPC só apresenta ocorrências no presente no diretório *written1* do ANC. Outro aspecto interessante pode ser verificado na linha 03, onde duas partículas se combinam na mesma concordância com o verbo *‘get’*: a partícula *‘on’* dá a idéia de ‘começar’ (‘dar andamento’), enquanto *‘over’* contribui com o ‘sentido de conclusão’.

### Sentido de acima-e-além

A VPC *'get over'* também se enquadra no 'sentido de acima-e-além'<sup>212</sup>, proposto por Tyler e Evans (2003). Segundo os autores (ibid.), esse sentido pode ser representado por uma cena espacial onde a TR passa acima de uma LM, que representa um objetivo ou alvo. A figura abaixo foi proposta por Tyler e Evans (2003) para representar tal cena espacial.

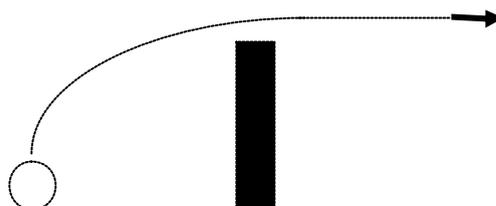


Figura 28: 'Sentido de acima-e-além' (TYLER e EVANS, 2003, p. 84).

Como se pode perceber, na figura acima, a TR, representada pela esfera, passa por cima da LM, representada pelo retângulo, deixando-a para trás. A VPC *'get over'*, que significa 'superar', se enquadra nesse sentido, uma vez que para se superar um problema (ou doença), tem-se que deixá-lo para trás, conforme mostra a figura. Nas linhas de concordância abaixo estão alguns exemplos de *'get over'* no 'sentido de acima-e-além'.

01	i'm too tired or i have a headache or well i just <b>got over</b> the flu and i'm still kind of draggy so i better
02	d she just, after all those many years, she never <b>got over</b> it. Uh, but she did an admirable job.
03	I started in rubbing peanut oil, I <b>got over</b> it, but, and I still use it!

04	d here we were i mean i talked to her we had just <b>gotten over</b> a ninety four degree day so we really had a lot
05	very well rounded team and it seems that they've <b>gotten over</b> their bickering and their fighting as they proble
06	from the north and that was a no no and i haven't <b>gotten over</b> that from the north oh really oh catf

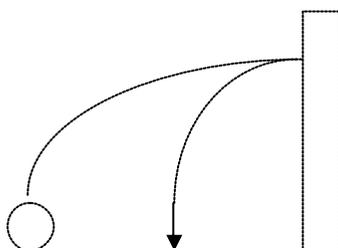
07	gosh you're just healing really well i just can't <b>get over</b> this he says in two weeks you can go back to d
08	m either going to starve to death or i'm going to <b>get over</b> it and just go ahead and eat as healthily as i po
09	ht he was great at the time and i i just couldn't <b>get over</b> the fact that Reagan beat him i you know that i j
10	you to it so if they did have a problem they can <b>get over</b> it i agree with that right and uh
11	ing is you don't get up and drink another beer to <b>get over</b> it yeah and and unfortuna
12	it it was the strangest thing it oh i'll never <b>get over</b> that to this day i don't want to get in the water

**Linhas de concordância 24: Exemplos de *'get over'* ('superar') retirados do diretório *spoken*.**

<sup>212</sup> "Above-and-beyond Sense".

Observando as linhas de concordância acima, vê-se que o significado total de *'get over'* pode ser traduzido como 'superar' em todos os casos. Em alguns casos, 'superar' está ligado ao fato de conseguir interromper o uso de alguma substância que estava ajudando o usuário a se manter em um estado mais saudável, como, por exemplo, nas linhas 03 e 07. Em outros casos, 'superar' se refere a conseguir esquecer ou não ser mais psicologicamente afetado por um acontecimento passado ou trauma, como, por exemplo, nas linhas 05, 09 e 11. Por fim, em algumas linhas, como, por exemplo, nas linhas 01 e 08, 'superar' está relacionado ao fato de conseguir vencer uma doença ou mau hábito.

Pode-se afirmar ainda que o ato de não conseguir superar algum problema ou trauma implicaria outra cena espacial. Já que, nesse caso, a TR não passaria sobre a LM, sendo bloqueada, tal noção estaria representando situações em que as pessoas não conseguem vencer seus obstáculos, sejam eles físicos ou não. Com base na cena espacial proposta por Tyler e Evans (2003) para representar o 'sentido acima-e-além' (acima), criou-se então outra cena para representar o ato de não conseguir vencer um obstáculo ou trauma, ou seja, como se pode observar na figura abaixo, a TR é bloqueada pela LM e permanece no mesmo lado não conseguindo nem se colocar **acima** e nem ir **além** dela.



**Figura 29: Cena espacial representando o ato de 'não superar'.**

A cena espacial proposta acima tem como objetivo representar o ato de não superar alguma barreira ou problema. É claro que, quando não se passa por um obstáculo ou trauma, nem sempre se cai. Porém, na experiência humana 'estar abaixo' está ligado a ser afetado por um problema, sentir-se deprimido, por isso a expressão *'I feel down'* ('estou deprimido') no inglês. De certo modo, a idéia de 'estar abaixo', então, também está relacionada à proto-cena proposta por Tyler e Evans (2003) apresentada na seção 3.3.1 (figura 22), uma vez que *'over'* representa 'estar acima', sendo o seu oposto.

Por fim, vale ainda ressaltar que *'get over'* ('superar') apresenta um alto grau de idiomaticidade e, além disso, a partícula claramente contribui para o significado total da VPC, conforme demonstrado através das cenas espaciais acima.

### Sentido de inspeção

Segundo Tyler e Evans (2003), no 'sentido de inspeção'<sup>213</sup>, o ponto de vista da cena espacial proposta é o da TR, ou seja, a TR, de onde parte o ponto de vista, está a inspecionar a LM. Além disso, os autores (ibid., p. 93) defendem que “muitos exemplos de inspeção cuidadosa de objetos recorrentes no dia-a-dia envolvem a cabeça humana (e também os olhos) em uma posição mais alta do que o objeto<sup>214</sup>”, o que significa que o ato de inspecionar ou examinar algo pode ser representado por uma cena espacial onde a TR está acima, mas próxima da LM e, além disso, direcionada para ela e com o seu foco de atenção voltado para ela, como se pode observar na figura abaixo.

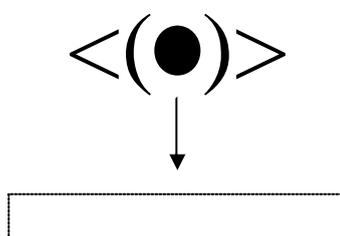


Figura 30: 'Sentido de inspeção' (TYLER e EVANS, 2003, p. 94).

Na cena espacial acima, a LM está representada por um retângulo pontilhado porque ela pode ser tanto um objeto quanto algo mais abstrato, como uma idéia ou proposta a ser examinada. Embora não esteja explícito na descrição da figura feita pelos autores, acredita-se que os parênteses e os símbolos de menor (<) e maior (>) se refiram à direção do olhar e ao foco de atenção da TR, respectivamente, que são complementados pela seta.

Das VPCs que foram selecionadas para análise, a VPC que se enquadra no 'sentido de inspeção' é *'go over'*. Tal VPC apresenta contribuição tanto da partícula quanto do verbo.

<sup>213</sup> “Examining Sense”.

<sup>214</sup> “Many recurring everyday examples of looking carefully at objects involve the human head (and therefore the eyes) being higher than the object”.

Enquanto a partícula dá conta da idéia de atenção, que é imprescindível no momento de uma inspeção, também relacionada à noção de ‘estar acima’, já discutida anteriormente, o verbo contribui com a idéia de movimento, ou seja, ao inspecionar uma figura, por exemplo, movimenta-se a cabeça a fim de focalizar a atenção a todos os detalhes da mesma.

Em inspeções em que a LM não é concreta, como, por exemplo, ao analisar uma idéia a ser colocada em prática ou discutir planos para o fim de semana, não há movimento físico da cabeça, porém, nesse caso, precisa-se considerar as diferentes possibilidades de ação, que, comparativamente, cumprem o mesmo papel dos detalhes de uma figura. Pode-se afirmar, então, que a VPC *go over* é usada em contextos de inspeção a objetos concretos, mas também, de forma mais metafórica, em contextos onde estão sendo inspecionadas idéias ou planos.

Nas linhas de concordância abaixo estão exemplos de uso da VPC *go over* nos diretórios *written1* e *written2* do ANC.

01	dent Bush, and weekly	meetings to <b>go over</b> other issues with Rice, Tenet was speaking regula
02	s script into two hard-bound volumes and plans to <b>go over</b> each scene with Laurents. Mendes wants to know wh	
03	h told me I made a lot of mistakes and had	to <b>go over</b> it again AND also cc'ed the guy who proofed it an
04	when I come back.	120 messages to <b>go over</b> in ol' 7 (7, we hardly knew ye), and another
05	He has speech writers don't they	<b>go over</b> the speeches? Is there someone to tell him th
06	(contests) was that it would	take so long to <b>go over</b> a card and choose. The other was that after 9-11,
07	listened to and remembered upthread, so no need to <b>go over</b>	that. But I just need to be clear
08	p ol' glowy eyes what gave	Spike his soul and <b>go over</b> the terms of the contract. At least with Angel

09	league calls a "cinema verité " style. Famous for <b>going over</b> and over her tape recordings on the campaign plan
10	ally approve. I've been been mentally <b>going over</b> the earlier Biblical parallel (and please ple
11	him or taken away. Accounting! Angel, <b>going over</b> Fred's budget, now that showed the potential
12	nny lines, which made me hopeful that Joss is <b>going over</b> the scripts again.
13	Access Hollywood last Tuesday, and they were <b>going over</b> the premieres for that night, and they didn't
14	I'm just <b>going over</b> questions for my students, trying to choose
15	se inspector will spend 2 or 3 hours with you <b>going over</b> every single room, floor, basement, roof, infrast
16	t with the realtor on Friday, and we'll start <b>going over</b> what I'm looking for in a house. I'm one part
17	Their common ground was policy. They spent hours <b>going over</b> Reich's ideas, Clinton's programs. And they seeme
18	onsulted with offensive coordinator Chris Palmer, <b>going over</b> flip charts and talking over decisions he made.

19	ng when they could. ... And I'll also say, having <b>gone over</b> the list and having read through it this weekend,
20	ten than once a week, a piece of writing which is <b>gone over</b> carefully for usage and grammar to ensure a compa

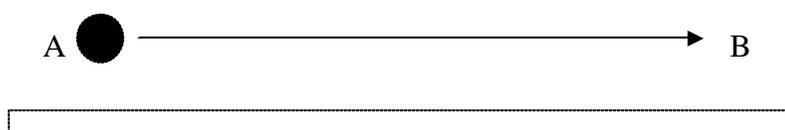
**Linhas de concordância 25: Exemplos de ‘go over’ retirados dos diretórios *written1* e *written2*.**

Como se pode observar nas linhas de concordância acima, em alguns exemplos o ‘sentido de inspeção’ expresso pela partícula na VPC ‘*go over*’ se refere a objetos concretos, como, por exemplo, nas linhas 08 em ‘*go over the terms of the contract*’ (‘analisar os termos do contrato’), 12, ‘*going over the scripts*’ (‘dando uma olhada nos scripts’), e 15, ‘*going over every single room*’ (‘examinando todos os quartos’). Contudo, em outros exemplos, percebe-se o emprego de ‘*go over*’ referindo-se à análise de assuntos (‘*issues*’ na linha 01) ou idéias (‘*Reich’s ideas*’ linha 17).

### Sentido de deslocamento

Encerrando essa análise da partícula ‘*over*’, propõe-se um sentido que foi verificado durante a análise, que não se enquadra nos sentidos propostos pelos autores (ibid.). Vale destacar que o sentido proposto aqui, que será referido como ‘sentido de deslocamento’, apresenta algumas características em comum com a noção de trajetória A-B-C, mas, nesse caso, a TR não passa acima da LM como em tal trajetória<sup>215</sup>.

De acordo com a discussão apresentada sobre a trajetória A-B-C, o ponto B pode representar um momento em que se está vencendo um obstáculo, uma vez que na figura 23 (p. 126), a LM pode representar um obstáculo, conforme já discutido. No ‘sentido de deslocamento, da mesma forma que a TR não passa acima da LM em um momento específico, não há um obstáculo. Propõe-se, então, uma cena espacial de trajetória de um ponto A até um ponto B sem obstáculos.



**Figura 31: ‘Sentido de deslocamento’.**

Como se pode observar na figura acima, ao invés de agir como um obstáculo, a LM representa na cena a trajetória em si, o percurso. Sendo assim, não há necessidade de se

<sup>215</sup> Ver figura 23 (p. 126).

incluir um terceiro ponto no percurso e pode-se afirmar que a contribuição da partícula ‘*over*’ está relacionada à ênfase na trajetória e não ao produto final de tal trajetória. A LM está pontilhada, nesse caso, por também fazer referência a trajetórias metafóricas, como, por exemplo, nas linhas 10 e 12 abaixo. As linhas de concordância abaixo mostram exemplos de ‘*go over*’ com o ‘sentido de deslocamento’.

01 a roommate like that- needed an hour's notice to **go over** to the empty dining hall for coffee.  
 02 coming from your crotch? I think I need to **go over** to the costume shop and find a dance belt.  
 03 ut and I want her to know about it. I think I **go over** to her apartment, which is part of a futurist  
 04 nd. If it was at all sunny, I'd at very least **go over** to watch, possibly wearing my bowtie. (Our ve  
 05 Well, River would just take a p-suit and **go over** to Angelus' ship and haunt him as he tore abo

06 gesture. And he wanted to be away from him. "I'm **going over** to my mum's to go to the funeral with all of them  
 07 they like her. Sometimes Xmas is Dad **going over** to Mom's and the three of us opening presents  
 08 ING HERE! I'm **going over** to DavidS' house for dinner. Nah, not really.

09 he fact that a B&W scientist, Jeffrey Wigand, had **gone over** to the other side. The new information to be glea  
 10 the Republican Party), paints Buchanan as having **gone over** to the dark side: He's "a representative of one o

11 ckness). I brought her some ginger tea when I **went over** to clean her catboxes, and she called me about  
 12 box). After that, I kinda lost track. Once I **went over** to the dark side of the Force Windows, they a  
 13 was standing in the hall, but Peter Krause. My BF **went over** and asked if I could introduce someone, and so  
 14 well, Nancy's not home right now, I think she **went over** to her uncle's place" and patch Mom to the uncle

15 nd who gets out his old service revolver and **goes over** to ex-girlfriend's house, or your convicted-felon ne

#### Linhas de concordância 26: Exemplos de ‘*go over*’ retirados do diretório *written1*.

Percebe-se acima, que o significado de ‘*go over*’ está sempre relacionado com o deslocamento de um ponto a outro, mesmo que a trajetória tenha um sentido figurado. Em apenas um caso a VPC não vem seguida da partícula ‘*to*’ (linha 13), embora nem sempre tal partícula tenha a mesma função. Em alguns casos, como, por exemplo, nas linhas 01, 02 e 03, ‘*to*’ tem uma função direcional indicando o ponto B, para onde a TR está a se deslocar. Em outros casos, ‘*to*’ indica a finalidade de tal deslocamento, como, por exemplo, na linha 04, em ‘*go over to watch*’ (‘ir até lá para assistir’) – o mesmo ocorre na linha 11. Por fim, em alguns casos, é possível ter as duas funções da partícula ‘*to*’ em uma mesma frase, como, por exemplo, na linha 06.

Outro aspecto importante é sobre o ponto de vista. Ao se observar a existência de ocorrências do mesmo sentido com o verbo *'come over'*, percebeu-se que o ponto de vista era inverso, ou seja, ao invés de 'ir até', tem-se 'vir até', o que evidencia a contribuição semântica do verbo. Outra constatação é que aparentemente não há diferença alguma em dizer *'he is coming tomorrow'* ou *'he is coming over tomorrow'* (ambas as frases podendo ser traduzidas por 'ele está vindo amanhã'). Porém, o uso de *'over'* parece estar associado à ênfase no deslocamento e não no produto final de tal deslocamento, sugerindo ser uma breve visita ou uma estada mais longa. Abaixo estão exemplos de concordância com a VPC *'come over'*.

01 car on the edge of the road. He got out and **came over** to Doug's car parked in the drive. The look of impat  
 02 interruptions from people who knew Aziz and **came over** to say hello. Having taught in Manzala since his own  
 03 g, but then he softened, thank the Lord, and **came over** to me. "Make an appointment and I'll take him in," h  
 04 etween the last course and dessert. A waiter **came over** to us and called me to the phone, indicating that I  
 05 for you." "I couldn't believe he was here. I **came over** to you guys not knowing what to expect. I thought ma  
 06 t six feet from Zercher's jump seat--Clinton **came over** to talk. He laid his head on Zercher's shoulder, ask  
 07 e but she never did. What was worse, she did **come over** to the Baked Goods table when I had gone to the bath

08 I am also watching LMPTM. I **come over** to the computer on a commercial, and I find that  
 09 kman as the person I'd most like to have **come over** to my house and read to me by the firelight. A l  
 10 That's a conundrum. I recommend that you **come over** to my house, we'll watch rare videos and eat gi  
 11 and steal her boxes, having Kat and Lori **come over** to get camping stuff and my computer and whatever el  
 12 the shit list, because I'll then have to **come over** to your house and poke your behind with sharp o  
 13 premises.) One person in particular always **comes over** to talk while loudly snacking on potato chips and ot

14 ing now. My Angel watching co-workers keep **coming over** to my desk and just going "I Do NOT Have Puppet  
 15 ar effect.) This will encourage the people **coming over** to bring their own damn snacks next time.  
 16 nd I will most likely tape, as Eric is **coming over** to help us break in the new Playstation.  
 17 oday. A friend of mine was planning on **coming over** to use my computer – I wonder if she'll be up to it

**Linhas de concordância 27: Exemplos de *'come over'* retirados do diretório *written1*.**

Nas linhas de concordância acima, novamente têm-se ocorrências onde a partícula *'to'* ou indica o ponto B da trajetória, como, por exemplo, nas linhas 01, 03 e 04, ou a finalidade, como se pode observar nas linhas 02 e 06. Outro aspecto interessante é que, nas ocorrências com *'come over'*, houve casos onde o ponto B eram pessoas e não locais, diferentemente do que se pode observar nas linhas de concordância com *'go over'* (p. 141), cujo ponto B era sempre um local, exceto na linha 13 onde não há o uso da partícula *'to'*.

Das cinco VPCs selecionadas, *'take over'* e *'get over'* também se enquadram no 'sentido de deslocamento'. Nas linhas de concordância abaixo estão exemplos dessas VPCs com tal sentido.

01	<Adds Buffy S4 DVDs to list of things to <b>take over</b> to daughter's house tomorrow.>	Thank
02	iousness thing this AM. I want to <b>take</b> my car <b>over</b> to get inspected (only three months late) and still	
03	r doing so? This thread? Should I maybe <b>take this over</b> to B'crazy?	Not

04	son -- with Kenny working afternoons, I might <b>get over</b> more often. I miss you! Mwah!	
05	this disk location.' " "Hang on a sec, let me <b>get over</b> to my terminal." While Lance connected himself to hi	
06	rates charged by Elite Models. And try to <b>get one over</b> to the house: Sheesh! Like you're a criminal for ask	
07	then I had to go run off right at five to <b>get over</b> to the theatre to meet my friend Greer, who had the	

**Linhas de concordância 28: Exemplos de *'take over'* e *'get over'* retirados do diretório *written1*.**

Como se pode observar as VPCs *'take over'* e *'get over'* também são usadas para descrever o deslocamento de um objeto de um ponto A até um ponto B. No caso de *'take over'*, nota-se não apenas a contribuição semântica do verbo, uma vez que um dos significados primários<sup>216</sup> de *'take'* é 'levar', como também da partícula, com a atribuição do 'sentido de deslocamento'.

Do mesmo modo que com *'go over'* e *'come over'*, percebe-se que, mesmo removendo a partícula das concordâncias, o significado total não se altera de maneira significativa. No entanto, acredita-se que, ao se utilizar a partícula, está se dando ênfase ao deslocamento. Portanto, vale lembrar também que, conforme discutido no capítulo de fundamentação teórica, acredita-se que haja graus de contribuição dos constituintes de uma VPC, o que está em sintonia com o conceito de composicionalidade parcial<sup>217</sup> proposto por Langacker (1987). Em outras palavras, acredita-se que, mesmo que a contribuição de *'over'* não seja marcante no significado total das VPCs relacionadas com o 'sentido de deslocamento', podendo ser excluída da combinação sem causar grandes mudanças no significado total, existe um padrão frequente de uso cuja participação da partícula é recorrente

<sup>216</sup> A idéia aqui não é discutir o significado prototípico de *'take'*, especialmente porque tal verbo é considerado um verbo leve e, conseqüentemente, em muitos casos, não tem um significado pronunciado. Acredita-se, embora não isso não faça parte do objetivo desse trabalho, que o significado mais prototípico de *'take'* seja 'pegar', mesmo assim, 'levar' também seria um dos significados primários, ou seja, mais comumente associados a tal verbo.

<sup>217</sup> Ver seção '1.2.3 Composicionalidade Semântica'.

em VPCs utilizadas para descrever o deslocamento de um ponto a outro, seja ele de pessoas ou objetos físicos.

No caso de *'get over'*, percebe-se que, em alguns casos, como, por exemplo, na linha 05, a VPC poderia ser substituída por *'go over'* e, em outros, como na linha 06, por *'take over'*, sem alterar o significado total. Tal constatação, de certo modo, se opõe à idéia de que a contribuição da partícula não é marcante e que só o verbo contribui para o significado total, corroborando com a noção de que *'over'* é essencial para estabelecer uma ênfase no deslocamento, conforme proposto anteriormente.

Em suma, vale ressaltar que, da mesma forma que a partícula *'out'*, *'over'* está presente nas VPCs contribuindo semanticamente para o significado total delas através de diferentes sentidos e com diferentes graus de participação. Na próxima seção serão apresentadas as VPCs com a partícula *'away'*.

### 3.4 A SEMÂNTICA DAS VPCS COM A PARTÍCULA *AWAY*

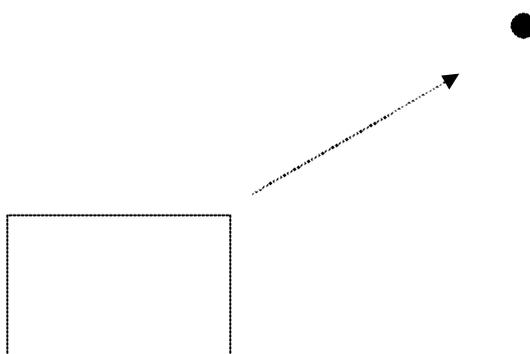
Embora existam outras partículas bem mais freqüentes na língua como um *todo*<sup>218</sup>, *'away'* está entre as seis mais freqüentes nas VPCs (cf. Villavicêncio, 2003a), o que significa que tal partícula é proporcionalmente mais freqüente e especialmente representativa em relação a elas. É importante ressaltar que, nesta seção, serão apresentados diferentes sentidos para a partícula *'away'* que foram formulados a partir da observação dos dados e nenhum estudo com tal partícula foi usado como base. Mesmo assim, os mesmos passos das seções acima (sobre *'out'* e *'over'*) foram seguidos.

---

<sup>218</sup> Ver tabelas 5 e 6 no segundo capítulo.

### 3.4.1 Significado Prototípico de AWAY

O primeiro significado da partícula *'away'* que vem à mente é de 'estar distante', 'estar longe'. Acredita-se que esse seja o significado mais prototípico da partícula. Para representar tal idéia, foi formulada a seguinte proto-cena:



**Figura 32: Proto-cena da partícula *'away'*.**

Como se pode observar na figura acima, a TR está distante da LM. Nos diferentes sentidos de *'away'*, o ponto de vista pode partir tanto da LM (ou seja, interno) ou da TR (ou seja, externo). Em alguns casos, conforme os sentidos descritos a seguir, a LM pode ser abstrata, por isso a LM é pontilhada na proto-cena acima. Além disso, a partícula *'away'* pode ser usada para se referir tanto a um estado, como, por exemplo, em *'he is away from home'* ('ele está longe de casa'), como também a uma ação, como, por exemplo, em *'he walked away from home'* ('ele se afastou de casa'). Por isso a seta da proto-cena é pontilhada servindo ou para indicar a distância, no caso de estar se referindo a um estado, ou o ato de se distanciar, no caso de uma ação.

Por fim, vale lembrar que a proto-cena de *'away'*, da mesma forma que as outras apresentadas anteriormente (*'out'* e *'over'*), está fortemente associada aos sentidos verificados para a partícula através das VPCs selecionadas para análise.

### 3.4.2 Outros Significados de AWAY

Observaram-se quatro diferentes sentidos para a partícula ‘*away*’ através do estudo das cinco VPCs selecionadas. Vale lembrar que a proto-cena e os quatro sentidos verificados foram formulados a partir da observação de ocorrências das VPCs selecionadas no ANC. As descrições desses sentidos serão apresentadas a seguir.

#### Sentido de afastamento

O ‘sentido de afastamento’ é um dos sentidos mais prototípicos da partícula e remete diretamente à proto-cena proposta acima. A TR, nesse caso, se afasta da LM no intuito de sair de uma situação difícil ou até mesmo, em alguns casos, desfrutar de férias. A LM, nesse sentido, pode representar um local em que a TR passa grande parte do seu tempo, como seu lar ou seu local de trabalho, mas pode também representar um local onde a TR estava antes de se mover, no caso da descrição de ações mais concretas.

Duas VPCs analisadas (‘*get away*’ e ‘*go away*’) se enquadram nesse sentido. Ambas as VPCs são usadas de maneira concreta e figurativa. Nas linhas de concordância abaixo estão exemplos de ‘*get away*’ e ‘*go away*’, onde a partícula contribui com o ‘sentido de afastamento’.

01	a again, and then only for a weekend when I could <b>get away</b> from my work. It was mid-August, and the last tra
02	showered blessings on me again. I kept trying to <b>get away</b> , to make her cut them short, as if each blessing
03	completely stone ‘dog tired,’ so he just wants to <b>get away</b> from it all. Saturdays and Sundays the family sp

04	some experience in national politics. And then he <b>got away</b> for a while ... which is sometimes very helpful." A
05	e appearance of the moon that began the ordeal. I <b>got away</b> to Rabat where cooler weather and the presence of
06	hing at the beginning that hurt her, but that had <b>got away</b> from him before he could try to figure it out, an
07	ys that one of the first people she saw after she <b>got away</b> from the president was then -Secretary of the Trea

08	that come with being white in order to make them <b>go away</b> . The minnesota review 's current issue is titled
09	leaders wish the impeachment hearings would just <b>go away</b> , particularly because the lunatic fringe of the p
10	ight be sufficient; or (3) the whole thing should <b>go away</b> right now. You are permitted to weave variations
11	er; or he could ignore the bell and hope it would <b>go away</b> . He put down his suitcase and looked at the entry
12	at which point he embraced it loudly and made it <b>go away</b> . His true love was computers; his wife took it as
13	them a ‘writeup,’ whatever that is, they’ll just <b>go away</b> happy? I mean, don’t you think we should be conce
14	ll of intense aching pain inside you that doesn’t <b>go away</b> ." "That describes what it is pretty well." "So le

15	tique	Kausfiles.com <b>went away</b> for a few days, and missed a Joe Klein swoon. This ti
16		Cindy, I grew up here, <b>went away</b> for 13 years or so, and have been here almost 7 y

17		le began to talk. ``I am sorry zat ze student has <b>gone away</b> , I wanted to ask him about ze university -- I am
18		ced, and his stomach knotted. The problem had not <b>gone away</b> . The pile of wrinkled, musty clothes expressed it
19		colate syrup are very late-'80s, but they haven't <b>gone away</b> . Only yesterday one appeared on my plate.
20		80s. And the fact, as you note, that they haven't <b>gone away</b> supports another of my theories--that the '80s th

**Linhas de concordância 29: Exemplos de ‘get away’ e ‘go away’ retirados do diretório *written1*.**

Nota-se que há exemplos onde o significado total da VPC é concreto, como na linha 17 em *‘the student has gone away’* (‘o aluno já se foi’, ou seja, ‘foi embora’) e exemplos onde o significado total é figurativo, como na linha 18 em *‘the problem had not gone away’* (‘o problema não havia ido embora’, ou seja, ‘ainda existia’). Em alguns casos, como, por exemplo, nas linhas 01, 03, 04 e 05, o significado total da VPC está associado a ‘afastar-se’, no sentido de ‘sair da rotina’, ‘tirar férias’, ou, no caso da linha 05, ‘refugiar-se em um local mais agradável’.

Em alguns casos, como, por exemplo, nas linhas 11 e 13, o significado total pode ser traduzido simplesmente por ‘ir embora’, já em outras concordâncias, como nas linhas 19 e 20, o significado é mais metafórico, podendo ser traduzido por ‘desaparecer’.

Em suma, o significado total da VPC pode ser mais ou menos metafórico, porém o ‘sentido de afastamento’ está sempre evidente na contribuição dada pela partícula para o todo.

**Sentido de abandono**

No ‘sentido de abandono’, a TR que em um primeiro momento estava sob o domínio da LM é afastada dela. Esse sentido está associado à idéia de entregar algo para alguém ou como forma de doação ou quando a TR representa informação importante para outra entidade envolvida. Com base nessa definição e nas concordâncias observadas, formulou-se então a seguinte cena espacial:

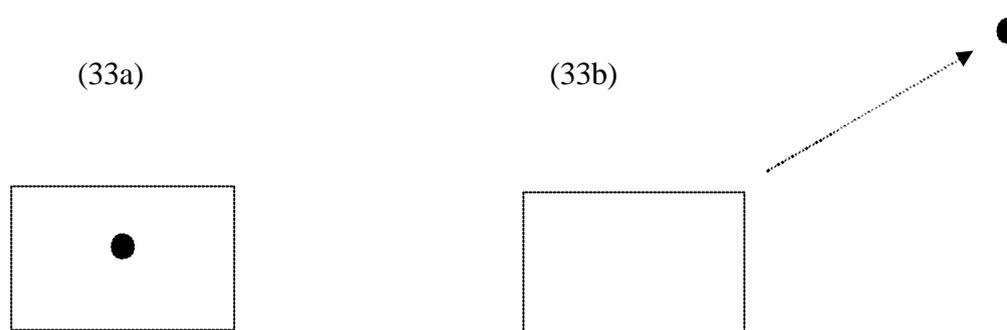


Figura 33: ‘Sentido de abandono’.

Na cena espacial acima, em um primeiro momento a TR está dentro da área de domínio (ou comando) da LM para, em seguida, ser afastada (ou abandonada<sup>219</sup>) dela. A VPC ‘*give away*’ se enquadra nesse sentido, uma vez que pode significar ‘doar’, ‘dar’ (no sentido de ‘se desfazer’) e também ‘entregar’ (no sentido de ‘entregar o jogo’, ‘dar informações importantes para o inimigo’). Nas linhas de concordância abaixo estão exemplos de ‘*give away*’ onde a partícula contribui com o ‘sentido de abandono’.

01 Netscape did not. When you note that AOL will not **give away** free what it used to charge for, I would point ou  
 02 her in Episode 3, which for once I'm not going to **give away**. Suffice it to say that she might not be an unbea  
 03 KEAs? The Stockholm Saunas? Who? And what do they **give away** at halftime--snow-blowers?) And did you see yeste  
 04 t fish in the biggest pond. Why on earth would he **give away** precious information that might help Clinton wrig  
 05 U.S. warmongers had warned that Annan would **give away** the store to appease Saddam Hussein. But the soft  
 06 And it may even be working. Last year you had to **give away** \$5 million to make the list. This year it took \$1  
 07 ating him in sin. He overcame this fear enough to **give away** billions (more by far than even Andrew Carnegie)  
 08 rance. ... I am so constituted as to be unable to **give away** money with any satisfaction until I have made the

09 p it to myself. In fact, I'd probably **give it away**. but, ita, cheeto  
 10 ion of what it would cost to enforce the CDA) and **give it away** to parents. Could this be the "less restrictive a

11 record. From 1994 to 1998, the multi-billionaire **gave away** only \$475,642. Even the Gambino crime family give  
 12 at (and may have done it on a cassette that I **gave away** years ago). I just bought (last week!) the fi  
 13 ss-reliever, as is kneading dough by hand. We **gave away** our stand mixer, we don't bake. We have variety o  
 14 romised America's Middle East operations, he also **gave away** tons of American classified data about the Sovie

15 The WB website blurb for Season 4 even **gave it away**. Back from dropping off Jillie. Soon,  
 16 e, and I can't find my Clash shirt, so I probably **gave it away** or lost it in a move, and between that and OB

**Linhas de concordância 30: Exemplos de ‘*give away*’ retirados do diretório *written1*.**

<sup>219</sup> Por isso o nome do sentido.

Nas linhas de concordância acima há casos em que o significado total pode ser traduzido como ‘doar’, como, por exemplo, nas linhas 11 e 13, ou como ‘se desfazer’ (linhas 05 e 06), ou ‘dar’ (linha 01) ou ainda ‘entregar’ (linhas 04 e 14). Percebe-se que, mesmo havendo casos onde o significado total é mais metafórico, as contribuições da partícula e do verbo estão presentes em todos os casos. Além disso, ‘*give away*’ é uma VPC transparente, uma vez que o significado mais prototípico de ‘*give*’ é ‘dar’ e tal significado está claramente associado à idéia de doação e repasse de informações importantes.

Vale frisar ainda que, embora na figura acima (figura 33) a TR tenha partido de dentro da LM, esta idéia de ‘estar dentro’ não deve ser associada ao ‘sentido de contenção’ discutido na seção referente à partícula ‘*out*’. Na verdade, a cena espacial proposta tem por objetivo representar o fato de que a TR, em um primeiro momento, ou seja, antes de se afastar (ou ser afastada) da LM, estava ao alcance (ou sob o domínio) da LM e não necessariamente dentro dela.

### Sentido de fuga

No ‘sentido de fuga’, a TR também se afasta da LM, entretanto, nesse sentido, a TR representa uma entidade física que está a fugir da LM ou para evitar uma situação complicada ou para safar-se de uma punição severa. Outro aspecto relevante é que no ‘sentido de fuga’ a TR tem a intenção de fugir, de evitar problemas.

Duas VPCs analisadas (‘*walk away*’ e ‘*get away*’) se enquadram nesse sentido. Ambas as VPCs são usadas de maneira concreta e figurativa. Como se pode observar nas linhas de concordância abaixo, em muitos casos, a VPC ‘*walk away*’ vem seguida de ‘*from*’, especialmente quando seu significado total é mais metafórico e ‘*get away*’ vem seguida de ‘*with*’, quando seu significado total está associado a ‘safar-se’ ou ‘fugir impune’. Abaixo estão linhas de concordância onde a partícula contribui com o ‘sentido de fuga’.

01	and I don't have any control over them. What if I <b>walk away</b> from meeting her thinking that she was right to g
02	to address the question: Can Minnesota's governor <b>walk away</b> from his controversial comments? I wasn't taking
03	d it and why he doesn't get up from the table and <b>walk away</b> always remain unexplained. Let's face it. If you

04	inda,” I said. The nun just looked at me, and she <b>walked away</b> . I stood at the window looking at the sleeping ba
05	.” “Very well then. Shall we go?” He stood up and <b>walked away</b> alone down the hallway. I was in a quandary about
06	termed it a huge win for House Republicans, "who <b>walked away</b> with a disturbingly large share of what they want

07	port continued and we learned that the victim had <b>walked away</b> , the meaning changed to 'no one to be helped.'
08	the continuing non-response, was on the verge of <b>walking away</b> . Then a voice from behind her and seemingly high
09	normally felt it; he was only a shell with legs, <b>walking away</b> down the shadowy, deserted, cobbled street. Even
10	Guy said, steadying his hand by shaking hers and <b>walking away</b> quickly east on St. Katherine's Way. He felt the
11	to take care of her widowed father, Amy wants to <b>get away</b> from life with her ex-husband.) Both have long b
12	ions, the little fish get caught and the big fish <b>get away</b> . (1/8/99) <span style="float: right;">There were n</span>
13	open convertible with her lesbian lover? And she <b>got away</b> with it? Isn't that kind of... wild?? )
14	least, we hope to make this a tradition, and have <b>got away</b> with it for two summers so far.) We will, of cour
15	sume, with Lewinsky and others, it's a miracle he <b>got away</b> with it this long. Changing the sexual-harrassmen
16	e time after the Inauguration, Clinton might have <b>got away</b> with getting rid of her while he was replacing ot
17	the 80 percent of white Americans who think O.J. <b>got away</b> with murder, when in fact some of us are in the 5
18	eneral consensus is that, since 1992, Clinton has <b>got away</b> with murder--on draft dodging, Gennifer Flowers,

**Linhas de concordância 31: Exemplos de 'walk away' e 'get away' retirados do diretório *written1*.**

Como se pode observar, o significado total varia, podendo ser mais ou menos metafórico. Na linha 12, por exemplo, 'get away' significa 'fugir' ('escapar'), enquanto das linhas 13 até 18, a VPC 'get away' vem seguida de 'with' + objeto, onde o significado total é mais metafórico. 'Get away with' dá a idéia de impunidade ('safar-se impune'), o que pode ser observado nas concordâncias onde o nome do ex-presidente americano Bill Clinton<sup>220</sup> está presente (linhas 15, 16 e 18).

No caso de 'walk away', pode-se afirmar que também há casos onde o significado total é mais metafórico, como, por exemplo, nas linhas 01 e 02, mas que, em outros casos, como nas linhas 03, 04 e 05, o significado é mais concreto. O verbo 'walk', quando não está formando uma VPC, tem um significado prototípico relacionado a um movimento físico do corpo ('caminhar'), que está presente juntamente com o 'sentido de fuga' da partícula, uma vez que a fuga envolve locomoção. Por outro lado, o verbo 'get', que é um verbo leve, parece não ter uma contribuição marcada na VPC 'get away'. Isso ocorre uma vez que não é possível estabelecer um significado prototípico para o verbo quando ele não está formando a VPC, podendo lhe ser atribuídos inúmeros significados.

<sup>220</sup> No caso da concordância da linha 15, Lewinsky (de Monica Lewinsky) evidencia que 'he' se refere ao ex-presidente.

## Sentido de remoção

Finalmente, há o ‘sentido de remoção’, onde a TR é retirada do comando ou alcance da LM. Do mesmo modo que nos outros sentidos, a idéia de remoção remete à proto-cena proposta para ‘away’, já que ‘remover’ algo (ou ‘retirar’) implica ‘afastar’, ‘distanciar’, ‘fazer desaparecer’. Duas das VPCs selecionadas para essa análise se enquadram nesse sentido: ‘take away’ e ‘get away’. Ambas as VPCs são separáveis e podem ser seguidas de ‘from’, que, quando presente, indica a LM, ou seja, em ‘take her away from the stadium’ (linha 04 abaixo), a LM é o estádio (‘stadium’) e a TR uma mulher (‘her’).

No caso de ‘get away’, em todos os casos em que a partícula contribui com o ‘sentido de remoção’, a VPC vem sempre com um pronome intercalando o verbo e a partícula, uma vez que de outra forma ‘get away’ significaria ‘fugir’ ou ‘afastar-se’ e não ‘remover’. Além disso, não há ocorrências na voz passiva no caso de exemplos do ‘sentido de remoção’.

Nas linhas de concordância abaixo estão exemplos de ‘take away’ e ‘get away’ retirados do diretório *written1* do ANC.

01	lieu of speaking aloud and, when anyone tries to <b>take it away</b> , screams so shrilly that he shatters glass all ar
02	oss always gives you what you want, so he can <b>take it away</b> later. Meanie. Wi
03	needs to come over and unplug my computer and <b>take it away</b> from me. I've been playing Bookworm instead of PI
04	away the stretcher to where a cab was coming to <b>take her away</b> from the stadium. The TV lights were still in Jo
05	or at night, or whatever the fuck. Easier to <b>take her away</b> and raise her somewhere else, and not wreak h
06	y regain his memories and then plead with them to <b>take him away</b> from the horror of endless sunny picnics and
07	Teavee gets shrunk in the TV experiment, and they <b>take him away</b> to be stretched in the taffy machine, and als
08	Angel fighting Lindsey's wife to <b>take him away</b> ! Hee. Cellar is i

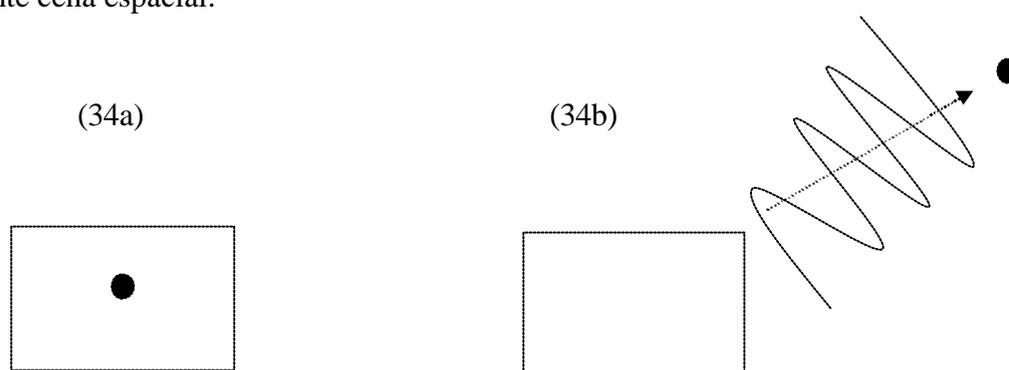
09	confront this situation. If my children are to be <b>taken away</b> from me by this evil, it's not going to be without a f
10	to this letter was to wonder if the cat could be <b>taken away</b> from such an indifferent owner. My second was to admir
11	ry hath chosen that good part, which shall not be <b>taken away</b> from her" [Luke 10:38-42]. Thus "Mary" represents inte

12	Iso, John had a shiny orange gun, and Vivian <b>took it away</b> from him. Get a car, Al
13	ral homeless money earmarked for New York, <b>taking it away</b> from the mayor. Cuomo's rationale? A fede

14	s pulling the router toward himself, as if to <b>get it away</b> from Harold, and Harold's hands were still on the cont
15	you've been having some difficulty trying to <b>get it away</b> from these yuppies running it now, and I might be able

**Linhas de concordância 32: Exemplos de ‘take away’ e ‘get away’ retirados do diretório *written1*.**

Como se pode observar, a contribuição da partícula ‘*away*’ com o ‘sentido de remoção’ fica evidente nas duas VPCs. O significado total das VPCs remete à proto-cena proposta na figura 32, ou até mesmo, a noção de abandono (ou descarte) representada pela figura 33. Porém, nesse caso, a TR é removida ou retirada por uma entidade física que exerce o poder sobre a TR e o ponto de vista é externo. Para representar tal noção, propõe-se então a seguinte cena espacial:



**Figura 34: ‘Sentido de remoção’.**

No primeiro momento (34a) a TR está sob o domínio ou ao alcance da LM (não necessariamente dentro dela), enquanto no segundo momento (34b) a TR já está afastada, após ter sido removida, da LM. A linha curva pontilhada representa então o poder exercido para ‘remover’ e a seta pontilhada representa a trajetória percorrida pela TR ao ser afastada da LM.

Por fim, pode-se afirmar que a contribuição semântica da partícula ‘*away*’ nas VPCs selecionadas (*i.e.* ‘*take away*’, ‘*get away*’, ‘*go away*’, ‘*give away*’ e ‘*walk away*’) é sempre marcante e que os resultados sugerem a existência de uma relação entre os sentidos propostos e a proto-cena. Além disso, pode-se concluir que as partículas contribuem invariavelmente para o significado total das VPCs e que suas contribuições (ou sentidos da partícula) podem ser ilustradas através de cenas espaciais, conforme demonstrado na presente análise.

Este capítulo apresentou a análise e discussão dos dados, fazendo uma apreciação crítica a partir das questões teóricas apresentadas no primeiro capítulo. A seguir faz-se um fechamento do trabalho com as Considerações Finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário, por fim, apresentar um fechamento do trabalho, retomando os pontos principais do trabalho, apontando limitações e fazendo sugestões para futuras pesquisas. Além disso, cabe aqui estabelecer algumas conclusões com relação ao tema abordado, discutindo as questões norteadoras propostas na introdução do trabalho.

Conforme dito na Introdução, as VPCs são estruturas semanticamente complexas que parecem não se enquadrar em regras lógicas e homogêneas. Estudos prévios sobre as VPCs, como, por exemplo, Fraser (1976), não se ocuparam com esses aspectos, relegando tais construções ao léxico como arbitrárias. Em outras palavras, pode-se afirmar que as abordagens gerativas não atribuem a importância devida à contribuição semântica das partículas nas VPCs e, então, esbarram na falta de regularidade sintática e na impossibilidade de formular regras totalmente produtivas.

Além disso, ao não considerar as extensões de significado das partículas, esses estudos acabavam por não atribuir nenhuma importância à semântica das partículas para o significado total das VPCs. Assim como outras estruturas consideradas semanticamente inalisáveis<sup>221</sup>, as VPCs eram ignoradas por apresentarem características que não as enquadravam em regras totalmente produtivas que dessem conta de sua estrutura e, por outro lado, por conterem mais que uma palavra, não compartilham as mesmas características de itens lexicais prototípicos, ou seja, de um item só.

A pesquisa descrita aqui teve como objetivo justamente focar uma área central nesta problemática, que é a contribuição semântica das partículas para o significado das VPCs. Para tanto, a pesquisa encontrou suporte teórico na Gramática Cognitiva (Langacker, 1987 e Lindner, 1981) e na Linguística Cognitiva (Tyler e Evans, 2003). Tais teorias estão voltadas

---

<sup>221</sup> Ver seção '1.2.2 Multiword Expressions'.

para temas comumente negligenciados considerando a linguagem figurada (cf. Langacker, 1987) como um fenômeno natural e esperado, diferentemente de outras teorias, que se detêm apenas em estruturas palpáveis e previsíveis.

Além da Gramática Cognitiva e da Lingüística Cognitiva, o projeto fundamentou-se na Lingüística de Corpus (LC). A LC é uma área que vê a linguagem como sistema probabilístico e também permite fundamentar a análise em dados empíricos. A metodologia empregada na pesquisa se utilizou de ferramentas da LC em dois momentos: na seleção das VPCs a serem analisadas e na coleta das linhas de concordância. O uso de um concordanciador permitiu basear a escolha das VPCs selecionadas para análise em critérios de frequência e representatividade. Além disso, sem o concordanciador não teria sido possível coletar as linhas de concordância utilizadas na análise.

A análise se valeu, então, principalmente do conceito de esquemas imagéticos que permitiram fazer relações entre significados mais prototípicos das partículas e outros significados (ou sentidos) atribuídos às partículas quando elas estão presentes nas VPCs. Os estudos de Lindner (1981) e Tyler e Evans (2003) serviram de base para as análises das partículas *'out'* e *'over'*. Já a partícula *'away'* foi analisada sem ter como base nenhum estudo similar – sendo, portanto, o maior desafio do presente trabalho.

Ainda na introdução foram propostas cinco questões norteadoras que motivaram a pesquisa. A seguir será apresentada uma discussão na tentativa de responder essas questões com base nos resultados da pesquisa.

**Questão 1: Em que medida cada um dos constituintes que compõem as VPCs contribuem para a composição do seu significado total?**

Essa questão já começa a ter sua resposta delineada ainda no capítulo de fundamentação teórica, onde o conceito de composicionalidade semântica é discutido. Nunberg, Sag e Wasow (1994), por exemplo, ao estudar as expressões idiomáticas, afirmam que o significado delas não é previsível somente levando em conta o significado de suas partes quando elas ocorrem isoladas umas das outras. Porém, os autores (ibid.) defendem que as expressões idiomáticas apresentam significados metafóricos que, em muitos casos, podem ser associados aos seus constituintes, mesmo que não ocorram quando eles estão isolados.

Langacker (1987) defende a composicionalidade parcial para estruturas complexas. Segundo o autor, muitas vezes o significado total de uma estrutura composta por mais de uma palavra pode possuir um conteúdo maior do que aquele herdado dos seus constituintes. Em outras palavras, pode ocorrer a extensão de significado dos constituintes dessas construções.

Nas VPCs, ocorre algo semelhante, ou seja, embora seus constituintes contribuam invariavelmente na composição do significado total, em alguns casos, observou-se que há extensões no significado tanto dos verbos como das partículas. Por exemplo, na VPC *'take over'*, que significa 'assumir o controle', é possível perceber a contribuição do verbo, que dá a idéia de 'tomada', e também da partícula 'over', que está associada a 'controle', 'poder'. Os significados metafóricos se originam dos significados prototípicos, qual seja, 'pegar' é o significado prototípico de *'take'* e 'estar acima' o significado prototípico de *'over'*.

Conclui-se, então, que existe composicionalidade semântica nas VPCs, uma vez que o seu significado total é formado a partir da contribuição de ambos os constituintes, mesmo que, por vezes, tais contribuições tenham origem em significados mais metafóricos tanto do verbo quanto da partícula.

**Questão 2: Se existe composicionalidade semântica nas VPCs, como se pode caracterizar a contribuição semântica das partículas nas VPCs?**

A contribuição semântica das partículas nas VPCs está associada a significados metafóricos que se originam em experiências físico-espaciais que os humanos vivenciam no mundo. Esses significados metafóricos estão relacionados aos significados prototípicos das partículas, ou seja, *'out'* remete à idéia de 'estar fora', *'over'* à idéia de 'estar acima' e *'away'* à 'estar distante' e podem ser representados através de esquemas imagéticos. Conforme se verificou nas três análises feitas, a contribuição semântica das partículas nas VPCs (mesmo quando carregada de significado metafórico) está sempre, de alguma forma, associada ao seu significado prototípico.

As extensões de significado apresentadas pelas partículas podem ser caracterizadas através de cenas espaciais que ilustram seus significados metafóricos. Percebe-se que existem padrões de significação nas partículas que permitem estabelecer uma classificação em grupos,

esses padrões são referidos por Tyler e Evans (2003) como ‘sentidos’ (*senses*). Tais sentidos e suas respectivas descrições são uma maneira de caracterizar a contribuição semântica das partículas nas VPCs.

No caso de partículas espaciais como *‘out’*, *‘over’* e *‘away’*, os sentidos podem designar conceitualizações mais concretas ou mais metafóricas, ou seja, a partícula *‘out’*, na VPC *‘go out’*, pode contribuir para o significado total dando a idéia de ‘estar fora’ (‘sentido de visibilidade’), fazendo com que a VPC *‘go out’* seja interpretada como ‘sair’, ‘frequentar’ (linhas 01, 02 e 03 abaixo), mas também pode contribuir dando a idéia de ‘não funcionamento’ (‘sentido de falta de visibilidade’), onde a VPC significaria ‘cair’, ‘falhar’ ou ‘parar de funcionar’ (linhas 04, 05 e 06 abaixo).

02	ooster. His London is more like a cesspool. Simon <b>goes out</b> to nightclubs, where he takes unholy quantities o
02	tually pursues a career in Office Administration, <b>goes out</b> on weekends for Secretary Night at the karaok
03	rs doing everything together. In one ad, a player <b>goes out</b> on a date, and her teammates tag along. In another
04	s lit by pilot lights, so that if the electricity <b>goes out</b> , the stove still works, which to me is more t
05	overflow morgue turned disastrous when the power <b>went out</b> . "As hundreds of corpses lay in their body bags,"
06	, it's very expensive, they have earthquakes, the lights <b>go out</b> . Come look at Albany." At that p

**Linhas de concordância 33: Exemplos de diferentes sentidos de ‘go out’.**

**Questão 3: Que tipo de relação se pode estabelecer entre o significado das partículas nas VPCs e o seu significado quando empregadas de forma isolada?**

Como se pôde observar ao longo do capítulo de análise e discussão de dados, partiu-se do conceito de esquemas imagéticos para representar os significados associados às partículas. Há dois tipos de cenas: a proto-cena e as cenas espaciais. A proto-cena é uma representação do significado mais prototípico da partícula, enquanto as cenas espaciais ilustram os significados mais metafóricos delas.

Verificou-se que as cenas espaciais das partículas analisadas invariavelmente remetem à idéia proposta pela proto-cena, mostrando que, de alguma forma, suas contribuições para o significado total das VPCs em que estão presentes estão relacionadas com o seu significado mais prototípico. Ou seja, através da comparação das cenas espaciais que representam seus

significados metafóricos e suas proto-cenas, que representam seus significados mais prototípicos, pode-se observar ou uma semelhança ou uma forte relação.

Um exemplo de semelhança é a proto-cena da partícula ‘*out*’<sup>222</sup> proposta por Tyler e Evans (2003) e a cena espacial representando o ‘sentido de visibilidade’<sup>223</sup>, e um exemplo de forte relação é a proto-cena da partícula ‘*away*’<sup>224</sup> e a cena espacial que representa o ‘sentido de remoção’<sup>225</sup>. Ao comparar essas figuras, nota-se de imediato a relação entre o significado mais prototípico e o significado mais metafórico. Vale ressaltar ainda que, nas VPCs que têm um significado total mais metafórico, sob um primeiro olhar, parece não haver nenhuma relação entre os significados, porém, considerando as cenas espaciais, percebe-se a relação claramente.

**Questão 4: É possível estabelecer relações entre os sentidos mais concretos e os mais metafóricos (ou abstratos) das partículas nas VPCs?**

Sim. Por serem partículas espaciais, os sentidos mais concretos estão relacionados a movimentos físicos realizados por entidades físicas, como, por exemplo, quando uma pessoa está saindo de uma sala (‘*going out*’) ou se distanciando de outra pessoa (‘*going away*’). No entanto, como se pôde observar nas três análises, as partículas também contribuem com sentidos mais abstratos, gerando uma VPC cujo significado total também é mais abstrato. Conforme já mencionado acima, a VPC ‘*go out*’ pode também significar ‘falhar’, ‘parar de funcionar’, já ‘*go away*’ pode significar se distanciar de casa ou do trabalho a fim de desfrutar de férias ou de um merecido descanso, onde ‘*away*’ está contribuindo com o ‘sentido de afastamento’, mesmo que o afastamento implique um conteúdo maior que o simples afastamento físico de uma entidade.

Estes resultados parecem corroborar as hipóteses de Bolinger (1971). O autor afirma que os significados das partículas podem ser dispostos numa gradiente semântica que em uma extremidade tem significados relacionados à direção ou à posição de entidades físicas, ou seja, concretos, e na outra extremidade, significados abstratos. Lindner (1981) afirma que quanto mais concreto for o significado da partícula na VPC, mais clara é sua contribuição para o

---

<sup>222</sup> Figura 15, p. 104.

<sup>223</sup> Figura 19, p. 111.

<sup>224</sup> Figura 32, p. 145.

<sup>225</sup> Figura 34, p. 152.

significado do todo. Em outras palavras, quanto mais concreto o significado da partícula, maior sua transparência semântica.

Percebe-se então que, da mesma forma que uma partícula pode contribuir para o significado total de uma VPC com sentidos mais concretos ou mais metafóricos, uma mesma VPC pode também ter um significado total mais concreto ou mais metafórico. Embora os verbos não sejam o foco central desta análise, cabe aqui ressaltar que o mesmo ocorre com eles: nos casos analisados, os significados mais prototípicos dos verbos estão associados a movimentos físicos do corpo, como, por exemplo, *'take'*, que significa 'pegar' (com a mão), mas tal verbo também pode estender seu significado e designar 'tomar' ou 'assumir' (como em 'assumir o controle') na VPC *'take over'*.

**Questão 5: Em que medida as evidências empíricas vêm ratificar as propostas teóricas de Tyler e Evans (2003) e Lindner (1981) no que tange à semântica das VPCs?**

Conforme já mencionado anteriormente no capítulo 2, as análises das três partículas observadas foram conduzidas de maneira diferente. A análise da partícula *'out'* teve como base o estudo léxico-semântico de Lindner (1981) sobre tal partícula nas VPCs e o estudo de Tyler e Evans (2003) sobre partículas espaciais. No caso da partícula *'over'*, a análise teve como base apenas o estudo de Tyler e Evans (ibid.). Por fim, a análise da partícula *'away'* não partiu de nenhum estudo e todos os sentidos atribuídos à partícula foram formulados através da observação dos dados. Entretanto, foi seguido o mesmo modelo de análise, estabelecendo-se primeiro um sentido prototípico da partícula para servir de base para a formulação dos outros sentidos.

Em consequência disso, pode-se afirmar que, na primeira análise (*'out'*), os dados observados se enquadram nos sentidos e esquemas imagéticos propostos pelos autores, até mesmo se sobrepondo em alguns casos. Por exemplo, o 'sentido de visibilidade' proposto por Tyler e Evans (2003) se sobrepõe, de certa forma, à noção de 'mudança de ocultação à acessibilidade' proposta por Lindner (1981). Isso ocorre porque o estudo de Lindner (ibid.) é sobre o sentido da partícula nas VPCs, enquanto Tyler e Evans sobre a partícula independente de ela fazer parte de uma VPC.

A partícula ‘*out*’, segundo Tyler e Evans (2003), pode dar a idéia de que, quando a TR está fora da LM, ela está visível. Os autores se utilizam do seguinte exemplo para ilustrar o sentido: ‘*the glasses are on the table out in plain view*’ (‘os óculos estão sobre a mesa bem à vista’); nesse caso a partícula está contribuindo com o ‘sentido de visibilidade’, embora não esteja formando uma VPC. Já no estudo de Lindner (1981), a partícula ‘*out*’ pode estar presente nas VPCs contribuindo com a idéia de ‘mudança de ocultação à acessibilidade’ quando a LM é interpretada como privacidade, ou seja, se algo sair da privacidade, se tornará acessível ao público. A autora (ibid.) utiliza o seguinte exemplo para ilustrar tal noção: ‘*this magazine comes out once a week*’ (‘essa revista sai uma vez por semana’, ou seja, ‘essa revista é de tiragem semanal’).

Em suma, na análise da partícula ‘*out*’, as linhas de concordância com as VPCs selecionadas foram comparadas e enquadradas nos sentidos propostos pelos autores acima mencionados comprovando a relação entre os diferentes significados da partícula nas cinco VPCs analisadas.

Na análise da partícula ‘*over*’, considerou-se somente o estudo de Tyler e Evans (2003), conseqüentemente, não houve sobreposição de sentidos. Em contrapartida, verificou-se um sentido da partícula que não se enquadrou nos sentidos propostos pelos autores. Nesse caso, formulou-se um novo sentido com base nos dados observados – ‘sentido de deslocamento’. Além disso, propôs-se uma cena espacial<sup>226</sup> para representar tal sentido no intuito de ilustrá-lo de forma similar a dos autores.

Pôde-se perceber, ao longo da análise de ‘*out*’ e ‘*over*’, que os esquemas imagéticos propostos por Tyler e Evans (2003) e Lindner (1981) para caracterizar os sentidos das partículas, embora sejam abstrações, são extremamente eficientes para descrever significações mais complexas. Os dados observados, exceto as VPCs com ‘*over*’ que se enquadram no ‘sentido de deslocamento’, se enquadram nos esquemas imagéticos e descrições de sentidos propostas pelos autores.

Finalmente, a análise da partícula ‘*away*’, como já mencionado, não partiu de forma explícita de nenhum estudo prévio. Todas as cenas espaciais e sentidos da partícula foram

---

<sup>226</sup> Ver Figura 31, p. 140.

formulados através da observação e análise semântica dos dados. Espera-se que essa última análise venha a contribuir de alguma forma para a compreensão da semântica da referida partícula. Vale também frisar que a análise da partícula *'away'* envolveu, além de uma observação minuciosa dos dados, certa criatividade e abstração para formular as cenas espaciais e relacioná-las aos sentidos propostos.

Convém, por fim, fazer menção às possíveis limitações do presente trabalho. A primeira delas é que o *corpus* utilizado (ANC) ainda não está na sua versão final. Um *corpus* maior e mais variado poderia resultar em mais sentidos, mesmo sendo analisadas somente cinco VPCs. Mesmo assim, acredita-se que a extensão atual do ANC (aproximadamente 22 milhões de palavras) já permite análises como a aqui apresentada, já que, nesse caso, buscou-se fazer uma investigação das VPCs mais frequentes.

A segunda limitação diz respeito justamente ao número de VPCs analisadas, seria interessante incluir um número maior de VPCs na análise. Obviamente, tal limitação abre precedentes para futuras pesquisas, ou seja, além de incluir mais VPCs observadas, é possível explorar também outras partículas, ou ainda, partir de verbos e não de partículas.

Por fim, outra limitação está ligada à maneira como os dados foram selecionados e coletados. Essa limitação está, de certo modo, relacionada com uma das motivações para realizar tal trabalho. Ou seja, a natureza problemática das VPCs, tanto sintática quanto semântica, impede que sua identificação e extração automática seja uma tarefa fácil. O ANC, conforme já discutido no capítulo 2, é um *corpus* anotado, porém, as anotações atuais disponíveis não contemplam as VPCs. Seria menos trabalhoso fazer a seleção de dados para a presente pesquisa se houvesse um modo de identificar e extrair as VPCs totalmente automaticamente, podendo assim se trabalhar com mais dados de maneira mais ágil.

Espera-se que este trabalho traga contribuições para o ensino-aprendizagem de língua inglesa, uma vez que os resultados apresentam evidências que relacionam as VPCs semanticamente, podendo ser importantes para professores e aprendizes de inglês. Além disso, os resultados da presente pesquisa podem trazer benefícios para o Processamento de Linguagem Natural, contribuindo para a anotação semântica de textos digitalizados. E, por fim, ao focar a contribuição semântica das partículas em VPCs, espera-se abrir caminho para futuras pesquisas sobre tais construções.

## REFERÊNCIAS

ALTENBERG, Bengt. On the phraseology of spoken English: the evidence of recurrent word-combinations. In: COWIE, Anthony P. (org.). **Phraseology: Theory, Analysis, and Applications** (Oxford Studies in Lexicography and Lexicology). Oxford: Oxford University Press, p. 101-122, 1998.

ASTON, Guy. Corpora and Language Teaching. In: BURNARD, Lou; McENERY, Tony (org.). **Rethinking Language Pedagogy from a Corpus Perspective: Papers from the Third International Conference on Teaching and Language Corpora**. Frankfurt am Main; Berlin; Bern; New York; Oxford; Wien: Lang, 2000.

BALDWIN, Timothy; VILLAVICENCIO, Aline. Extracting the Unextractable: A Case Study on Verb-particles. In: **Proceedings of the Sixth Conference on Computational Natural Language Learning (CoNLL 2002)**, Taipei, Taiwan, p. 98-104, 2002.

BALDWIN, Timothy; BANNARD, Colin; TANAKA, Takaaki; WIDDOWS, Dominic. An Empirical Model of Multiword Expression Decomposability. In: **Proceedings of the ACL-2003 Workshop on Multiword Expressions: Analysis, Acquisition and Treatment**, Sapporo, Japan, p. 89-96, 2003.

BANNARD, Colin. **Statistical Techniques for Automatically Inferring the Semantics of Verb-Particle Constructions**. Technical Report WP-06, Universidade de Edinburgo, School of Informatics, 2002. Disponível em: <http://lingo.stanford.edu/pubs/WP-2002-06.pdf>. Acesso em julho de 2007.

BANNARD, Colin; BALDWIN, Timothy. Distributional Models of Preposition Semantics. In: **Proceedings of the ACL-SIGSEM Workshop on the Linguistic Dimensions of Prepositions and their Use in Computational Linguistics Formalisms and Applications**, Toulouse, France, p. 169-80, 2003.

BANNARD, Colin; BALDWIN, Timothy; LASCARIDES, Alex. A statistical approach to the semantics of verb-particles. In: **Proceedings of the ACL Workshop on multiword expressions: analysis, acquisition and treatment**. Sapporo, Japan, p. 65-72. 2003.

BERBER SARDINHA, Tony. Corpus Linguistics: History and Problematization. In: **DELTA**, vol.16, no.2, p.323-367, 2000a. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502000000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005). Acesso em 06/11/2007.

\_\_\_\_\_. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

\_\_\_\_\_. **O que é um corpus representativo**. DIRECT Papers 44 (Working Paper). São Paulo e Liverpool: LAEL & AELSU, 2000b.

BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. **Corpus Linguistics: Investigating language structure and use**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998.

BOLINGER, Dwight. **The Phrasal Verb in English**. Cambridge, Harvard University Press, 1971.

\_\_\_\_\_. **Aspects of Language** (2<sup>nd</sup> Edition). New York, Harcourt Brace Janovich 1975.

CALZOLARI, Nicoletta; FILLMORE, Charles; GRISHMAN, Ralph; IDE, Nancy; LENCI, Antonio; MACLEOD, Catherine; ZAMPOLLI, Alessandro. Towards Best Practice for Multiword Expressions in Computational Lexicons. In: **Proceedings of LREC 2002**, Las Palmas, Canary Islands, p.1934-1940, 2002.

CERMÁK, Frantisek. Combination, collocation and multi-word units. In: HEID, Ulrich, EVERT, Stefan, LEHMANN, Egbert e ROHRER, Christian (org.), **Proceedings of the Ninth EURALEX International Congress (EURALEX 2000)**, Stuttgart: Universität Stuttgart, p. 489-495, 2000.

CORPAS PASTOR, Gloria. Criterios Generales de clasificación del universo fraseológico de las lenguas con ejemplos em español y em inglês. In: EZQUERRA, Alvar, M. e CORPAS PASTOR, G. (org.): **Dicionários, frases, palabras**. Málaga. Universidade de Málaga, p.157-186, 1998.

\_\_\_\_\_. **Las Lenguas de Europa: Estudios de Fraseología, Fraseografía y Traducción**, Granada: Comares, 2000.

COWIE, Anthony P. Multiword lexical units and communicative language teaching. In: ARNAUD, Pierre J.L. e BÉJOINT, Henri (org.) **Vocabulary and Applied Linguistics**, London: Macmillan, p. 1-12, 1992.

\_\_\_\_\_. Phraseology. In: ASHER, R.E. (ed.) **The Encyclopedia of Language and Linguistics**, vol. 6, Oxford e New York: Pergamon, p. 3168-3171, 1994.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CRUSE, D. Alan. **Lexical Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

\_\_\_\_\_. **Meaning in language: An introduction to semantics and pragmatics**. New York: Oxford University Press, 2000.

DIRVEN, René. **The metaphoric in recent cognitive approaches to English phrasal verbs**. In: *metaphorik.de*, vol. 1: p. 39-54, 2001.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: An Introduction**. Hillsdale, New Jersey: LEA e Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

EVANS, Vyvyan, BERGEN, Benjamin K.; ZINKEN, Jörg. **The Cognitive Linguistics Enterprise: An Overview**. Equinox Publishing Company, 2006.

- FRASER, Bruce. **The Verb-Particle Combination in English** The Hague: Mouton, 1976.
- FRAWLEY, William. **Linguistic Semantics**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1992.
- FREGE, Gottlob. **Lógica e filosofia da linguagem** Tradução e edição: Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, 1978.
- GIBBS, Raymond W. Idiomaticity and human cognition. In: EVERAERT, Martin, VAN DER LINDEN, Erik-Jan, SCHENK, André e SCHREUDER, Rob (org.). **Idioms: structural and psychological perspectives**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 97-116, 1995.
- GILQUIN, Gaëtanelle. To take or not to take phraseology into account. The place of multi-word sequences in corpus data and experimental data. In: **Phraseology 2005: The Many Faces of Phraseology**, Louvain-la-Neuve, Belgium, 13-15 October 2005.
- GLÄSER, Rosemarie. The grading of idiomaticity as a presupposition for a taxonomy of idioms. In: HÜLLEN, Werner e SCHULZE, Rainer (org.). **Understanding the Lexicon**. Tübingen: Max Niemeyer, p. 264-279, 1988.
- GRANGER, Sylviane. Pushing back the limits of phraseology: how far can we go? In: **Phraseology 2005: The Many Faces of Phraseology**, Louvain-la-Neuve, Belgium, 13-15 October 2005.
- GRIES, Stefan Th. **Particle movement: a cognitive and functional approach** Cognitive Linguistics vol 10, no.2: p. 105-145. 1999.
- HOEY, M. **Data, description, discourse**. Papers on the English language in honour of John McH Sinclair on his sixtieth birthday. London: HarperCollins, 1993.
- HOEY, M. From concordance to text structure: New uses for computer corpora. In: LEWANDOSWKA-TOMASZCZYK, B. e MELIA, P. J. (Org.), PALC'97 - **Practical Applications in Language Corpora**. Lodz: Lodz University Press, p. 2-22, 1997.
- JACKENDOFF, Ray. **The Architecture of the Language Faculty**. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.
- JANDA, Laura. **Cognitive Linguistics** (SLING2K Position Paper). In: SLING2K Workshop. February, 2000.
- KENNEDY, Graeme. **An Introduction to Corpus Linguistics**. Longman, 1998.
- KIM, Su Nam; BALDWIN, Timothy. Detecting Compositionality of English Verb-Particle Constructions using Semantic Similarity. In: **Proceedings of PACLING 2007**, Melbourne, Australia, p. 40-48, 2007.
- LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. **Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990.

\_\_\_\_\_. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. 2: Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1991

\_\_\_\_\_. **Language and its Structure: Some Fundamental Linguistic Concepts**. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1968.

LEWIS, Michael. **The Lexical Approach**. London: LTP, 1993.

LIMA, G.A.B. Categorização como um processo cognitivo. In: **Ciências & Cognição**; Ano 04, Vol. 11, 156-167, 2007.

LINDNER, Susan. **A lexico-semantic analysis of verb-particle constructions with UP and OUT**. 260 p. Tese de Doutorado. Universidade da Califórnia, San Diego, 1981.

MACIEL, Ana Maria Becker. Novos horizontes para o ensino do léxico. In: **Revista Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, vol. 6 e 7, p. 123-130, 2005.

MCCARTHY, Diana; KELLER, Bill; CARROLL, John. Detecting a continuum of compositionality in phrasal verbs. In: **Proceedings of the ACL 2003 workshop on Multiword expressions: analysis, acquisition and treatment**. Vol. 18, p. 73-80, 2003.

NUNBERG, Geoffrey; WASOW, Thomas; SAG, Ivan A. Idioms. In: **Language**, Vol. 70, No. 3, p. 491-538, 1994.

OLIVEIRA, C.; FREITAS, M. C.; GARRÃO, M.; SANTOS, C. N.; ARANHA, C. N. A Extração de Expressões Multi-Vocabulares: uma Abordagem Estatística. In: **Palavra**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 172-192, 2004.

PATRICK, Jon; FLETCHER, Jeremy. Differentiating Types of Verb-Particle Constructions. In: **Proceedings of Tenth Australian International Conference on Speech Science & Technology**. University of Sydney, Australia, p. 163-170, 2006.

PORTO REQUEJO, Maria Dolores. Making Sense of prepositions in Computer English. In: **Proceedings of Fifth International AELFE Conference**. Universidade de Zaragoza. Espanha, p. 727-732, 2006.

REPPEN, Randi; IDE, Nancy. The American National Corpus: Overall Goals and the First Release. In: **Journal of English Linguistics**, vol. 32; p. 105-113, 2004.

ROHRER, Tim C. Embodiment and Experientialism, Chapter 2 In: GEERAERTS, Dirk e CUYCKENS, Herbert (org.). **The Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford University Press, 2005.

ROSCH, Eleanor. Cognitive representation of semantic categories. In: **Journal of Experimental Psychology**, vol. 104: p. 573-605, 1975.

\_\_\_\_\_. Natural categories. In: **Cognitive Psychology**, vol. 4, p. 328-350, 1973.

SAEED, John I. **Semantics**. Oxford: Blackwell, 1997.

SAG, Ivan A.; BOND, Francis; COPESTAKE, Ann; FLICKINGER, Dan. **Multiword Expressions**. LinGO Working Paper No. 2001-01.

SAG, Ivan; BALDWIN, Timothy; BOND, Francis; COPESTAKE, Ann; FLICKINGER, Dan. Multiword expressions: A pain in the neck for NLP. In: **Proceedings of the Third International Conference on Intelligent Text Processing and Computational Linguistics (CICLING 2002)**, Mexico City, Mexico, pp. 1-15, 2002.

SILVA, Augusto S. A Linguística Cognitiva: Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. In: **Revista Portuguesa de Humanidades**, vol. 1. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, p. 59-101, 1997.

SINCLAIR, John M. **Corpus, Concordance, Collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SMADJA, Frank. Retrieving collocations from text: Xtract. In: **Computational Linguistics**, vol. 19, no. 1, p. 143-177, 1993.

STUBBS, Michael. Collocations and semantic profiles: On the cause of the trouble with quantitative studies. In: **Functions of Language**, vol. 2, no.1, p. 23-55, 1995.

\_\_\_\_\_. **Text and Corpus Analysis: Computer-assisted Studies of Language and Culture**. Oxford e Cambridge: Blackwell, 1996.

\_\_\_\_\_. The Most Natural Thing in the World: Quantitative Data on Multi-Word Sequences in English. In: **Phraseology 2005: The Many Faces of Phraseology**, Louvain-la-Neuve, Belgium, 13-15 October 2005.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics** (2 volumes). Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

TYLER, Andrea; EVANS, Vyvyan. **The Semantics of English Prepositions: Spatial scenes, meaning and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

VALE, Oto Araújo. **Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia**. Tese de doutorado. Araraquara: Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho, 2001.

VILLAVICENCIO, Aline. Verb-Particle Constructions and Lexical Resources. In: BOND, Francis, KORHONEN, Anna, McCARTHY, Diana e VILLAVICENCIO, Aline (org). **Proceedings of the ACL 2003 Workshop on Multiword Expressions: Analysis, Acquisition and Treatment**. Sapporo, Japan, p. 57-64, 2003a.

\_\_\_\_\_. Verb-Particle Constructions in the World Wide Web. In: **Proceedings of the ACL-SIGSEM Workshop on the Linguistic Dimensions of Prepositions and their use in Computational Linguistics Formalisms and Applications**. Toulouse, France. 2003b.

VILLAVICENCIO, Aline; COPESTAKE, Ann. Verb-particle constructions in a computational grammar of English. In: KIM, Jongbok e WECHSLER, Stephen (org.), **Proceedings of the Ninth International Conference on Head-Driven Phrase Structure Grammar**, Kyung-Hee University, Seoul, p. 357-71. Stanford: CSLI Publications. (2003)

WERTHEIMER, Ana Maria. **Sobre a Natureza Problemática das Expressões Idiomáticas: Aspectos Lingüísticos e Psicolingüísticos**. Tese de mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.

\_\_\_\_\_. Um Estudo Comparativo das Expressões Idiomáticas. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, vol. 39, n. 1, março, p. 229-246, 2004.

WURMBRAND, Susi. Heads or Phrases? Particles in Particular. In: WIESE, Richard e KEHREIN, Wolfgang, **Phonology and morphology of the Germanic languages**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag p. 267-296, 1998.

\_\_\_\_\_. **The structure(s) of particle verbs**. Rascunho, março 2000, McGill University, 2000.

## REFERÊNCIAS NA WEB

**ANC** (American National Corpus). Disponível em: <http://americannationalcorpus.org/>. Acesso em fevereiro de 2008.

**AntConc 3.2.1w** - <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/>. Acesso em dezembro de 2007.

**BNC** (British National Corpus). Disponível em: <http://www.natcorp.ox.ac.uk/>. Acesso em dezembro de 2007.

**Dictionary.com**. Disponível em: <http://dictionary.reference.com/>. Acesso em março de 2008.

**EURALEX** (European Association for Lexicography). Disponível em: <http://www.euralex.org/index.html>. Acesso em julho de 2007.

**EUROPHRAS** (European Society of Phraseology). Disponível em: <http://www.euophras.unizh.ch/>. Acesso em julho de 2007.

**ICLA** (International Cognitive Linguistic Association). Disponível em: <http://www.cognitivelinguistics.org/>. Acesso em março de 2007.

**Linguistic Grammars Online** (LinGO). Disponível em: <http://lingo.stanford.edu/>. Acesso em fevereiro de 2007.

**MICASE** (Michigan Corpus of Academic Spoken English). Disponível em: <http://quod.lib.umich.edu/m/micase/>. Acesso em fevereiro de 2008.

**Multiword Expression Project** (Universidade de Stanford). Disponível em <http://mwe.stanford.edu/>. Acesso em novembro de 2007.

**Unicode Standards**. Disponível em: <http://unicode.org/>. Acesso em janeiro de 2008.

**WordNet**: Cognitive Science Laboratory, Princeton University. Disponível em: <http://wordnet.princeton.edu/>. Acesso em abril de 2007.